

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM CIÊNCIAS SOCIAIS - PPGCS/UFSM - MESTRADO

**O MUSEU ESCOLAR DO CEAP:  
*REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA MUSEAL  
E A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA***

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

SANTA MARIA – 2012

**O MUSEU ESCOLAR DO CEAP:  
*REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA MUSEAL  
E A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA.***

Por

Leonardo Borcioni

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Área de concentração em Identidades Sociais e Etnicidade da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM – RS) como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais

Prof. Dr. André Luís Ramos Soares

SANTA MARIA – RS

2012

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova o Texto de Dissertação de Mestrado

**O MUSEU ESCOLAR DO CEAP:  
*REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA MUSEAL  
E A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA***

Elaborada por  
**Leonardo Borcioni**

Como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Mestre em Ciências Sociais**

**COMISSÃO EXAMIDORA**

**Prof. Dr. André Luís Ramos Soares (UFSM)**  
**(Presidente/Orientador)**

**Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM)**

**Prof. Dr. Carlos Roberto da Rosa Rangel (UNIFRA)**

Santa Maria, março de 2012

Este trabalho é dedicado à memória do professor Rolf Steinmetz,  
que obrou incansavelmente.

Agradeço a todos aqueles que contribuíram de uma ou outra maneira para tornar possível a realização deste trabalho.

Em particular, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, através de seus professores e funcionários, por sua solicitude e cordialidade.

Aos meus colegas de aula, pelo seu companheirismo e apoio em todas as horas.

Ao diretor do Colégio Evangélico Augusto Pestana, Sr. Gustavo Malschitzky, por me ter disponibilizado acesso aos documentos e apoio à minha pesquisa, bem como agradeço a disposição de professores e funcionários da Escola em ajudar sempre que possível.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação por me ter oportunizado a realização deste trabalho, bem como auxiliado com suas sugestões e comentários.

Ao meu orientador, Dr. André Soares, por seu prestimoso e inestimável auxílio.

"The greatest enemy of a good plan is the dream of a perfect plan."

(Carl von Clausewitz)

## Resumo

Esta dissertação de mestrado aborda a instituição cultural *Museu Escolar do Colégio Evangélico Augusto Pestana*, de Ijuí, fundado em 1973, a partir de um estudo sobre a constituição de uma memória social em torno de um grupo cultural com conotações étnicas. Problematiza-se, a partir de referenciais teóricos como *memória* e *etnicidade*, conceitos compreendidos em sua dimensão cultural e histórica, de que forma o grupo cultural dos *teuto-evangélicos* de Ijuí elabora estratégias discursivas de pertencimento a um determinado segmento étnico através de uma postura de preservação de um passado histórico, como estratégia de resistência frente à sua aculturação em um contexto marcado pelo multiculturalismo, e perda de referências culturais tradicionais em uma sociedade culturalmente dinâmica. Através de uma política de preservação patrimonial, reunida em torno do Museu Escolar do CEAP, pode-se perceber como os *teutos-evangélicos* de Ijuí se utilizam de discursos de pertencimento ora em relação à Comunidade Evangélica da Ijuí, ora a uma comunidade germânica transnacional, supostamente imaginária, como forma de diferenciação entre este e outros grupos culturais locais, seja como forma de estabelecer uma hierarquia entre o próprio grupo, em torno da autoridade e legitimidade de um determinado discurso histórico. Enfim, procura-se perceber como tais estratégias e discursos de pertencimento a um grupo cultural diferenciado, de conotações étnicas, forma parte de um recurso a uma estratégia ideológica e política que se utiliza de uma história que vem sendo constantemente reelaborada e adaptada a um contexto local e particularizado.

**Palavras-chave:** museu escolar, memória coletiva, grupo cultural e patrimônio histórico.

## Abstract

This Master's thesis addresses the cultural institution "School Museum of the Evangelical School Augusto Pestana", in Ijuí, founded in 1973, from a study on the constitution of a social memory of a cultural group with ethnic connotations. From theoretical references such as memory and ethnicity, this study discusses concepts regarding their historical and cultural dimensions, i.e., the way in which this cultural group of Teutonic Evangelicals in Ijuí produces discursive strategies of belonging to a particular ethnic segment through a posture of preservation of a historic past, as a strategy of resistance to acculturation in a context marked by multiculturalism and loss of traditional cultural references in a culturally dynamic society. Through a policy of heritage preservation, gathered at the school museum mentioned, it is possible to observe how Teutonic Evangelicals in Ijuí use discourses of belonging related to the evangelical community of Ijuí and to a transnational German community, supposedly imaginary, as a way of differentiation between this and other local cultural groups, establishing a hierarchy among their group, based on the authority and legitimacy of a particular historic discourse. This work aims to understand how such strategies and discourses of belonging to a distinct cultural group of ethnic connotations recurs to an ideological and political strategy that uses a history that is being constantly updated and adapted to a local and particularized context.

**Keywords:** school museum, collective memory, cultural group and historical heritage



## Lista de anexos

1. História do CEAP - 1999
2. Carta de Fundação do Museu Escolar do CEAP (“MECEAP”)

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - O povoamento da região noroeste do Rio Grande do Sul.....	25
1.1. Antecedentes históricos .....	26
1.2. A colonização da região noroeste: uma discussão entre o <i>multiculturalismo</i> e o <i>assimilacionismo</i> .....	33
1.3. O Estado Novo: um ponto de convergência de culturas .....	38
CAPÍTULO II –	
O Colégio Evangélico Augusto Pestana – CEAP: reavaliando sua própria história.....	43
2.1. Os primeiros tempos da comunidade escolar .....	45
2.2. Breve resumo sobre os principais acontecimentos relacionados aos primeiros tempos do Colégio Evangélico Augusto Pestana – CEAP .....	55
2.3. O CEAP como realidade multicultural .....	59
CAPÍTULO III –	
O Museu Escolar do CEAP: ecos de um passado [ <i>nem tão</i> ] distante.....	62
3.1. Primeiras aproximações junto ao objeto de estudo .....	62
3.2. O Museu Escolar do CEAP: <i>uma mentalidade preservacionista em formação</i> .....	67
3.3. O(s) museu(s) de etnicidade: um estudo de caso.....	80
3.4. Acerca dos objetos ou <i>a memória em construção</i> .....	90
CAPÍTULO IV - Epílogo: em torno da memória.....	95
4.1. Arno Sommer .....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	103

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	105
PERIÓDICOS PESQUISADOS .....	109
LISTA DE ANEXOS .....	110

## Introdução

O tema central desta dissertação de mestrado em Ciências Sociais diz respeito às relações observadas durante o período em que atuei junto ao Museu Escolar do Colégio Augusto Pestana, de Ijuí, o qual passará doravante a ser denominado como *MECEAP*. Mais precisamente, importa perceber quais as *relações simbólicas* que podem ser derivadas a partir de seu acervo material, isto é, seu patrimônio reunido e alocado nas dependências do Museu ao longo de seus mais de trinta e cinco anos de existência. Pode-se afirmar que tais materiais têm implicações práticas no cotidiano de seus frequentadores, além de sua razão de ser na assistência e auxílio ao processo de ensino-aprendizagem desenvolvido no Colégio Evangélico Augusto Pestana<sup>1</sup> e suas dependências. Investigar quais sejam as implicações que tais relações possuem na formação de um processo que passo a denominá-lo como de formação *étnico-identitária* no sentido da produção de um discurso historicamente localizando é o propósito que ora se coloca. Procuo observar, ainda, como tais estratégias discursivas tomam como ponto de partida o processo de colonização da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul e como este processo desencadeou a produção origem a uma diferenciação étnico-cultural.

Minha pesquisa foi realizada junto ao Museu Escolar do CEAP e os principais períodos temporais de minhas investigações abrangem sempre os meses de outubro de cada ano, entre os anos de 2010 a 2011, ocasião em que podem ser observados mais detidamente alguns aspectos referentes à emergência de memórias e valores ditos *tradicionais*, ambos relacionados à história da escola. Nessas ocasiões, pode-se observar que há a repercussão de dois aspectos que são bastante enfatizados durante os festejos comemorativos da história do Colégio Evangélico Augusto Pestana, o CEAP: sua antiguidade e seu caráter de etnicidade, que fica evidenciado na referência à sua origem como escola *teuto-evangélica*. Esta dissertação em grande parte compreende o esforço em tentar relacionar estes dois processos, em meu entendimento complementares e inclusivos, tomando como base fontes orais,

---

<sup>1</sup> Conforme objetivos propostos na Carta de fundação do Museu Escolar do CEAP, documento em anexo.

documentos históricos e diversas conferências conduzidas por representantes ou autoridades que sejam representativas da administração da Escola, procurando perceber através do conteúdo de seus discursos, que abrangem tanto as esferas *oficial* e *não-oficial*, sobre como compreendem a história da escola e, além disso, como se percebem a si mesmos, isto é, seu caráter como os agentes sociais e produtores de um discurso histórico do qual são sujeitos ativos. Tomei particularmente como referência para as minhas investigações o ano de 2011, ocasião em que a Escola completava cento e doze anos de existência desde sua fundação.<sup>2</sup>

Para as festividades relacionadas aos cento e dez anos de existências da instituição escolar<sup>3</sup> foram promovidas inúmeras atividades envolvendo pais, funcionários, professores, ex-alunos, e até mesmo representantes da Igreja Evangélica de Congregação Luterana do Brasil (IECLB), em sua representação local, entidade que é também a instituição mantenedora da escola. Portanto, mais do que a celebração das atividades de uma escola centenária foi também um encontro entre gerações e propiciou a troca de diferentes experiências, ocasião em que se verificou o aporte e a afirmação de antigos valores em comparação com os valores denominados *modernos*. A Escola apresenta-se hoje como uma instituição de ensino de excelência, que vale-se de alguns indicativos estatísticos qualificativos como aprovações de seus alunos em concursos vestibulares e, atualmente, no desempenho destes na avaliação nacional do ensino médio, o ENEM.

O *Colégio Evangélico Augusto Pestana*, popular e localmente reconhecido como *CEAP* (pronuncia-se se-a-pê) está situado no centro da cidade de Ijuí, município da região noroeste do Rio Grande do Sul. Está localizado entre as ruas José Bonifácio e XV de novembro, no centro comercial e administrativo da cidade, próximo à praça da República. Constitui-se como um estabelecimento de ensino privado, de níveis infantil, fundamental e

---

<sup>2</sup> De acordo com a cronologia proposta no *Breve histórico do Ginásio Evangélico Augusto Pestana*, documento que serviu de base para as datações oficiais da história da escola, atribui-se a data de fundação da mesma ao ano de 1899, e teve como fatores incentivadores e determinantes: o estabelecimento do engenheiro Augusto Pestana, administrador da colônia na localidade; a vinda de agricultores provenientes das colônias antigas, que deram impulso decisivo ao desenvolvimento local, e o esgotamento da disponibilidade da única escola pública disponível, fundada anteriormente. A fundação da escola está, ainda, associada aos nomes de Albino Brendler, Carlos Hintz, Júlio Otto Geiss, Albino Finster e Luiz Keller, citados conjuntamente como os fundadores da mesma. Albino Brendler também foi um dos fundadores da Comunidade Evangélica da Ijuí, a CEI, fundada no ano de 1895 e filiada à Igreja Congregacional Luterana do Brasil - IECLB. Este fato terá repercussões enormes para o ulterior desenvolvimento da escola. IN: *Breve histórico do Ginásio Evangélico Augusto Pestana: da escola da roça ao ginásio moderno*. Elaborado por Henrique Siedenberg e organizado e traduzido por Íris Zwanziger e Ulrich Löw, 1952. p. 05 e ss. Sobre a vida do engenheiro Augusto Pestana e sua relação com a comunidade evangélica de Ijuí, ver FISCHER, Martim. *Augusto Pestana. O homem e sua obra*. 1968

<sup>3</sup> Isto é, em outubro de 2009.

médio e pela sua antiguidade e história é representado como um dos estabelecimentos de ensino mais tradicionais e prestigiados da região. Veicula-se atualmente, através dos meios de divulgação midiáticos como ‘*A Escola da Família*’<sup>4</sup>, slogan adotado durante os últimos anos. A instituição conta, atualmente, em seu quadro de funcionários e professores com aproximadamente cento e dez profissionais.

Como estabelecimento de ensino fundado e subsidiado durante muito tempo por instituições transnacionais, mormente de origem e que mantinham relações privadas com a Alemanha, durante o período compreendido entre os anos de 1942 a 1945, ocasião em que o Brasil engajou-se no conflito armado reconhecido como Segunda Guerra Mundial<sup>5</sup>, ao lado dos países aliados e contra os países do eixo, particularmente contra a Alemanha, a Escola encontrou algumas dificuldades para continuar promovendo suas atividades, embora raramente tenha, a despeito das incontáveis adversidades que sobrevieram da parte do aparelho repressor ideológico do Estado, durante o período *estadonovista*, de interromper suas atividades educacionais. Tal é o tema do qual ocupou-se Brandt (2005 e 2009)<sup>6</sup>, ex-funcionária e diretora da instituição, que analisa os primeiros tempos da escola, fundada por descendentes de imigrantes alemães no final do século dezenove, até o fim do *Estado Novo*, em meados da década de 1940, quando finalmente a instituição superou as suas dificuldades, em grande medida impostas pela conjuntura social e política à época, e estabeleceu-se finalmente como estabelecimento de ensino de referência na região.<sup>7</sup>

Mais precisamente, este estudo foi ensejado, em grande parte, a partir de um conjunto de observações e reflexões realizadas durante o período em que estive envolvido nos trabalhos de catalogação, acondicionamento, organização e demais atividades promovidas pela instituição de cultura Museu Escolar do Colégio Evangélico Augusto Pestana – MECEAP – entidade vinculada ao Colégio Evangélico Augusto Pestana e mantida pelo mesmo, desde sua

---

<sup>4</sup> Conforme consta ao lado do atual logotipo da escola e pode ser consultado através do site oficial da instituição em <http://www.ceap.g12.br/site/>

<sup>5</sup> Para uma análise mais detalhada sobre a conjuntura política que levou o Brasil a alinhar-se ao lado dos aliados e entrar em guerra contra a Alemanha, ver BONALUME NETO, Ricardo. *A nossa segunda guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945*. 1995

<sup>6</sup> BRANDT, Monica. *Instantâneos de uma Escola Alemã no Panorama de uma Colonização Multiétnica: O CEAP em Ijuí*. 2005 e *CEAP – Colégio Evangélico Augusto Pestana. Trajetórias e Lições de Superação de uma Escola: de sua criação (1899) até o fim do Estado Novo (1945)*. 2009.

<sup>7</sup> Idem *ibid*.

fundação, em outubro de 1973, até os dias de hoje. Embora pertença a uma instituição de ensino privada, e um de seus objetivos seja auxiliar no processo de *ensino-aprendizagem* nas dependências da Escola, conforme exposto em sua carta de fundação<sup>8</sup>, o museu è aberto ao público em geral e participa das atividades promovidas pelo SEM, Sistema Estadual de Museu, através de sua representação regional.<sup>9</sup>

Em decorrência da ausência de documentação escrita sobre os primeiros tempos da escola, anteriormente à década de 1940, propus-me, como tarefa de desenvolvimento de um estudo de monografia de conclusão do curso em História, pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI, realizar um trabalho de levantamento de fontes documentais, principalmente junto a periódicos locais,<sup>10</sup> abrangendo o período que vai da década dos anos 1970 até os dias atuais, e alguns escritos comemorativos (publicações veiculadas pela própria escola) além de reunir alguns raros estudos acadêmicos sobre o assunto.<sup>11</sup> Deparei-me com certa regularidade, por parte das fontes consultadas, em privilegiar alguns assuntos constitutivos da história da escola, priorizando elementos de ordem de acréscimo material à estrutura física do que hoje constitui o seu espaço, isto é, seu patrimônio físico e material.<sup>12</sup> Muito poucas referências se podia encontrar acerca de períodos críticos da história da escola, como sua dificuldade na continuação de suas atividades educativas durante o *estadonovismo* e seu relacionamento por vezes conturbado junto a comunidade evangélica de Ijuí, o que pressupõe um investimento simbólico em uma história oficial minimizadora de conflitos.

Meu objetivo, à época, fora tentar perceber os aspectos simbólicos que podiam ser percebidos nos discursos sobre a formação e constituição da escola, bem como a intenção que estava subjacente à fundação de seu museu particular, o Museu escolar do CAEP, em outubro de 1973. Os elementos subjetivos, embora não fossem o tema principal da pesquisa, e que se

---

<sup>8</sup> Conforme consta na Carta de Fundação do Museu, em anexo.

<sup>9</sup> O Museu escolar do CEAP está registrado na 4ª região museológica, cuja sede fica na cidade de Ijuí.

<sup>10</sup> Foram eles principalmente: O Correio Serrano (extinto), O Jornal da Manhã, Hora 'H' e 'O Repórter, todos eles editados em Ijuí e de circulação local.

<sup>11</sup> Dentre alguns, ver LUCHESE, Lígia Carlan. *A Presença das Olimpíadas Evangélicas no contexto do Colégio Evangélico Augusto Pestana (1954-2004)*. Ijuí. 2004

<sup>12</sup> Não se pretende com isso tornar irrelevantes os acréscimos de natureza patrimoniais à estrutura da instituição escolar, mas frisar que os elementos de ordem subjetiva são tão relevantes e presentes quantos esses últimos, embora nem sempre, em uma pesquisa de caráter histórico sejam tão facilmente encontráveis, ou estejam tão postos em evidência. Além da estrutura predial da escola, no centro da cidade, a escola conta, em seu patrimônio físico, com uma área destinada às competições esportivas, lúdicas e de lazer, no bairro Storch, de Ijuí.

encontravam, por assim dizer, implicados na escolha do material preservado nas dependências do museu, e que passaram a constituir o seu acervo permanente, forneciam elementos ora particulares, referentes às pessoas de seus doadores, ora mais genéricos, como material administrativo da escola, de ex-alunos que exerceram destacados papéis na administração pública local e até mesmo doações do consulado alemão. Fazer o levantamento, portanto, de quem eram seus principais colaboradores, quem eram os seus doadores, que tipo de objetos eram doados, com que finalidade o faziam, tudo isso somado às atividades culturais (educativas, pedagógicas) desenvolvidas pelo museu, me levavam cada vez mais à convicção de que se tratava, de fato, de uma instituição cultural com conotações de um exclusivismo étnico, embora por razões de tempo e recursos fosse praticamente impossível fazer uma reconstituição da trajetória desses objetos até seus proprietários de origem, muitos deles já falecidos ou cuja notícia se havia perdido no tempo.

Em resumo, meu propósito foi secundariamente, naquela ocasião, investigar a presença de aspectos subjetivos nos materiais encontrados no museu que pudessem conferir uma certa identidade específica entre o grupo cultural pesquisado, qual seja, os *teuto- evangélicos* de Ijuí, através da instituição Museu Escolar do CEAP, já que muitos deles, mesmo depois de muito tempo, ainda continuavam buscando nas dependências do museu um espaço de referência dentro da Escola, na qual haviam estudado no passado e sobre a qual acalentavam ainda vivas recordações, ou lembranças *reavivadas* pelo convívio social, já que havia por parte de muitos deles a *intenção* em lembrar de algo que pudesse evocar o seu passado, ou simplesmente constituir um vínculo de interesse gregário junto a outros membros da mesma comunidade, muitas vezes proposta como uma comunidade imaginada<sup>13</sup>, onde se estabelecia inclusive diferenças de hierarquia no tocante à autoridade da memória. Foram ocasionalmente os meus interlocutores mais antigos que se mostraram mais interessados em minha pesquisa, que forneciam as informações mais detalhadas e que se demoravam mais em suas explicações.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Utilizar-se-á o conceito de *comunidade imaginada* no sentido proposto por ANDERSON (2005), p. 26 e ss.

<sup>14</sup> Bosi (2006) afirma que as *memórias idosas* constituem campo interessantíssimo de observação e análise, uma vez que as mesmas estão mais desincumbidas das preocupações do presente. BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 2006 p. 60 e ss.



Em seus primeiros tempos de existência, em fins do século dezenove, a Escola fora concebida como uma alternativa à falta de estabelecimentos de ensino elementar na região e objetivava, primeiramente, oferecer ao *grupo étnico dos teuto-descendentes*, da recentemente fundada colônia *Ijuhy*, uma educação básica visando suprir uma necessidade elementar entre este grupo cultural, qual seja, o domínio da palavra escrita<sup>15</sup>, ainda que dadas as particulares da incipiente colônia e a os modestos padrões de vida, à época, não permitissem à Escola oferecer mais do que um conhecimento elementar e básico. Cumpre destacar que o processo de ocupação da porção noroeste do estado levou à ocupação de uma das últimas áreas a ser povoadas e que, portanto, comparativamente a outras regiões de ocupação mais antigas, se caracterizasse por uma baixa densidade populacional, dificuldade de comunicação junto a outros núcleos populacionais e contasse com uma estrutura administrativa local reduzida a poucos recursos.

Uma de minhas principais dificuldades com referência às pesquisas foi não terem sido encontrados registros mais antigos, nos documentos a que tive acesso sobre a história da escola e, conseqüentemente, não se poder apontar com precisão a data exata de fundação do estabelecimento escolar, que mais tarde viria a se tornar o atual *Colégio Evangélico Augusto Pestana*. Pode ser que pelos modestos recursos de que dispunham os primeiros moradores da então recentemente fundada colônia *Ijuhy*, em princípios da *República Velha*, e dadas as proporções reduzidas de ocupação territorial da colônia, sua distância em relação aos centros urbanos e culturais mais expressivamente povoados, como Porto Alegre e alguns núcleos populacionais mais antigos, como a região do vale dos Sinos, além da precariedade dos meios de comunicação disponíveis no final do século dezenove e início do século vinte, não se tenha notícia de que tenha havido alguma preocupação da parte dos primeiros moradores em

---

<sup>15</sup> Conforme se percebe em BRANDT (2009), que se ocupou mais detidamente sobre a história da escola, particularmente durante a primeira metade do século XIX, duas preocupações principais dos imigrantes que se instalaram na recém fundada colônia eram as instituições *Igreja e Escola*, dada a peculiaridade do contingente imigrantista em questão. Conforme a autora: “No espírito norteador dos imigrantes alemães, onde quer que eles se instalassem tratavam logo da construção de sua igreja e de sua escola. Os imigrantes ou descendentes deles, que vieram para a região eram, na sua maioria, de confissão luterana e com procedência das ditas colônias velhas (*Alt Kolonien*) que já se encontravam esgotadas pelo aumento da população. As novas colônias planejadas pelo governo com o intuito de povoar o Noroeste do Rio Grande do Sul passaram a representar a saída para tal esgotamento e Ijuí passou a ser um dos alvos preferidos dos já então, na sua maioria, teuto-brasileiros e de ainda alguns alemães emigrados diretamente para a incipiente colônia.” BRANDT, Monica. *CEAP – Colégio Evangélico Augusto Pestana. Trajetórias e Lições de Superação de uma Escola: de sua criação (1899) até o fim do Estado Novo (1945)*. p. 39

registrar quais teriam sido os objetivos da escola<sup>16</sup>, embora apenas as razões, supracitadas, sejam mais facilmente perceptíveis.<sup>17</sup>

A história da formação étnica da *Colônia Ijuhy* - e compreendo para efeitos de análise que a categoria *étnico* é muitas vezes empregada acriticamente em obras que tratam sobre imigração estrangeira - antiga denominação da cidade de Ijuí, é em certa medida problemática quando a análise incide sobre os complexos mecanismos de coesão e (re)significação dos laços sociais entre os diversos *grupos culturais étnicos*<sup>18</sup> que estejam presentes nessa região.<sup>19</sup> No caso do município de Ijuí, colônia de formação multiétnica por excelência, tal análise torna-se particularmente difícil, uma vez que entre colônias de imigrantes há primeiramente um movimento de assimilação, envolvendo as comunidades de imigrantes, que acabam sendo incorporadas à cultura local. Particularmente isso ocorre mais rapidamente no meio urbano<sup>20</sup>, onde há um convívio maior e mais assíduo entre os membros de uma comunidade, que se expõem às influências externas de outros grupos e, conseqüentemente, influem e sofrem influências de outros grupos. Somente em momento posterior é que ocorre um movimento no sentido de reivindicação e reconhecimento de suas diferenças, isto é, quando se colocam em condição de risco seus referenciais culturais tradicionais, ocasionando sua aculturação e perda de seus referenciais tradicionais de reconhecimento. Conforme Hobsbawn (1984), estabelecem-se *tradições inventadas*, que constituem um conjunto de normas e

---

<sup>16</sup> “O CEAP, (...) foi fundado em 1899. A data exata e seu aparecimento se perde no tempo tanto que o seu aniversário é comemorado junto com o nascimento do patrono, engenheiro Augusto Pestana, oriundo de Porto Alegre e diretor da então Colônia Ijuí. Já havia uma escola aqui em Ijuí. Era a que hoje se tornou no grupo Escolar Rui Barbosa. Era pública e funcionava em um casebre. Com o aumento da colônia, houve por bem instalar um novo local para o ensino das crianças da vila. Surgiu a escola mantida pela comunidade Evangélica, fundada em 1895. A nova escola teve como primeiro professor Max Traunig, recém vindo da Alemanha. Dois anos depois, Traunig deixava a escola e esta entrava em recesso. Algum tempo se passou até que fosse instalada na casa Canônica e começasse a ser chamada Escola Paroquial.” Notícia veiculada no periódico local *Jornal da Manhã*, edição de 26 de maio de 1973, nº 09 ano I p. 06

<sup>17</sup> Com efeito, a primeira publicação impressa a circular no meio urbano de Ijuí foi o periódico cruzaltense *O Correio Serrano*, mais tarde tendo trasladado sua sede para Ijuí e passado a ser impresso nesta cidade desde 1917, portanto, vários anos depois dos acontecimentos supracitados.

<sup>18</sup> É utilizado, aqui, o conceito de identificação recíproca, conforme os critérios elaborados por CUNHA (1986), de onde se deriva que o universo da cultura não forma o pressuposto dos grupos étnico-culturais, mais de certa forma é o resultado de uma interação entre os membros de um determinado grupo que se reconhecem como tal.

<sup>19</sup> Ainda hoje comemora-se, durante o mês de outubro, na semana do aniversário de emancipação da cidade, a denominada *Festa das culturas diversificadas*, onde são promovidos eventos folclóricos organizados pela UETI (União de Etnias de Ijuí), entidade que representa 12 “etnias” presentes em Ijuí, algumas delas presentes como as primeiras famílias a se estabelecer no núcleo colonial. O próprio município é representado, através dos órgãos representativos municipais como *Terra das culturas diversificadas*.

<sup>20</sup> Para Gertz (1987), diversos defensores da ideologia do *Deutschum*, que tinham a não –assimilação como proposta central de seu programa, viam na população camponesa um forte elemento de preservação de sua etnicidade, desde que não migrassem para as cidades. GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. 1987 p. 101

comportamentos no sentido de situar um determinado grupo no tempo e espaço, oferecendo a estes grupos uma continuidade em relação ao passado. Tal movimento consiste em um reiterado processo de busca de suas origens, que oferece um referencial simbólico de comportamento e fornece mecanismos de coesão e solidariedade entre os membros destes grupos. No presente caso, são analisados os discursos em torno da origem de um determinado grupo étnico, o do *teuto-alemães* de Ijuí, e os valores que constituem uma referência simbólica para esse grupo, como a preservação de sua língua e costumes. Particularmente, se procura investigar como tais valores podem conferir um aspecto *identitário* para este grupo.

Seja entre os habitantes oriundos das denominadas *colônias velhas* (*Alt Kolonien*), como eram denominadas as localidades que primeiramente serviram como lugar de assentamento para estes imigrantes de primeira geração, ou a partir de lugares que rapidamente se encontravam saturados de uma população excedente e, por essa razão, passaram a servir como centros de difusão de migrantes; seja entre os imigrantes inteiramente novos, provenientes de estados nacionais da Europa, a falta de informações sobre os seus locais de origem, juntamente com o desconhecimento da situação sócio-política pela qual passava a Europa em meados do século dezenove, corroborou alguns estereótipos e ideias pré-concebidas acerca desses imigrantes. No caso da colônia *Ijuhy*, configura-se a difusão de um discurso de *germanidade* que independe do local de origem desses imigrantes, muitos deles denominados teuto-russos, teuto-poloneses, os quais eram reconhecidos todos pela mesma denominação, *alemães*<sup>21</sup>, o que por vezes empresta, em obras que se referem à colonização de Ijuí, o caráter de *colônia alemã*. Alguns destes primeiros imigrantes procuraram, contudo, independentemente de sua origem nacional ou regional, nesses primeiros tempos de colônia que se estava formando, viabilizar algumas formas de sociabilidade através da criação de instituições que forneciam uma referência de identidade e mecanismos de coesão social, como lugares de culto religioso, os clubes e as associações de todos os tipos. Investigar, portanto, o caráter étnico desses primeiros imigrantes constitui problema à parte, em que me detenho apenas parcialmente por constituir parte de minha argumentação.

---

<sup>21</sup> Conforme MELLO (2007), o que conferiu a Ijuí o status de colônia alemã foi que muitos dos postos em evidência na indústria, comércio e administração pública eram ocupados por *alemães*. In: MELLO, Gilvan Oliveira. *Congregação Evangélica Luterana "São Paulo" Linha 08 Oeste. Ijuí – RS: Relações de poder na comunidade 1898 – 1926*. 2007 p.16

Não se pode, contudo, inferir a partir de algumas reflexões<sup>22</sup>, trazidas por alguns autores que analisam o processo de imigração no estado do Rio Grande do Sul, que todo este contingente, constituído por estes primeiros imigrantes tivessem clareza sobre a sua situação como grupo étnico diferenciado, exceto de que se tratava de imigrantes e estrangeiros. Muitos deles eram habitantes de zonas rurais e encontravam-se, pela sua própria condição de trabalhadores do campo, à margem do mundo urbano, compreendido como o mundo da escrita. Em momento posterior se encontravam enraizados em comunidades que ainda mantinham certa homogeneidade no plano cultural, os chamados ‘*quistos étnicos*’, ou comunidades de imigrantes caracterizadas pela pouca diferenciação social, alto grau de solidariedade entre os membros desses grupo e poucas ocorrências de conflitos. Conforme Gertz (1987), que analisa o processo mobilização política entre teuto-descendentes durante fins do século dezanove e início do século vinte no Brasil, as autoridades políticas, antes do período *estadonovista*, costumavam não intervir no modo de vida dessas comunidades de imigrantes, desde que as mesmas não reivindicassem representação política ou interferissem nos rumos da administração local.

Tentou-se perceber, em entrevistas realizadas junto a frequentadores das dependências do museu escolar, de que modo as gerações passadas, que viveram durante a maior parte de suas vidas e acompanharam o desenvolvimento e as transformações ocorridas no município de Ijuí, possuem sobre estes acontecimentos e quais foram, em sua opinião, os desdobramentos que tais acontecimentos produziram no que se refere aos usos de idiomas de origem e costumes. Este, penso, é um dos aspectos mais importantes do trabalho, uma vez que se refere a uma memória muitas vezes compartilhada entre este grupo, e que está sendo constantemente atualizada e revista. Sobre o conceito de memória compartilhada, se vai utilizar o conceito desenvolvido por Maurice Halbwachs (2006), tomando como referência a memória coletiva, ou seja, a memória socialmente construída em torno de um grupo,<sup>23</sup> que dá

---

<sup>22</sup> Conforme CANABARRO (2011), que relaciona as identidades culturais através de manifestações da fotografia, como resultado e expressão do lugar ocupado pelos atores sociais, existe uma tendência em designar os grupos culturais como alemães, italianos, poloneses que se baseia em uma tipificação baseada em critérios de auto-identificação. Assim, se procura também diagnosticar lugares específicos ocupados por esses grupos culturais, tais como o espaço urbano pelos alemães, etc. CANABARRO, Ivo dos Santos. *Dimensões da Cultura fotográfica no sul do Brasil*. 2011 p. 70 e ss.

<sup>23</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2006 p. 41 e ss.

sentido à vida social do mesmo, além de lhe oferecer um referencial de pertencimento e uma orientação de como agir e proceder no mundo.

Este estudo consiste, portanto, em um esforço de análise e que pretende transitar entre duas esferas complementares e, ao fim, elaborar uma tentativa de relacionar as ciências da *Antropologia* e a *História*. Para Demartini (1999), ambas as áreas têm privilegiado a história oral como fonte de conhecimento, embora a História se ocupe preferencialmente da dimensão narrativa dos relatos orais e a antropologia se tenha ocupado mais sobre as metodologias de recolha dos dados.<sup>24</sup> Ambos os métodos, porém, são indispensáveis e onde os documentos escritos vierem a mostrar-se insuficientes, se procurará complementar com fontes de natureza orais bem como utilizar-se-á de explicações causais que porventura vier a se sentir necessidade, e também no sentido contrário, tentando elucidar algumas lacunas, existentes nos documentos escritos, com fontes de natureza oral.

O texto que aqui se apresenta vai dividido em três partes. No primeiro capítulo, procura-se encetar uma discussão, tomando por base o processo específico de colonização da região noroeste do estado Rio Grande do Sul, a partir do final do século dezenove, buscando refletir acerca do processo de formação de identidades culturais a partir dos conceitos de *origem* e *assimilação*, em particular se buscando empreender um esforço no sentido de compreender quais sejam os mecanismos de sociabilidade, presentes nos primeiros tempos de colonização, bem como as transformações advindas a partir do processo de *nacionalização* e perda de referenciais identitários, a partir do movimento ideológico ocorrido nas décadas de 1930 e 1940, que culminou na repressão a manifestações taxadas de estrangeiristas e referenciais identitários exógenos e que incidiu no modo de vida destas comunidades tendo resultado na formação de uma nova postura para o ensino. Compreendo que o *estadonovismo* como um corte epistemológico profundo e decisivo na vida destas comunidades. Pode-se aproximar esta noção de ruptura com a dualidade proposta por Sahlins (1994), para quem a história é ordenada culturalmente através de diferentes modos nas diversas sociedades, e tal ordem está em conformidade com os esquemas de significação das coisas nessas mesmas sociedades. Também os esquemas culturais são ordenados historicamente, uma vez que os significados são reavaliados constantemente na própria prática, dando um curso diferente aos

---

<sup>24</sup> DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. *Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa*. IN: LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (org.) Reflexões sobre a pesquisa sociológica. 1999. p. 33

acontecimentos.<sup>25</sup> Assim, o a repressão ideológica encetada durante o Estado Novo pode ser compreendida com um *evento*, já que representa a relação entre um acontecimento e uma *estrutura*, com consequências que se manifestaram mais tarde na vida destas comunidades. Procuo, também, perceber quais as implicações dessas transformações levando em conta as particularidades do contexto local. A partir dessa especificidade, que se pode denominar como de matriz multiculturalista, que caracterizou o processo de povoamento da porção noroeste do estado, tangencialmente busca-se estabelecer uma relação entre o discurso de multiplicidade e diversidade étnica nos dias atuais e um reiterado investimento simbólico na busca de origem e manutenção de *tradições inventadas*.

O segundo capítulo constitui um breve histórico sobre a fundação do Colégio Evangélico Augusto Pestana, em fins do século dezenove, a partir a iniciativa de um grupo cultural específico, os *teuto-evangélicos* ou *teuto-descendentes* de Ijuí, diante do argumento da necessidade de suprir a alfabetização de seus filhos. Procuo demonstrar como desde os seus primeiros tempos, o Colégio Evangélico Augusto Pestana esteve vinculado à Comunidade Evangélica de Ijuí, entidade junto à qual durante seus primeiros anos de atividade passou a manter uma relação de cooperação e complementaridade, ora promovendo um afastamento, ora uma aproximação e cujo ponto mais expressivo dessa relação foi a decisão da comunidade escolar em manter-se sob a tutela da comunidade evangélica, sob pena de ter de interromper suas atividades educacionais durante o período de nacionalização do ensino, durante o *Estado Novo*. É possível perceber, a partir de uma análise documental, como na ausência de material escrito anterior à Segunda Guerra Mundial, buscou-se, a partir dos fragmentos da *memória* dos personagens que tomaram parte nos acontecimentos relacionados aos primeiros tempos da Escola, a reconstituição destes primeiros tempos escolares e como essa visão foi perpetuada e reproduzida até finalmente apresentar-se como a história oficial da escola.

No terceiro capítulo, se analisa a fundação do Museu Escolar do Colégio Evangélico Augusto Pestana, a partir do início da década de 1970, com o propósito de preservar a história da escola e auxiliar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da referida instituição. Entretanto, fica claro, a partir da análise de relatórios de atividades promovidas pelo museu,

---

<sup>25</sup> SAHLINS, Marshall. *Ilhas da História*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1994. p. 07 e ss.

bem como no inventário do material encontrado nessa instituição, como este espaço, vinculado à Escola, na prática serve como uma referência material que fornece elementos simbólicos que são reelaborados constantemente e fornecem o substrato para um discurso que faz referência constante a um passado caracterizado pela atuação e atividade dos *teuto-evangélicos* na Escola, e também na cidade de Ijuí. Finalmente, como se pretende demonstrar, o museu pode ser compreendido como um espaço de referência identitária entre o grupo dos teuto-evangélicos de Ijuí e que abrange além destes, demais membros externos da comunidade evangélica de Ijuí, promovendo uma aproximação junto a uma comunidade de origem e que compartilharia, portanto, os mesmos valores. O museu, por conseguinte, pode ser percebido como um espaço de embate simbólico, sobre que tipo de memória se deseja preservar.<sup>26</sup> Percebe-se, no discurso de alguns de meus interlocutores, uma dupla preocupação, que incide ora sobre um receio com a perda da *memória* dos primeiros imigrantes e, portanto, o museu constitui um espaço privilegiado de alocação dessas memórias, ora sobre a perda da *identidade* da escola nos dias atuais, a qual teve de adaptar-se às modernas diretrizes normativas das instituições de ensino e, por isso, teria deixado de priorizar seu caráter identitário e perdido sua dimensão de escola comunitária.<sup>27</sup>

Embora não se apresente como uma preocupação essencial e função específica do Museu Escolar do CEAP, conforme objetivos propostos em sua carta de fundação o discurso de pertencimento a um determinado segmento étnico, conforme exposto, fica evidenciado na formação de uma identidade *teuto-evangélica*, que por sua vez encontra uma contrapartida e afirmação de sua missão como instituição conciliadora na recente assimilação do acervo pertencente ao Museu Albin Brendler, instituição pertencente à Comunidade Evangélica de Ijuí - e atualmente extinto - ao acervo permanente do Museu Escolar do CEAP. A presença de amplo material relacionado a assuntos teológicos da Igreja luterana, da comunidade evangélica e, por fim, por meio de palestras e oficinas para alunos do ensino fundamental, onde frequentemente são apresentados os pilares que orientaram a formação da Escola, como a *religião*, a *língua alemã*, o *esporte* e *as artes*, formam parte de um e mesmo

<sup>26</sup> Conforme CHAGAS (2006), Os museus constituem lugares de memória e poder. Tais conceitos estão permanentemente articulados e presentes em toda instituição museológica. CHAGAS, Mario de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. 2006 p. 31

<sup>27</sup> SOMMER (1984) já manifestara, à época em que redigiu suas *memórias*, preocupação com o futuro das escolas comunitárias, isto é, escolas fundadas por imigrantes. Embora tal redação só tenha vindo a público em meados da década de 1980, como o autor falecera mais de 10 anos antes, se pode presumir que essa preocupação tenha estado presente à época da fundação do MECEAP. *Sobreviverá a Escola Comunitária?* IN: SOMMER, Arno. *Reminiscências da Colônia Teutônia – Estrela. Décadas 20 e 30*. 1984 p. 103 e ss.

processo, que ganha força a cada dia, e que pode-se enfim denominá-lo como um reiterado movimento pelas origens, pela busca de uma continuidade em relação ao passado, pela busca de uma *identidade*.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Conforme BERGER e LUCKMANN (1985) o processo de reconhecimento identitário se dá mediante um processo de dialética entre a estrutura social e as relações sociais. BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 1985 p. 228 e ss.



## CAPÍTULO I

### O povoamento da região noroeste do Rio Grande do Sul

Neste capítulo se pretende apresentar algumas tendências da historiografia riograndense sobre o processo de colonização ocorrido no estado do Rio Grande do Sul, priorizando o período de colonização compreendido a partir do século dezenove sem, contudo, empreender um levantamento exaustivo sobre o tema, bem como apontar seus alcances e limitações. Compreende-se que a bibliografia sobre o tema é bastante extensa, não sendo o propósito, aqui, escrever uma obra sobre a imigração européia em direção ao atual estado do Rio Grande do Sul, mas problematizar alguns aspectos históricos que motivaram a vinda de imigrantes europeus para o sul do Brasil, e de que forma as regiões ocupadas por imigrantes foram inseridas em um contexto econômico mais amplo, o que por vezes fornece algumas explicações de como se deu este processo bem como auxilia a compreender o caráter e peculiaridades que tais núcleos populacionais vieram a assumir posteriormente, particularmente no que se refere a seus aspectos culturais.<sup>29</sup>

De forma geral, pode observar-se que a bibliografia sobre o tema da imigração europeia no Rio Grande do Sul aponta alguns aspectos relevantes, que no presente estudo podem ser resumidos basicamente em três tendências principais: as disputas políticas sobre o direito de propriedade e da posse do Rio do Grande do Sul, envolvendo as coroas de Espanha e Portugal, já que ambas possuíam um *interesse estratégico* na região; a ocupação efetiva de territórios desocupados, ou parcamente ocupados, abrangendo a área do atual estado do Rio Grande do Sul, com o desenvolvimento de uma economia de subsistência, alicerçada na pequena propriedade familiar, atividade esta complementar à grande atividade agropecuária, desenvolvida na porção meridional do Rio Grande do Sul, o que pode ser caracterizado como

---

<sup>29</sup> Um dos mais discutidos conceitos em ciências sociais é o conceito de *cultura*. Cultura aqui pode ser compreendida como um universo de práticas e crenças disseminadas no meio de um determinado grupo ou segmento que compartilha um universo de significados. A cultura, portanto, não possui valor normativo, mas é uma categoria de análise contextual. Refiro-me ao conceito de cultura desenvolvido por GEERTZ (1978), para quem a cultura constitui uma rede de relações e significados produzidos pelos próprios homens. A ciência da antropologia é busca e análise dessas relações. GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. 1978 p. 15 e ss.

*interesse econômico*; e, por fim, o povoamento da região sul do Brasil com uma população branca, de origem europeia, que já à época de sua independência política o Brasil possuía um contingente significativo de populações cativas de origem afro-descendentes, às quais se atribuía uma tendência desagregadora e que podia vir a colocar em risco os interesses políticos da elite luso-brasileira.<sup>30</sup> Esta última, aliada às teorias racialistas, disseminadas durante os séculos dezoito e dezenove, constituía um *interesse político* e buscava-se, através da importação de trabalhadores brancos, prover de populações de origem europeia e *eugenizar* o país.<sup>31</sup>

### 1.1. Antecedentes históricos

O estado do Rio Grande do Sul, pela própria dinâmica de ocupação territorial e de seu processo de povoamento colonial, formação populacional e processo de incorporação ao estado nacional brasileiro, ocupa lugar à parte na historiografia e formação do estado nacional brasileiro. Conforme Ribeiro (2006), apresenta-se como uma área de confluência de diversas culturas, tão diferentes entre si que emprestaram a essa região um caráter peculiar e original, não se podendo tratá-la como uma área culturalmente homogênea.<sup>32</sup> Há mesmo, no entendimento de RIBEIRO, uma diferenciação entre o *gaúcho*, cultura que se desenvolveu no atual território do Rio Grande do Sul em comparação com o restante do Brasil, tendência que mais tarde emprestou ao estado uma postura de oposição aos centros administrativos políticos da nação.

A região noroeste do estado, de acordo com BRUM (1998), ocupa atualmente uma porção do estado do Rio Grande do Sul e compreende uma área de 42.172 km quadrados, contando com uma população de aproximadamente 1 milhão e 300 mil habitantes e abrangendo uma área correspondente a 15% da superfície do Estado e 13,5% de sua

---

<sup>30</sup> BOSI (1992) demonstra em *Dialética da Colonização* como as elites políticas brasileiras, à época da independência (1822), através de uma manipulação das normas jurídicas e do ideário liberal conseguiu levar ao limite a propriedade fundiária e a ordem escravista. A ordem escravista, porém, tendia a chegar em um impasse. BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 1992 p. 195 e ss.

<sup>31</sup> Embora não se vá entrar em detalhes, algumas das teorias racialistas divulgadas no Brasil ao fim do século XIX e início do XX encontram-se expressas por SEYFERTH (2005) em seu texto *A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos*. In: Anuário antropológico 93. 1995. p. 175-203.

<sup>32</sup> RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2006 p. 369 e ss.

população.<sup>33</sup> Conta a região com a presença de 103 municípios e apresenta uma densidade demográfica de 31 habitantes por km quadrado.<sup>34</sup> Ainda conforme BRUM (1998), a configuração do tipo de vegetação encontrada no Rio Grande do Sul, em grande medida determinou o tipo de contingentes populacionais que em diferentes fases vieram a constituir a ocupação efetiva do território do Rio Grande do Sul, destacando-se uma diferenciação bastante clara entre as metades sul e norte do estado. Segundo o mesmo autor:

Assim como no restante do estado, a vegetação original que cobria esse território, antes de sua ocupação pelos europeus, compreendia duas formações distintas: uma área de mata tropical e subtropical nativa e variada, predominante e em lento processo de avanço, e áreas de campo, que formavam a retaguarda da extensa planície pastoril do pampa gaúcho, uruguaio e argentino que tem sua convergência no estuário do Rio da Prata. Esses dois tipos de vegetação original condicionaram fortemente a ocupação do território e a formação social.<sup>35</sup>

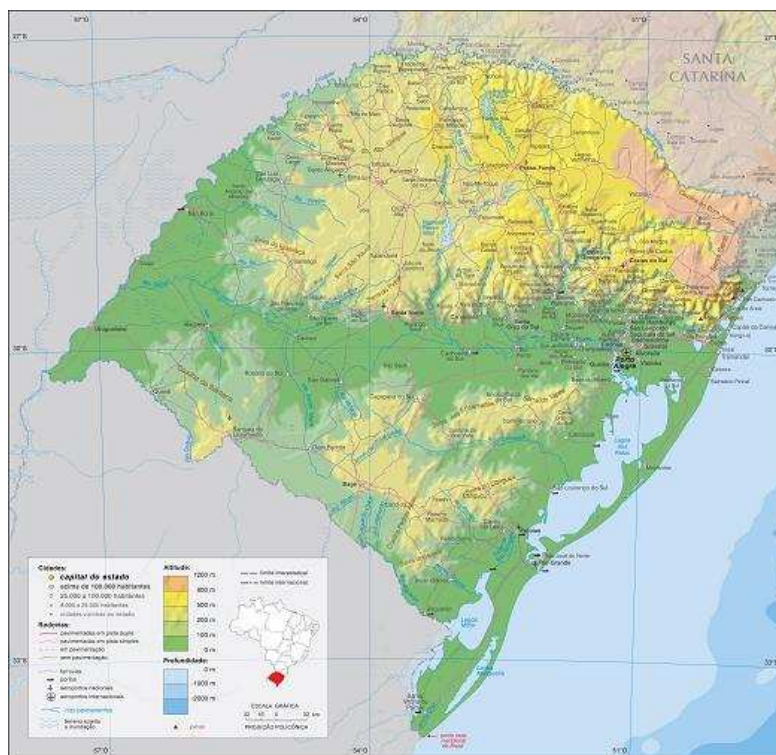
---

<sup>33</sup> Dados compilados a partir do senso do IBGE correspondente ao ano de 1996. Embora estes dados sejam razoavelmente antigos, oferece pontos de comparação em relação ao restante do estado que se têm mantido constantes.

<sup>34</sup> BRUM, Argemiro J. *Universidade regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul: UNIJUI: uma experiência de universidade comunitária: sua história, suas idéias*. 1998 p. 17

<sup>35</sup> Idem Ibid.

Figura 1: Mapa físico e político atual do Rio Grande do Sul.<sup>36</sup>



A efetiva ocupação do território do atual estado do Rio Grande do Sul, devido às poucas oportunidades que o mesmo oferecia em termos de inserção à grande economia nacional, alicerçada sobre monoculturas extensivas, se viabilizou de forma complementar à economia metropolitana e foi praticamente esquecida durante o tempo do Brasil Colônia. O território do Rio Grande do Sul, por estar compreendido entre regiões limítrofes entre dois estados, tornou-se objeto de litígio e moeda de troca entre as coroas de Espanha e Portugal.<sup>37</sup> Conforme DARONCO (2006) foi somente em meados do século dezessete, com as

<sup>36</sup> Disponível em [http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/rs\\_mapa.htm](http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/mapas/rs_mapa.htm)

<sup>37</sup> BRUM, Argemiro J. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul: UNIUI: uma experiência de universidade comunitária: sua história, suas idéias. 1998 p. 18-19. Com efeito, a bibliografia consultada sobre a história do Rio Grande do Sul faz referência às primeiras experiências de povoamento com as reduções jesuítas espanholas a partir do século dezessete. Assim o fazem CANABARRO (2011), DARONCO (2006) e outros, que poucas alusões fazem às culturas pré-ibéricas habitantes do território rio-grandense. Constitui exceção a obra de LAZZAROTTO (2002), *História de Ijuí*. LAZZAROTTO, pela sua formação interdisciplinar em arqueologia oferece discussão mais detalhada sobre os povos denominados indígenas anteriormente à colonização europeia, mas constitui exceção aos textos pesquisados. LAZZAROTTO, Danilo. *História da Ijuí*. 2002. p. 19 e ss.

experiências das reduções jesuítas, promovidas por missionários espanhóis, que se deu a primeira tentativa de ocupação e povoamento do Estado.

O antecedente de que a região era habitada anteriormente ao século dezessete, por povos indígenas, também consta na obra de BRUM (1998) que os identifica como de origem cultural *guarani* e *caingangue* (este último, que em língua indígena quer significa ‘morador do mato’). Durante os séculos dezessete e dezoito, essas populações nativas aprovizionaram as Reduções Jesuítas, tendo se constituído como a sua principal população. A partir do século dezessete, mais precisamente entre os anos de 1636 a 1641, as Missões, como também eram denominadas, foram destruídas por bandeirantes paulistas, que investiam contra as populações indígenas no intuito de escravizá-las e vendê-las. As sucessivas investidas dos bandeirantes paulistas, ou mamelucos, como os denomina RIBEIRO (2006), pôs termo à primeira tentativa sistematizada de ocupação do território, ou no mínimo refreou por alguns anos este processo. Houve, no entanto, um segundo ciclo de tentativa de povoamento da região, com novas reduções jesuíticas, desta vez arrasadas na segunda metade do século dezoito por exércitos combinados de Espanha e Portugal, pondo fim ao empreendimento de povoamento permanente na região.<sup>38</sup>

Conforme DARONCO (2006), o primeiro núcleo de povoamento permanente, após período de desinteresse e letargia por parte das coroas de Espanha e Portugal, foram as reduções das comunidades guaranis, por parte de missionários espanhóis da Companhia de Jesus, oriundos do Paraguai, a partir da primeira metade do século dezessete, tendo encontrado as populações nativas vivendo através de sua tradicional organização social e econômica. Além da atividade catequizadora, as reduções se baseavam em um modelo de produção de excedentes, adaptada ao contexto local, onde essas comunidades indígenas foram assimiladas às novas técnicas de trabalho, que tinham por base econômica a pecuária de bovinos, muares, cavalares e produção de artesanato.<sup>39</sup> Após a destruição das missões jesuíticas, o gado que servira de base econômica na região das missões dispersou-se pelo território do Rio Grande do Sul, reproduzindo-se livremente pela região de campos, o qual mais tarde passará a assumir relevante papel no desenvolvimento de uma economia local.

---

<sup>38</sup> BRUM, Argemiro J. *Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul: UNIJUI: uma experiência de universidade comunitária: sua história, suas idéias*. 1998 p. 18

<sup>39</sup> DARONCO, Leandro Jorge. *À sombra da Cruz. Trabalho e resistência servil no noroeste do Rio Grande do Sul – segundo os processos criminais (1840-1888)*. 2006 p. 37

Às experiências das reduções jesuíticas seguiu-se a ocupação da região dos campos desabitados a partir da metade sul do estado, ocupação caracterizada como um modelo de produção agro-pastoril ao longo do rio da Prata. Esta ocupação, no caso específico do Rio Grande do Sul, pode ser caracterizada como de origem luso-brasileira, ocupando largas extensões de propriedade, *latifúndio*, e o emprego de mão de obra escrava<sup>40</sup>, guardando semelhanças culturais com outros núcleos populacionais ao longo da mesma região. O povoamento da porção sul do estado e o desenvolvimento de uma atividade econômica específica, de acordo com BRUM (1998), está condicionada conforme o tipo de vegetação nativa e a atividade econômica, que nela desenvolveu-se, tendo se priorizado a ocupação da região de campos, concentradas majoritariamente na metade sul. A porção setentrional do estado oferecia poucos atrativos e durante muito tempo despreocupou-se dos territórios de mata nativa, uma vez que os mesmos não ofereciam viabilidade econômica imediata.<sup>41</sup>

Partindo da compreensão de que em meados do século dezoito, a ocupação do território rio-grandense apresentava já algumas tentativas de ocupação territorial, mais ou menos bem-sucedidas, conforme se adaptassem ao entorno ecológico, pode-se considerar que após a experiência da civilização guaraníca, dos núcleos populacionais açorianos, ao longo do litoral, e da ocupação da região de campos, mormente concentradas na metade sul, o primeiro núcleo de povoamento permanente e que consistiu na primeira experiência com a ocupação de regiões desocupadas do Rio Grande do Sul foi o estabelecimento de colonos de origem alemã em São Leopoldo, no vale do rio dos Sinos, em 1824.<sup>42</sup> A política de imigração

---

<sup>40</sup> MAESTRI, Mario. A região colonial italiana do Rio Grande do Sul: a construção da memória. IN. TEDESCO, João Carlos e ZANINI, Maria Catarina C. (org.). *Migrantes ao Sul do Brasil*. 2010. p. 85

<sup>41</sup> “*Os integrantes dessas duas categorias que aqui aportaram [militares e tropeiros] estabeleceram grandes estâncias de criação de gado vacum, muar e cavalari, de acordo com a estratégia oficial de consolidar a conquista militar e política e construir a necessária base econômica. Aos estancieiros interessava o controle das áreas de campo, para o pastoreio de gado, a principal riqueza econômica da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, sendo a mata considerada um estorvo à viabilização de seus interesses econômicos.*” BRUM, Argemiro J. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul: UNIJUI: uma experiência de universidade comunitária: sua história, suas idéias. 1998 p. 19

<sup>42</sup> Os primeiros imigrantes de origem germânica que se dirigiram ao Vale do Rio dos Sinos podem ser considerados como o primeiro e efetivo assentamento com propósitos de ocupação de terras desabitadas com contingentes de imigrantes europeus. Conforme MARQUES (2002) “*A imperatriz Dona Leopoldina, de origem alemã, teve papel decisivo na imigração alemã para o Brasil. Por portaria do governo imperial, datada de 31 de março de 1824, o Presidente da Província era notificado de que fora decidido fundar uma colônia de alemães na Feitoria do Linho e Cânhamo. Já em 24 de julho desembarcava um primeiro grupo de imigrantes na Feitoria que se chamaria Colônia Alemã de São Leopoldo, em homenagem à imperatriz Dona Leopoldina. Entre os primeiros imigrantes figuravam um ministro evangélico, dois médicos, um farmacêutico, dois comerciantes, um alfaiate, um sapateiro, quatro carpinteiros, um pedreiro, um pintor, um ferreiro, dois seleiros, dois canoeiros, um empregado em indústria de papel, um joalheiro, dois jardineiros e dezesseis agricultores. Eram*

encetada durante o Império tinha por objetivos a ocupação estratégica de regiões despovoadas, no sul do Brasil, e se caracterizou pela presença de pequenas propriedades rurais e o desenvolvimento de uma atividade econômica complementar à grande atividade agro-pastoril desenvolvida na região da campanha, na metade sul do estado. Tinha como objetivo secundário a substituição paulatina da mão de obra cativa, de origem africana, por trabalhadores livres, e o consequente branqueamento da população brasileira através da introdução de imigrantes estrangeiros, que se iriam mesclar ao elemento local.<sup>43</sup>

MAGALHÃES (1998) também aponta no sentido do desenvolvimento de uma economia subsidiária e de finalidade complementar, por parte desses primeiros contingentes populacionais trazidos do exterior para habitar áreas despovoadas. Tais populações viriam a se caracterizar pela realização de atividades agrárias em pequenas propriedades agrícolas, com o emprego de mão de obra familiar e o desenvolvimento da prática de um modelo econômico relativamente autônomo em relação às bases econômicas centrais, porém complementar. Conforme esclarece a autora, em relação às atividades econômicas desenvolvidas por esses primeiros imigrantes havia secundariamente um interesse estratégico no estabelecimento de colônias:

Esses novos núcleos de povoamento visavam o preenchimento de vazios demográficos em regiões de fronteira, garantindo assim a integridade do território, bem como o suprimento de bens alimentares para o mercado interno.<sup>44</sup>

Conforme GERTZ (1987), à época do estabelecimento de colonos de origem alemã na região do vale dos Sinos (São Leopoldo) o Rio Grande do Sul contava com uma população de 100 mil habitantes, concentrados principalmente no leste (ocupação litorânea) e em parte no sudeste (ocupação dos campos). A característica deste último tipo do povoamento consistia na prática de uma pecuária do tipo extensiva, nos campos, que se utilizava de vastas extensões de terra, *latifúndio*, em contraposição a uma ocupação litorânea de origem açoriana,

---

*representantes de variadas profissões, expulsos pela economia capitalista [de seus lugares de origem].” IN: MARQUES, Mario Osório. *Ijuí (RS): uma cultura diversificada*. 2002. p. 20 e ss.*

<sup>43</sup> GERTZ, René E. *Estudos sobre imigração alemã: experiência pessoal*. IN: TEDESCO, João Carlos e ZANINI, Maria Catarina C (org.). *Migrantes ao Sul do Brasil*. ed. da UFSM. Santa Maria. 2010 p. 120

<sup>44</sup> MAGALHÃES, Marionilde de Brephohl. *Pangermanismo e Nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil*. 1998 p. 19 e ss.

caracterizada pela prática de atividades econômicas em parcelas de pequenas propriedades, *minifúndio*, com a formação de incipientes núcleos urbanos. A maior parte de vastas vegetações de mata nativa do norte do estado estava ocupada por povos indígenas<sup>45</sup>, embora a tendência historiográfica durante muito tempo as caracterizasse como áreas desocupadas, tendência que passou a ser revista nos últimos anos, bem como a sobre a presença de populações de origem afro nestas regiões.<sup>46</sup>

Alguns motivos podem ser citados como as razões da escolha de imigrantes de origem estrangeira para habitar os territórios despovoados do Rio Grande do Sul. Conforme SEYFERTH (2010), a ocupação de vastas áreas desocupadas nos territórios sulinos, compreendendo os atuais estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, visava a garantir estrategicamente a posse destes territórios e evitar disputas por territórios com países da região da bacia hidrográfica do rio da Prata. A atividade colonizadora foi, deste modo, concentrada na ação central do Estado, e a imigração estrangeira foi uma alternativa à falta de contingentes populacionais para povoar extensas porções de território que não ofereciam atrativos suficientes para os habitantes que já estavam alocados nessas regiões. Ainda, segundo a autora, a empresa de colonização, na medida em que dispunha de territórios onde não havia a presença do Estado, tendo este tipo de intervenção assumido a característica de frente pioneira de povoamento, na prática acabou por isolar culturalmente essas regiões, o que contribuiu para a formação de ‘quistos étnicos’, ou comunidades que viviam de forma autônomas<sup>47</sup>, diferentes entre si, mas caracterizadas em comum pela reprodução, ou tentativa de reprodução, de suas comunidades de origem ao ambiente em que foram inseridos estes imigrantes, o que mais tarde trouxe consequências que incidiram decisivamente no modo de vida destas populações.

---

<sup>45</sup> GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. 1987 p. 21

<sup>46</sup> Conforme DARONCO (2006) demonstrou em seu trabalho *À sombra da Cruz. Trabalho e resistência servil no noroeste do Rio Grande do Sul – segundo os processos criminais (1840-1888)*. O autor demonstra que as violências praticadas tanto da parte de escravizadores quanto cativos levaram a processos criminais, fartamente documentados, e que atestam a presença de elementos que não eram desconhecidos da historiografia rio-grandense, mas que foram durante muito tempo silenciados pelas fontes oficiais.

<sup>47</sup> SEYFERTH, Giralda. *Imigração e diferenciação cultural: algumas questões conceituais*. IN. TEDESCO, João Carlos e ZANINI, Maria Catarina C. (org.). *Migrantes ao Sul do Brasil*. 2010 p. 39



## 1.2. A colonização da região noroeste: uma discussão entre o *multiculturalismo* e o *assimilacionismo*

A ocupação da região noroeste, e das demais regiões coloniais do Rio Grande do Sul, dentro do contexto de integração territorial do estado brasileiro, deu-se de forma tardia e pelas suas particularidades ocupa lugar à parte na historiografia sobre o tema. Contudo, conforme alguns autores, tal processo tem ganhado espaço e impulso principalmente a partir da segunda metade do século, ocasião em que se comemorou os cento e cinquenta anos da colonização alemã, a partir da década de 70, e o centenário da colonização italiana. Tal processo colonizatório teve início no século dezenove e desdobramentos e continuações ainda durante o início do século vinte, porém com menos intensidade.<sup>48</sup> Após um período de adaptação aos novos contextos em que foram inseridos, alguns desses imigrantes prosperaram economicamente e alguns até se tornaram agenciadores de outros empreendimentos coloniais, tornando-o divulgado e conhecido, a despeito das incontáveis dificuldades, o mito do herói-desbravador, que domestica a natureza e se alça por seus próprios meios e indústria. Conforme Zanini (2006) muitos desses imigrantes que prosperaram vão formar, mais tarde, associações e buscarão empreender viagens de volta à terra de origem de seus antepassados com objetivos turísticos ou apenas de conhecimento.<sup>49</sup>

O processo de colonização da região noroeste deu-se de forma tardia em relação a outras colônias, principiando a partir do final do século dezenove, durante a década de 90, e foi desencadeado a partir de um processo de intensificação do processo de colonização, que ganhou força a partir da segunda metade do século dezenove em parte decorrente do esgotamento do modelo agrário, vigente nas colônias antigas, o que motivou uma mobilização

---

<sup>48</sup> Gertz (1987) oferece as seguintes estimativas para o total da entrada de imigrantes no Brasil no período que vai de 1820 a 1939. O maior registro de entradas se dá na década de 1890-99, com 1.086.946 registros de entradas. Para a década seguinte, 1900-1909, são registradas 557.293, com um pequeno acréscimo na década posterior, 688.340 para o período de 1910-19, número que se mantém estável, mas que volta a cair drasticamente para o período de 1930-39, com 265.511 entradas. GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. 1987 p. 15

<sup>49</sup> Também conforme Bindé (2005), umas das características mais marcantes da cidade de Ijuí é o que autor denomina como impressionante diversidade de raças e nacionalidades ao tempo de sua colonização. A sua obra *Os alemães*, o autor faz um levantamento das principais personalidades de ascendência alemã que obtiveram alguma forma de relevância financeira ou social mormente em atividades ligadas ao meio urbano e ao comércio. São as famílias importantes que se tornam conhecidas e delas que são extraídas as *memórias* sobre a colonização.

colonizatória interna, com a participação de imigrantes ou filhos de imigrantes, já de segunda geração, a partir das colônias antigas, tema referente em memórias de imigrantes.<sup>50</sup>

Ijuí se insere no contexto de povoamento da região noroeste, tendo se constituído como frente pioneira por ter sido a primeira colônia oficial da região e como exemplo de empreendimento colonial dirigido pelo estado. De acordo com depoimento, o processo de formação da colônia de Ijuí teria sido caracterizado por um duplo pioneirismo, como primeira colônia oficial do estado, já sob a República, e pela presença de um tipo de povoamento de característica multiétnica, a fim de facilitar a mais rápida assimilação destes imigrantes à cultural local.

(...) no caso a fundação de Ijuí, uma colônia nova, no caso foi a primeira colônia a colonizar a última região ainda não colonizada do estado do Rio Grande do Sul, que era o norte aqui do Estado. A região dos campos estava ralmente ocupada, mas estava. Ijuí foi a primeira colônia fundada aqui nessa região. Ijuí foi fundada em 1890 e em 1908 foi fundada Erechim e em 1915 foi fundada Santa Rosa, como colônias oficiais, sob responsabilidade do governo do Estado.

E outro pioneirismo dessa nova fase de colonização na República foi o seguinte: antes, no Império, as colônias de imigrantes eram formadas por uma única etnia. Então, tínhamos as colônias dos alemães, as colônias dos italianos, que foram as principais, que chegaram no começo, mais numerosos, lá na serra, Caxias, Garibaldi, Bento Gonçalves, etc. Eram colônias só de uma etnia. E agora com a República, sob responsabilidade do Estado, decidiu-se formar desde o início colônias com imigrantes de diferentes nacionalidades para forçá-los mais rapidamente a aprender a língua portuguesa (...) e também entre eles havia, entre essas etnias, os portugueses, os caboclos, os luso-brasileiros. E os administradores eram também todos luso-brasileiros. Eles [os imigrantes] se esforçavam para se entender com as autoridades. Também não eram tantos, era necessário ir aprendendo o idioma, a língua dessas autoridades.<sup>51</sup>

Conforme Canabarro (2011), a colonização da região noroeste, a partir da década de 1890, representa uma nova etapa no processo de colonização do estado. De acordo com o padrão estabelecido pelo governo, seria promovida a imigração com base na pequena

<sup>50</sup> Conforme Canabarro (2011): “Com a intensificação do processo de colonização neste Estado, os novos imigrantes que chegavam e os filhos dos imigrantes que vieram ainda no século XIX, precisavam de novos espaços, principalmente, para o desenvolvimento das atividades agrícolas. Visto que, as primeiras áreas de colonização, foram ocupadas pelos alemães (a partir de 1822), na região de São Leopoldo e mais tarde, pelos italianos (a partir de 1875) na Região da Serra. Tais áreas já estavam praticamente ocupadas no final do século XIX.” CANABARRO, Ivo dos Santos. *Dimensões da Cultura fotográfica no sul do Brasil*. 2011 p. 55

<sup>51</sup> Conforme depoimento no dia 02 de setembro de 2011

propriedade rural, minifúndio, com lotes de extensão em torno de 25 hectares de área, estabelecendo-se uma diferenciação entre as colônias denominadas oficiais, sob a responsabilidade do estado, e a colonização particular, também existente, mas que não se pautava por esse padrão de medidas.<sup>52</sup> Foi, portanto, um tipo de colonização planejada. Este tipo de ocupação, baseada na pequena propriedade rural, emprestou a esta área algumas características que conserva até hoje, tais como a alta densidade populacional (aproximadamente 45 habitantes por km quadrado) e uma economia alicerçada principalmente sobre a atividade rural, ainda bastante presente nessa região.<sup>53</sup>

Pode se considerar Ijuí, ou colônia *Ijuhy*, portanto, como um exemplo de colônia e um modelo de um novo tipo de colonização, já não mais pautado pela presença ou predominância de um grupo étnico exclusivo somente, mas compreendendo um tipo de colonização específica, com vistas a uma mais fácil assimilação cultural.<sup>54</sup> Dentre os motivos elencados para a vinda desses primeiros imigrantes, oriundos de diversas regiões da Europa, e mesmo de estabelecimentos coloniais mais antigos no estado, alguns teriam vindo em busca de melhores condições de vida e de trabalho. Embora não tenha sido a única – houve a criação de outras colônias de tipo misto – Ijuí constituiu, por ter sido a primeira experiência do gênero, um exemplo de pioneirismo no combate à formação de ‘quistos étnicos’, além de se ter constituído em exemplo de colônia que alcançou relativa prosperidade econômica, portanto, uma colônia progressista.<sup>55</sup> Ainda durante o século XX, por sua atividade econômica pujante e destacada na região, a cidade adquiriu o rótulo de ‘colméia do trabalho’, título que ainda mantém em alguns símbolos.<sup>56</sup>

Entretanto, apesar do esforço oficial em conferir à colônia um aspecto de multiculturalismo, percebe-se uma relativa predominância da etnia *alemã*, frente aos demais

---

<sup>52</sup> Exemplo de empreendimento privado na mesma região foi a colônia de Neu-Württemberg, hoje município de Panambi. Por ter sido uma colônia privada, não se pautou pelas medidas administrativas do Estado e onde houve uma acentuada predominância de imigrantes de origem teuta, em sua grande maioria.

<sup>53</sup> CANABARRO, Ivo dos Santos. *Dimensões da Cultura fotográfica no sul do Brasil*. 2011 p. 55 e ss.

<sup>54</sup> “*Estas colônias mistas, criadas principalmente no Sul do Brasil, após a república, foram colonizadas por diversos grupos étnicos, na tentativa de evitar a formação de novos “quistos étnicos”, as colônias homogêneas, entretanto, foram as primeiras colônias criadas no Sul, ocupadas por apenas um grupo étnico, por exemplo no RS, a colônia de São Leopoldo, ocupada por alemães, e a de Caxias do Sul, por italianos.*” CANABARRO, Ivo dos Santos. *Dimensões da Cultura fotográfica no sul do Brasil*. 2011 p. 57

<sup>55</sup> Id. *ibid.*

<sup>56</sup> Conforme informações contidas no site oficial da Prefeitura Municipal, em <http://www.ijui.rs.gov.br/prefeitura/index/2>. Último acesso 07 de março de 2012

grupos étnicos que se encontravam na região.<sup>57</sup> Por razões compreensíveis houve a formação de uma classe urbana que se dedicava às atividades comerciais, com a predominância de elementos de origem *teuta*, pela presença de imigrantes de outras nacionalidades, de origem ou fala alemã, mas que habitavam outros estados nacionais europeus, classificados pela historiografia local como teuto-russos, teuro-poloneses, etc. A predominância, em nível urbano, do uso da língua alemã como meio de comunicação entre os colonos e a formação de associações de cunho social, como clubes, escolas e igrejas, por iniciativa dos *teutos* de Ijuí, tornaram esse grupo mais visível frente aos demais. Comparativamente a outras realidades estudadas, como colônias onde houve a predominância de indivíduos de origem teuta, conforme Seyferth (2010), havia se formado no Brasil um imaginário sobre a colonização alemã, mesmo que não fosse numericamente a mais expressiva, que conferia-lhe visibilidade em relação às demais etnias. Magalhães (1998) também analisa o processo de visibilidade dos alemães na imprensa e meios de comunicação no Brasil, durante o século vinte, visibilidade pautada ora pela evidência de aspectos positivos, ora como aspecto de desagregação social e resistência à assimilação e incorporação ao estado nacional brasileiro. Ainda segundo Seyferth (2010), alguns aspectos são recorrentes na bibliografia sobre a colonização alemã como o desejo, expresso da parte dos mesmos, de preservar sua identidade fora de seu país de origem (*Deutschum*) e o sentimento de pertencimento a uma comunidade que compartilhava os mesmos valores. Conforme a autora:

A imigração alemã, porém, ficou em maior evidência por diversos motivos: a emergência de lideranças políticas e empresariais ainda no século XX, que deram certa visibilidade à identidade (étnica) teuto-brasileira (mesmo quando vistas na condição de “assimiladas”) (...); muitas manifestações

---

<sup>57</sup> No entendimento de Canabarro (2011), referir-se a conceitos de identidade étnica, em específico no presente caso analisado, torna-se problemático já que tais estudos não contemplam diferenças historicamente datadas, como a formação dos estados nacionais europeus. Para o autor, muitos constituíram sua identidade a partir de suas atividades laborais, compartilhando assim uma identidade comum a um determinado grupo. Outros fatores, como o uso da língua, adquiriam relevância mais tarde. Conforme o autor: “A noção de etnia é atualmente objeto de vários estudos que procuram defini-la levando em consideração as próprias diferenças presentes dentro dos grupos, ou seja, não existe uma identidade única e definidora que daria conta da variedade percebida nos grupos. Em se tratando de um contexto interétnico, esta questão aparece de forma bem problemática, primeiro porque todos os imigrantes independentes do grupo étnico, já tinham uma identidade coletiva, qual seja, a de colono, sendo esta formada para diferenciá-los dos brasileiros. A segunda questão dizia respeito, além desta identidade coletiva, a tentativa de construção de uma identidade étnica. No contexto trabalhado, o noroeste do Rio Grande do Sul, essa questão é problemática, pois a grande parte dos teóricos que discutem a noção de etnia, a definem tomando a língua como um dos elementos mais importante; no caso analisado, encontra-se muitos imigrantes que falam o idioma alemão, mas provêm de diferentes regiões da Europa dominadas pela Alemanha, que têm em comum a língua, porém com traços culturais diferentes.” CANABARRO, Ivo dos Santos. *Dimensões da Cultura fotográfica no sul do Brasil*. 2011 p. 68

escritas da etnicidade, sob a rubrica da germanidade (*Deutschum*), inclusive na forma ficcional, veiculadas na imprensa teuto-brasileira; a persistência do ensino (particular) em língua alemã, num sistema integrado pelas *Deutsche Schulvereine*, com orientação pedagógica e materiais didáticos oriundos da Alemanha; o surgimento da Alemanha, unificada em 1871, como potência imperialista com interesses econômicos na América do Sul; a proliferação, na Alemanha, de instituições e associações voltadas para os chamados *Auslanddeutschen* (alemães no estrangeiro – uma categoria “nacional”); e, por último, o discurso nacionalista radical do pangermanismo, repleto de considerações sobre a superioridade racial germânica e *Lebensraum* (espaço vital), com repercussão no Brasil inclusive através de viajantes e conferencistas que percorreram as “colônias alemãs”.<sup>58</sup>

Conforme Lazzarotto (2002), algumas circunstâncias locais favoreceram a emergência e visibilidade de um grupo cultural em específico, os alemães de Ijuí, em parte pelo uso de uma língua comum e de uso diplomático entre outros grupos, que também falavam o idioma alemão, em parte por este grupo se ter sobressaído em atividades urbanas, o que lhe emprestava maior visibilidade frente aos demais, já que é no meio urbano, por excelência, que se estabelecem também contatos mais freqüentes com outros e diferentes grupos culturais, e conseqüentemente comparações entre si. Conforme o autor:

A etnia alemã nunca deve ter chagado aos 30% da população ijuiense. Mas o que deu o caráter germânico à cidade foi a língua falada também por teuto-russos, austríacos, poloneses, húngaros, romenos e brasileiros e, sobretudo, o fato de que os descendentes de alemães ocupavam quase todos os postos em evidência na indústria, comércio e administração pública.<sup>59</sup>

Assim, durante muito tempo, Ijuí pôde ser considerada pela historiografia oficial como uma colônia alemã, fato de que se orgulhavam alguns de seus moradores. A convivência pacífica entre moradores, colonos, e autoridades em um ambiente de proporções reduzidas, não foi perturbado nem mesmo pela eclosão da Primeira Guerra Mundial, que ademais não

---

<sup>58</sup> SEYFERTH, Giralda. *Imigração e diferenciação cultural: algumas questões conceituais*. IN: TEDESCO, João Carlos e ZANINI, Maria Catarina C. (org.). *Migrantes ao Sul do Brasil*. Ed. da UFSM. Santa Maria. 2010 p. 48. Ainda sobre o conceito de *Deutschum*, esclarece Brandt (2009): “O termo *Deutschum* confunde-se com *Volkstum*, mas ambos, referindo-se à nacionalidade, o extrapolam para a expressão de etnia, entendida como independente do local de nascimento.” BRANDT, Monica. *CEAP – Colégio Evangélico Augusto Pestana. Trajetórias e Lições de Superação de uma Escola: de sua criação (1899) até o fim do Estado Novo (1945)*. 2009. p. 19

<sup>59</sup> LAZZAROTTO, Danilo. *História da Ijuí*. 2002. p. 60

trouxe maiores conseqüências para a população local.<sup>60</sup> Porém, a emergência do Estado Novo pode ser considerada como um ponto de inferência e um divisor de águas, já que muitas dessas comunidades formadas por imigrantes estrangeiros, que insistiam em preservar seus valores de origem passaram a repensar o seu modo de vida e suas formas de expressão culturais para se adaptar à nova realidade. Percebi em muitas memórias, lembranças vivas, ou reavivadas daquele tempo, para alguns ainda como tempos nebulosos e confusos, que aqueles tempos certamente foram decisivos em suas vidas.

### **1.3. O Estado Novo: um ponto de convergência de culturas**

A vinda de imigrantes estrangeiros para o Brasil, particularmente para as recentemente abertas colônias nos estados do sul, com a incipiente ocupação de terras desocupadas, ou parcialmente ocupadas, havia resolvido um problema estratégico ao longo da história nacional, como a ocupação efetiva e estratégica de uma área fronteiriça e oferecido, no plano econômico e cultural, um dinamismo e desenvolvimento pautado na pequena propriedade rural, com o emprego da mão de obra familiar, inserindo e integrando as regiões povoadas por imigrantes, ou descendentes de imigrantes de segunda ou terceiro geração. Tal inserção foi viabilizada no contexto de uma economia mais ampla a partir do início do século vinte com o melhoramento nos meios de comunicação e transporte. Após a abertura da estrada de ferro, no início do século vinte, interligado os estados do sul ao centro administrativo do país, alguns dos mais destacados desses imigrantes alcançaram relativa prosperidade econômica através, principalmente, de atividades ligadas à exploração de seus lotes de terras, ou de atividades que tiveram impulso a partir da formação e desenvolvimentos de atividades de manufatura ligadas ao comércio local, os quais passaram a ser distribuídos a outras regiões do país por via férrea.<sup>61</sup> Além do impulso econômico, os modernos meios de comunicação e transporte possibilitaram a integração entre diversas regiões do estado, e com o restante do país, e

---

<sup>60</sup> BRANDT, Monica. *Instantâneos de uma Escola Alemã no Panorama de uma Colonização Multiétnica: O CEAP em Ijuí*. 2005 p. 06-07

<sup>61</sup> Conforme Marques (2002), durante a primeira década do século dezanove, Ijuí observa um acentuado desenvolvimento no campo econômico proporcionado por dois acontecimentos relevantes: o estabelecimento da estrada de ferro, em 1911, e a elevação da colônia à categoria de município autônomo, em 1912. Ainda conforme o autor, verificou-se, nesse período, um aumento na produção na ordem de quase 3 vezes em comparação à década passada. MARQUES, Mario Osório. *Ijuí (RS): uma cultura diversificada*. 2002. p. 43

ofereceram a possibilidade de intercâmbio cultural entre outras áreas de concentração de imigrantes, proporcionando, em um plano efetivo, um maior controle sobre áreas habitadas por imigrantes.

No plano ideológico, porém, houve impasses na forma como os colonos se tinham organizado, tendo tais comunidades de imigrantes, que em centros urbanos afastados dos grandes centros metropolitanos e dadas as precariedades dos meios de comunicação disponíveis no início do século vinte, em particular em frentes pioneiras de colonização, ou estabelecimentos muito afastados dos centros administrativos e dos grandes centros urbanos, ora pendido em direção a uma maior brasilidade, ora por uma reiteração de suas origens e preservação de seus costumes. À parte, claro está que estes núcleos populacionais se tinham desenvolvido econômica e culturalmente à revelia dos poderes estabelecidos, embora houvesse troca e comunicação entre os colonos e as autoridades. No início do século vinte, podia-se encontrar uma porção de comunidades vivendo de forma autônoma e que contavam com a formação de enclaves culturais ou ‘quistos étnicos’, compreendidos como comunidades que preservavam seus hábitos e costumes transplantados de seus países de origem para seu país de acolhimento, determinando-se a partir de uma infraestrutura denominada pela historiografia como precária e insuficiente, mas possível.<sup>62</sup>

No sul do Brasil, onde houve expressiva concentração de imigrantes de origem europeia nas porções territoriais de terras destinadas a empreendimentos coloniais, o problema da assimilação era sensivelmente mais latente. A partir da década de 1930, durante o período que ficou conhecido na história do Brasil como *Estado Novo* e que teve como um de seus personagens centrais a figura do político gaúcho Getúlio Vargas, representante da elite política local luso-brasileira, começou a haver, por parte de autoridades governamentais e personalidades intelectuais de relevância nacional, à época, a preocupação de que tais contingentes de imigrantes estrangeiros viessem a constituir um entrave, ou no mínimo um obstáculo, ao projeto de integração nacional, que começou a ser praticado no início do século

---

<sup>62</sup> Assim o considera Brandt (2009), que vislumbra na falta de infraestrutura dos locais de recepção desses imigrantes estrangeiros e nos conflitos armados ocorridos no Rio Grande do Sul durante parte da década de 1890, os principais obstáculos ao desenvolvimento de núcleos populacionais permanentes. BRANDT, Monica. *CEAP – Colégio Evangélico Augusto Pestana. Trajetórias e Lições de Superação de uma Escola: de sua criação (1899) até o fim do Estado Novo (1945)*. 2009. p. 32

XX e alcançou seu ponto de convergência e culminância durante finais dos anos 30 e início dos anos 40 do mesmo século.<sup>63</sup>

No início do vigésimo século, o Brasil, tal como alguns países da Europa, encontrava-se no plano cultural e ideológico ligado à emergência da ideologia nacionalista, que preconizava a valorização de elementos nacionais e, por consequência, a negação ou minimização de influências estrangeiristas ou exógenas. Procurava-se valorizar o elemento autóctone ou nativo em detrimento do estrangeiro, com amplo prejuízo de diversas comunidades de imigrantes, que haviam permanecido à margem do processo de representação política e que se viabilizaram como comunidades através de associações de cunho social e cultural. No plano político, a unidade era defendida por intelectuais e artistas, e começava-se a pensar, no plano simbólico, na possibilidade da formação de uma *identidade brasileira*. Os meios pelos quais esse processo seria viabilizado é que eram divergentes.<sup>64</sup>

No entanto, os diminuídos e limitados recursos de que dispunha o Estado para destinar às obras de infraestrutura nos territórios ocupados por imigrantes estrangeiros, costumeiramente alocados em regiões afastadas dos grandes centros urbanos, no presente caso, no extremo oposto à capital administrativa do estado, Porto Alegre, na prática transferia à iniciativa privada atribuições que seriam pertencentes à esfera estatal. Assim, com ou sem o amparo de recursos públicos, os imigrantes europeus abriram escolas para que seus filhos pudessem aprender a ler e escrever; fundaram associações recreativas e de socorro mútuo, religiosas, órgãos de imprensa, tudo viabilizado com recursos dos próprios membros da comunidade, que contavam ou não com algum tipo de auxílio externo e, na maior parte das vezes, com a anuência e a convivência das autoridades locais.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> Para uma análise mais detalhada sobre o período getulista, ver FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. 1995. Para a presente análise se vai referir apenas às implicações ocorridas na repressão às manifestações caracterizadas como estrangeirismo durante o Estado Novo (1937-1945). Uma análise sobre a nacionalização e repressão ideológica no sul do Brasil pode ser encontrada em GERTZ, René. *O perigo alemão*. 1991 p. 63 e ss.

<sup>64</sup> MAGALHÃES, Marionilde de Brepohl. *Pangermanismo e Nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil*. 1998 p. 57 e ss.

<sup>65</sup> De acordo com Gertz, antes da nacionalização não havia conflitos de interesses entre as populações de origem estrangeira, no caso imigrantes alemães, e as autoridades locais, contanto que tais populações se abstivessem da vida política, ou dela participassem com moderação. Ainda conforme o autor, tem-se avaliado a imigração alemã sob duas posturas antagônicas: “A colonização alemã no sul do Brasil tem sido avaliada sob duas perspectivas bem diferentes. Por um lado foram destacadas as realizações econômicas dos imigrantes e de seus descendentes, acentuando-se a contribuição para a modernização econômica da região; por outro lado, chama-se a atenção para os inconvenientes políticos que a existência de um considerável número de alemães e descendentes no país trouxe consigo.” GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil*. 1987 p. 22-23



Estas iniciativas, por parte de cidadãos privados, importam no sentido de que podemos classificá-las no sentido de viabilizar uma infraestrutura mínima como parte integrante de um processo que levava cada vez mais essas comunidades de imigrantes estrangeiros a um isolamento cultural, contanto que não interferissem ou não inviabilizassem as esferas de decisão de poder, mormente concentradas nas figuras de políticos de origem local ou luso-brasileira. Quanto às decisões que vieram a incidir em uma mudança nas formas de sociabilidade desses imigrantes, vou limitar-me a analisar o caso da educação, pois penso que o mesmo seja suficientemente representativo da esfera de atuação do estado e o uso de aparelho repressor ideológico, que teve por conseqüência mais imediata o cerceamento de manifestações taxadas de estrangeirismo e silenciamento desses indivíduos de origem estrangeira quanto a suas manifestações nacionais. De acordo com Seyfeth (2010), é nesse sentido que se deve compreender a orientação da campanha de nacionalização que recaiu sobre muitos imigrantes de origem estrangeira ou seus descendentes. Compreendo que tais mudanças incidiram profundamente em seu cotidiano e alteraram suas formas de se relacionar entre si, produzindo mudanças significativas e duradouras em suas vidas:

A campanha de nacionalização iniciou com a intervenção nas escolas étnicas, forçadas a mudar os currículos, ensinar em português e ter um corpo docente composto por brasileiros natos. Proporcionalmente, a maior rede escolar desse tipo era constituída pelas “escolas alemãs”; a maioria delas não conseguiu adequar-se à legislação, o que deixou um grande número de alunos fora do sistema escolar, pois a rede pública era insuficiente para recebê-los. Em 1939, veio a proibição do uso público de línguas estrangeiras e a intervenção nas associações comunitárias. Logo depois, tropas do exército, especialmente treinadas para impor o civismo e a língua portuguesa, foram enviadas para certas áreas de colonização alemã, consideradas “quistos” irredutíveis contaminados por ideologias estranhas à brasilidade. No Vale Itajaí, essas tropas foram acantonadas, inicialmente, nas sedes de associações recreativas e culturais e sua entrada na região foi descrita por um militar (NOGUEIRA, 1947) como a ocupação de um território estrangeiro. Houve constrangimentos os mais diversos, tendo em vista a natureza forçada de uma nacionalização imaginada como campanha militar (os militares como guardiões de princípio da nacionalidade), intensificados com a entrada do Brasil na Guerra, em 1942. A partir daí, banalizou-se o denunciamento, principalmente contra aqueles que insistiam em usar a língua materna; e o direito de viajar livremente foi limitado e controlado.<sup>66</sup>

---

<sup>66</sup> SEYFERTH, Giralda. Imigração e diferenciação cultural: algumas questões conceituais. IN. TEDESCO, João Carlos e ZANINI, Maria Catarina C. (org.). *Migrantes ao Sul do Brasil*. 2010 p. 53

Importa perceber quais tenham sido as mudanças ocasionadas no modo de vida de comunidades formadas por imigrantes de primeira ou segunda gerações, pois é sob este prisma que se irá analisar a emergência de valores denominados tradicionais, muito tempo depois, já sob uma nova conjuntura.

## CAPÍTULO II

### O Colégio Evangélico Augusto Pestana – CEAP: reavaliando sua própria história

No presente capítulo se pretende fazer um breve inventário sobre a história do Colégio Evangélico Augusto Pestana, cujas primeiras atividades educacionais principiaram em fins do século dezenove, conjuntamente e pouco após a fundação da colônia *Ijuhy*, no ano de 1890.<sup>67</sup> Se procura demonstrar como algumas tendências principais, manifestadas na elaboração da história da escola, as quais mais tarde forneceram subsídios e serviram de fontes documentais e históricas para a reprodução de uma história coesa e padronizada sobre a escola, ainda se mantêm as mesmas dos primeiros registros escritos sobre a história da escola.<sup>68</sup>

Os primeiros e efetivos registros documentais que sintetizam a história passada do estabelecimento de ensino, de que se tem notícia, principiaram tardiamente, por volta de meados da década de 1950, ou seja, quase cinquenta anos após sua fundação. Trata-se, portanto, da elaboração de um discurso promovido *a posteriori*, para o qual contribuíram alguns dos membros presentes desde o início da instituição de ensino e que puderam elaborar uma história reconstituída principalmente com relatos orais. Tais documentos ainda hoje são

---

<sup>67</sup> Conforme cronologia estabelecida pelo *Breve histórico* cita-se o ano de 1899 para a fundação do proto-estabelecimento escolar e Max Traunig, como primeiro professor. Conforme fragmento do texto: “A escola começou a funcionar com doze alunos. A mensalidade seria de Cr\$ 1,50 por aluno, cabendo ao professor Cr\$ 0,40 de cada, além da pensão que lhe era fornecida pelos cinco fundadores, que o hospedavam alternadamente uma semana cada um. O número de alunos começou a crescer, o que obrigou a compra de mais carteiras e bancos. Os colonos, profissionais e comerciantes, que ainda estavam lutando duramente para vencer, não se esquivaram a este sacrifício em prol de sua escola, contribuindo com os meios necessários.” *Breve histórico do Ginásio Evangélico Augusto Pestana: da escola da roça ao ginásio moderno*. Elaborado por Henrique Siedenberg e organizado e traduzido por Íris Zwanziger e Ulrich Löw, 1952. p. 06

<sup>68</sup> Vai servir-se aqui para o estabelecimento de datas e acontecimentos importantes ligados à instituição, do *Breve histórico do Ginásio Evangélico Augusto Pestana: da escola da roça ao ginásio moderno*. Elaborado por Henrique Siedenberg e organizado e traduzido por Íris Zwanziger e Ulrich Löw, 1952, reeditado posteriormente com acréscimos, embora se conserve *grosso modo* o texto original. Além disso, também utilizar-se-á de referências mais recentes como *A Presença das Olimpíadas Evangélicas no contexto do Colégio Evangélico Augusto Pestana (1954-2004)* de autoria de LUCCHESI e o principal dentre eles *CEAP – Colégio Evangélico Augusto Pestana. Trajetórias e Lições de Superação de uma Escola: de sua criação (1899) até o fim do Estado Novo (1945)*, de autoria de BRANDT. Far-se-á referência a alguns documentos, citando-se oportunamente a fonte.

reproduzidos nos meios de comunicação locais, obras de historiadores e veículos midiáticos da própria escola, os quais lhe emprestam um caráter e identidade específicos.

Compreende-se as dificuldades inerentes ao alcance e à realização de uma pesquisa de natureza da reconstituição de tempos históricos muito recuados. Assim como a história é produzida pelos homens, conforme assertiva de Marx, tanto mais os personagens históricos se adaptam às circunstâncias localmente determinantes, mais os discursos históricos são determinados por essas mesmas circunstâncias.<sup>69</sup> Tal proposta de investigação não foi, assim, desprovida de algumas dificuldades e limitação as quais embora não tenham inviabilizado a pesquisa, limitaram-na a alguns aspectos, que ora são apresentados e têm por finalidade servir de substrato a argumentação final, que incide finalmente sobre os propósitos ideológicos, nem sempre imediatamente perceptíveis, acerca da fundação do *Museu Escolar do CEAP*, no ano de 1973.

Nos documentos a que tive acesso no decorrer da pesquisa, bem como nas falas de meus interlocutores, há certa regularidade no sentido de uma indistinção entre as instituições: *Igreja Evangélica de Ijuí*, filiada à Igreja Congregacional Luterana do Brasil, IECLB, de Ijuí, e a história da *escola*, uma vez que além das primeiras personalidades ligadas à escola serem também membros da comunidade evangélica, atualmente a Igreja, em sua representação regional, é a entidade mantenedora da Escola.<sup>70</sup> Este processo de dependência e colaboração, conforme se pretende fazer a demonstração, culminou em dois processos distintos, a fundação do *Museu Escolar do CEAP*, e do *Museu Albin Brendler*, este último pertencente à Comunidade Evangélica, que ao fim se acabaram por fundir em uma mesma instituição, o Museu escolar do CEAP.

---

<sup>69</sup> Conforme passagem de Marx, “*Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diariamente, ligadas e transmitidas pelo passado*”. MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. s/d. p. 203

<sup>70</sup> Conforme seu estatuto jurídico, o Colégio Evangélico Augusto Pestana é mantido pelas seguintes instituições: Instituição Sinodal de Assistência, Educação e Cultura (ISAEC) e pela Comunidade Evangélica Ijuí (CEI), filiada a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Tais informações podem ser consultadas na página da instituição na internet no link: <http://www.ceap.g12.br/site/mantenedora.php#textos>. Último acesso 07 de março de 2012

## 2.1. Os primeiros tempos da comunidade escolar

Por ocasião da comemoração de seu centésimo aniversário, ocorrido em meados do ano de 1999, o Colégio Evangélico Augusto Pestana apresentou publicamente o relato de sua história que, conforme fontes pesquisadas, tinha começado em fins do século dezenove.<sup>71</sup> História essa que por analogia refletia um pouco da história da própria cidade de cidade de Ijuí, uma vez que entre ambos os acontecimentos, a fundação da colônia (1890) e a fundação da escola (1899) se tinham passado poucos anos de diferença. É uma característica peculiar que os periódicos de circulação locais, e na quase totalidade dos documentos que foram consultados, façam menção da proximidade de datas e relacionem a história da escola com a do município.<sup>72</sup>

Como não se tenciona fazer uma investigação rigorosa sobre os primeiros tempos da escola, dada a dificuldade em empreender uma pesquisa desta natureza, uma vez que inexistem registros escritos anteriores à década de 1940<sup>73</sup>, quando se for fazer alguma referência que incida sobre períodos mais recuados no tempo, se vai utilizar de um escrito comemorativo do centenário da Escola, intitulado *História do CEAP*<sup>74</sup>, e escrito por uma representante da comunidade escolar, a professora e historiadora, Monica Brandt, e que faz um resumo dos acontecimentos mais importantes relacionados à história da Escola ao longo

---

<sup>71</sup> Conforme programação de comemoração do centenário da Escola, foi promovida uma exposição histórica através de fotografias com os principais acontecimentos ocorridos durante os seus 100 anos de existência. Chama-nos a atenção um dos painéis, intitulado 'Ijuí', com fotografias autênticas da colônia.

<sup>72</sup> Empreendi, em outra oportunidade, a elaboração de uma monografia de fim de curso onde fiz uma análise da história do Colégio Evangélico Augusto Pestana através de fontes jornalísticas. Os principais periódicos pesquisados foram o Jornal da Manhã, edição de 26 de maio de 1973, Correio Serrano, edição de 19 de outubro de 1971, ambos os jornais de circulação local, e a Folha Evangélica, jornal de publicação da comunidade evangélica local, edição de janeiro de 1995. Além disso, serviram como fontes documentais, uma publicação avulsa de autoria da professora Monica Brandt, por ocasião do centenário da escola, intitulado História do CEAP, do ano de 1999, conforme consta em documento anexo, além de publicações da própria escola, como o Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana, o *Ágora*, em particular os números 03 a 07, correspondentes ao ano do centenário. Por se tratar de publicações da própria instituição, pode-se considerá-los como a versão oficial sobre a história da escola.

<sup>73</sup> Existem poucas referências sobre períodos anteriores à década de 1940, e BRANDT (2009) faz referência a eles em sua obra. Tais documentos consistem em uma compilação de publicações principalmente de natureza jornalística que fazem referência direta ou indiretamente ao Colégio Evangélico Augusto Pestana. Os documentos levam o título *Der Werdegang einer Deutschen Schule in Brasilien: nach Berichten und Mitteilungen*, obra em 5 volumes transcritos pelo professor Rolf Steinmetz e que se encontram nas dependências do Museu Escolar do CEAP. BRANDT, Monica. *CEAP – Colégio Evangélico Augusto Pestana. Trajetórias e Lições de Superação de uma Escola: de sua criação (1899) até o fim do Estado Novo (1945)*. 2009. p. 90 e ss.

<sup>74</sup> BRANDT, Monica. *História do CEAP*, conforme documento em anexo.

de seus mais de cem anos de atividades. Nele, a autora faz breve referência à história da Escola integrada à história do município, conforme também consta em demais documentos pesquisados. Conforme esclarece a autora: “*É impossível abordar-se a história do CEAP sem contextualizá-la na História do município de Ijuí, uma vez que, entre a criação da colônia e da escola passaram-se apenas nove anos.*”<sup>75</sup>

Para que se possa ter uma idéia aproximada da frequência dessa recorrência, fiz em outra ocasião, para propósitos comparativos em uma monografia de fim de curso, fiz uso de fonte diversa, de natureza jornalística, do periódico ijuicense *O Correio Serrano*, jornal que durante muito tempo teve grande circulação na cidade tendo sido finalmente extinto em 1988.<sup>76</sup> Em uma sua edição especial, em que traz um complemento comemorativo do aniversário do município, e também do CEAP, como se pode perceber, veicula no referido suplemento um caderno complementar cujo título é: “*CEAP ensina desde os primórdios da colonização*”. O fragmento, excetuando-se algumas nuances de estilo em comparação ao texto do centenário é, em linhas gerais, o mesmo do supracitado documento comemorativo: “*No campo educacional, o Colégio Evangélico Augusto Pestana ocupa lugar de especial destaque. Sua história é a própria história do ensino em Ijuí, que começa nos primórdios da colonização do município.*”<sup>77</sup>

Uma segunda característica que pude constatar e que forma parte de um processo bastante peculiar, ora analisado, diz respeito a uma fruição entre as esferas do sagrado e do profano, uma vez que a referida instituição de ensino se apresenta como uma instituição escolar confessional, de religião luterana. De fato, o Colégio Evangélico Augusto Pestana é um tipo de lugar onde desde o início se percebe tratar de uma instituição onde alguns aspectos relacionados à esfera religiosa se fazem por vezes presentes. Algumas datas comemorativas do calendário religioso, como são as comemorações do dia de Natal, Páscoa, *Corpus Christi*,

---

<sup>75</sup> BRANDT, História do CEAP, conforme documento em anexo.

<sup>76</sup> As origens do periódico *O Correio Serrano* são pouco documentadas. Segundo FISCHER (apud HEIM), o periódico *O Correio Serrano* foi fundado em 12 de maio de 1911 na cidade de Cruz Alta, tendo se transferido a Ijuí em 26 de janeiro de 1912. HEIM, Alexandre. *Comunidade Evangélica de Ijuí. 85 anos (1895-1980)*. p.18. Pertencia ao imigrante de origem tcheca, Ulrich Löw, e originariamente era impresso em língua alemã, sob a designação *Die Serra Post*. Posteriormente, ainda na década de 1910 passou a ser editado em língua portuguesa. O mesmo Ulrich Löw foi homenageado após o seu falecimento com uma nota em publicada na mídia local. No ano de seu centenário, o CEAP o homenageou-o como um de seus alunos mais antigos e notáveis. Notícia veiculada no Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana - ÁGORA, periódico editado pela Escola na edição do 2º semestre/1998 nº 02 ano II p. 03

<sup>77</sup> *Correio Serrano*, edição de 19 de outubro de 1973, s/d.

ou mesmo essencialmente laicas, como a nomeação de um novo diretor<sup>78</sup>, além de congressos e olimpíadas nacionais das escolas evangélicas (ONASE) são costumeiramente precedidos por cultos evangélicos da Igreja Luterana, sob orientação de alguma autoridade religiosa ligada à comunidade local.<sup>79</sup>

Com efeito, minha inserção em campo resultou em um empreendimento inteiramente novo, e talvez por isso desde cedo contasse com uma percepção muitas vezes diferente daquela dos demais membros da escola, com os quais convivía diariamente, muitos deles já antigos na instituição.<sup>80</sup> Como nunca havia tido experiência alguma com escolas confessionais, e não estava habituado a frequentar ambientes onde não era clara a percepção do lugar específico destinado às esferas do *sagrado* e do *laico*, o mesmo tornava-se tema bastante curioso de observação. O trabalho na escola, de forma geral, e no museu, em particular, também oferecia aquela espécie de *estranhamento*, indispensável ao exercício do olhar antropológico e creio que minhas investigações ganharam em acréscimo de detalhes, muitos deles despercebidos do público que frequentava costumeiramente a escola, ou que aos eventos dessa natureza já estava habituado. Entretanto, minha própria condição de observador marginal ensinava, pela sua própria natureza, um exercício de caráter antropológico, pois conforme Damatta (1993) o exercício de observação antropológico depende de certas condições, dentre elas, a essa espécie particular de contemplação de objetos não familiares ao universo do observador.<sup>81</sup>

---

<sup>78</sup> *Comunidade Evangélica empossa nova direção do CEAP*. Notícia veiculada no Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana - ÁGORA, na edição de março/2001 nº 12 ano IV p. 03

<sup>79</sup> O calendário das comemorações do centenário da escola teve início oficialmente no dia 28 de fevereiro de 1999, com um culto de Ação de Graças realizado na Igreja do Relógio, templo da Comunidade Evangélica local e que atualmente encontra-se em reformas. Para maiores detalhes sobre a história do templo e da Comunidade evangélica local ver HEIM, Alexandre. *Comunidade Evangélica de Ijuí. 85 anos (1895-1980)*. Informações sobre o culto de comemoração podem ser consultadas no Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana - ÁGORA, edição de 1º trimestre/1999 nº 03 ano II p. 09

<sup>80</sup> Desde seus primeiros números, pode-se observar que há um investimento em aspectos simbólicos que representam um aspecto de continuidade em relação ao passado. Assim, já em seu segundo número, o *Ágora* dedica uma seção de seu periódico à homenagem à ex-alunos ou família de alunos que acompanharam por mais de uma geração o CEAP. Notícia veiculada no Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana - ÁGORA, na edição do 2º semestre/1998 nº 02 ano II p. 05

<sup>81</sup> “*De fato, só se tem antropologia social quando se tem de algum modo o exótico, e o exótico depende invariavelmente da distância social, e a distância social tem como componente a marginalidade (relativa ou absoluta) e a marginalidade se alimenta de um sentimento de segregação e a segregação implica em estar só, desembocando tudo – para comutar rapidamente essa longa cadeia – na liminaridade e no estranhamento.*” DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. 1993. p. 153

Para um observador que não está habituado à realidade de uma escola confessional, deve parecer sobremaneira estranho, ou fora da ordem dos eventos, este tipo de reverência por aspectos relacionados à esfera religiosa. Contudo, é isso o que efetivamente pude constatar que acontece por vezes. Conforme notícia veiculada no Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana, o *ÁGORA*, onde se encontram registrados os principais tópicos do discurso de posse do novo diretor do CEAP, durante o culto de sua posse, que contou, além de representantes da Comunidade Escolas, com membros da Comunidade Evangélica de Ijuí, a CEI, instituição filiada à IECLB, Igreja Evangélica Confessional Luterana do Brasil, e mantenedora da Escola, há a presença constante em seu discurso de elementos que fazem referência a uma retórica que mescla elementos educacionais a religiosos, ou que por vezes estes últimos se apresentam como legitimadores.<sup>82</sup>

A Comunidade Evangélica de Ijuí, conhecida pela sigla CEI, possui uma história bastante peculiar, quase tão antiga quanto o próprio estabelecimento da empresa colonial e é comparativamente mais antiga que a Escola. A instituição completou em janeiro de 2011, período em que empenhei-me na coleta de dados, cento e quinze anos de existência desde a sua fundação sendo, portanto, uma instituição criada no contexto da imigração e anterior à criação da Escola. Isso trouxe algumas implicações práticas no desenvolvimento paralelo das duas instituições, cuja afinidade observou oscilações ora afastando-se, ora aproximando-se, até finalmente a comunidade evangélica assumir a tutela sobre a escola, que a mantém até os dias atuais. Sobre a questão das origens da comunidade evangélica, existe relativamente mais documentação com referência às bases de fundação da comunidade evangélica de Ijuí do que sobre a escola, embora a fonte de referência mais consistente e segura sobre a história da comunidade seja a análise histórica empreendida por FISCHER<sup>83</sup> por ocasião dos 85 anos da entidade, já que muitos registros documentais escritos se haviam perdido ou extraviado ao

---

<sup>82</sup> Um dos principais tópicos diz respeito à aproximação entre a Escola e a Comunidade Evangélica. Conforme excerto do discurso: “*Salientando a importância de todos os que fizeram a história do CEAP, o novo diretor afirmou que “a tônica neste momento histórico é a parceria e a aproximação cada vez maior entre a comunidade evangélica e o Colégio”*”. Notícia veiculada no Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana - *ÁGORA*, periódico editado pela Escola na edição de março de 2001, nº 12 ano IV p. 03

<sup>83</sup> Sobre o personagem de Martim Fischer, consta que foi um dos idealizadores e primeiro diretor do Museu Antropológico Diretor Pestana, instituição mantida pela FIDENE, atual Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ainda sobre a personalidade e conhecimentos notórios de Martim Fischer, registrei o seguinte depoimento: “*Fazia questão de ser chamado de ‘doutor’*. Era um senhor de certa idade [à época da fundação do MADP – Museu Antropológico Diretor Pestana] que já tinha defendido uma tese de doutorado, em direito canônico [na Alemanha], o que na época era raríssimo. Transferiu-se para a Argentina após a Segunda Guerra Mundial e depois para o Brasil.”



tempo da nacionalização do ensino e repressão ideológica durante o período do *Estado Novo* (1937-1945).<sup>84</sup>

A obra, que leva por título *Comunidade Evangélica de Ijuí. 85 anos (1895-1980)*, compreende estudo composto de duas partes: a primeira refere-se a uma tradução de “*Tentativa de uma Apresentação Histórica*” da Comunidade Evangélica de Ijuí, obra escrita originalmente em idioma alemão, por ocasião dos cinquenta anos da fundação da Igreja da Cruz<sup>85</sup> (nome que se dá ao templo onde se realiza o culto da comunidade evangélica de Ijuí, e que está localizada no centro da cidade, ao lado da praça central), escrita pelo *antropólogo* e *jornalista* Martin Fischer<sup>86</sup>, e transcrita para o português por ocasião da comemoração dos oitenta e cinco anos da Comunidade Evangélica de Ijuí. E a segunda, consiste do registro de um apanhado dos momentos mais significativos da história da mesma, compreendendo o período que vai de 1964 a 1979.<sup>87</sup> Vou fazer uso desta obra, pois a despeito da ausência de fontes escritas diretas - a maior parte das atas da comunidade evangélica e documentos mais antigos estão redigidos em língua alemã ou encontram-se perdidos - esta estabelece com relativa precisão a história da comunidade evangélica, como os próprios membros da comunidade o reconhecem. Entretanto, não constitui objetivo do presente estudo estabelecer a

---

<sup>84</sup> Sobre as implicações trazidas pela nacionalização do ensino para o Colégio Evangélico Augusto Pestana, ver BRANDT, Monica. *CEAP – Colégio Evangélico Augusto Pestana. Trajetórias e Lições de Superação de uma Escola: de sua criação (1899) até o fim do Estado Novo (1945)*. 2009 p. 63 e ss.

<sup>85</sup> Mais recentemente reconhecida como Igreja do Relógio, por portar em sua torre frontal um relógio. O relógio da torre, além de elemento decorativo materializa um vínculo, como muitos outros que se possa estabelecer, entre comunidade de origem e a comunidade de recepção. Martin Fischer assim se expressa a respeito do relógio da Igreja da Cruz: “*Ainda hoje existe algo em Ijuí que nos lembra, dia após dia, aquele período amargo de privações da Alemanha: é o relógio da torre da Igreja da Cruz. Por ocasião da queda estonteante da moeda alemã, impossível de prever, foi possível à Comunidade Evangélica de Ijuí, em 1921, adquirir na Alemanha, por um preço mínimo, um sólido e duradouro relógio de torre, de primeira qualidade, e transportá-lo a Ijuí, onde o mesmo, logo após a sua chegada, foi montado e posto em funcionamento em janeiro de 1922. O relógio ainda enuncia as horas aos ijuíenses, indicando-lhes o tempo exato, a badalar alegremente, apesar de que o seu mecanismo, que executou a sua tarefa fielmente por mais tempo do que uma geração, diariamente, hora por hora, minuto por minuto, provavelmente já esteja fatigado e dê mostras, vez por outra, de indícios próprios da velhice (...)* Pelas contas apresentadas à Comunidade, pode-se constatar que o custo total do relógio, incluindo as despesas de compra, transporte e montagem, atingiu a soma exata de 3.500 mil réis (3 contos e quinhentos mil réis). Por apenas 3 contos e quinhentos mil réis a Comunidade Evangélica, e com ela toda a cidade de Ijuí, adquiriu um belo relógio de torre, cuja duração tinha a garantia de muitos decênios, desde que lhe fossem dispensados os devidos cuidados.” HEIM, Alexandre. *Comunidade Evangélica de Ijuí. 85 anos (1895-1980)* p. 36 e ss.

<sup>86</sup> Conforme depoimento, foram as atividades culturais promovidas por Martin Fischer e seu acervo particular de materiais indígenas, que havia recolhido durante sua estada em Iraí, Rio Grande do Sul, antes de transladar-se para Ijuí, que deram origem aos primeiros materiais que originaram o acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana. Consta ainda que era membro da Comunidade Evangélica de Ijuí e foi um dos pioneiros defensores da ideia de transformar a antiga casa paroquial em um museu da comunidade. A casa, hoje, não mais existe.

<sup>87</sup> FISCHER, apud HEIM, Alexandre. *Comunidade Evangélica de Ijuí. 85 anos (1895-1980)*. p. 05

história dos primeiros anos da comunidade evangélica, sendo apenas tema tangencial e complementar a história da escola, uma vez que há entre ambas as instituições uma relação de complementaridade. A *Comunidade Evangélica de Ijuí. 85 anos (1895-1980)* constitui, assim, um compêndio bastante útil para a compreensão de alguns aspectos relacionados à fundação, desenvolvimento e posteriormente impasses criados entre alguns membros da Comunidade Evangélica de Ijuí e representantes da escola durante o seu período de mais de um século de existência de ambas as instituições.<sup>88</sup>

Importa referir que esta permeabilidade entre as instituições Comunidade Evangélica e Colégio Evangélico Augusto Pestana não forma somente parte de um discurso promovido por lideranças ligadas ora à administração da escola, ora da parte de membros da comunidade evangélica, discurso este que se faz presentes em solenidades de posse ou comemoração de datas vinculadas ao calendário religioso ou escolar. Mas, conforme tenciono demonstrar, tal relação constitui um tipo de convergência entre os membros das duas instituições cujas implicações práticas vão além das estratégias discursivas. Conforme entrevista que realizei junto a ex-membros da escola, e eventualmente alguns possuíam vínculos nesse caso também da Comunidade Evangélica de Ijuí, esse tipo de relação fica bastante clara. Conforme informou-me um de meus interlocutores.

E difícil [dissociar a história da escola da igreja], porque ela é integrada. Não tem dúvida, né. No meu tempo<sup>89</sup>, por exemplo, o presidente da comunidade-centro era ao mesmo tempo presidente da paróquia, que era (reunia) em todo

---

<sup>88</sup> Conforme o próprio Martim Fischer, a falta de documentação constitui problema adicional nesse tipo de pesquisa história, já que muita documentação redigida em alemão foi extraviada. Sobre a questão das origens da comunidade evangélica, posiciona-se o autor: “*O primeiro livro de atas da Comunidade Evangélica, que poderia, talvez, elucidar a questão [das origens], não foi encontrado. A julgar pela situação então reinante, no período de tensão política entre o Brasil e a Alemanha, durante a 2ª Guerra Mundial, quando vez por outra se realizaram, arbitrariamente buscas em residências e casas, confiscos e detenções, é provável que o mesmo tenha sido confiscado oficialmente, uma vez que estava redigido em língua alemã. Era esta, aliás, a língua oficial da Comunidade, que se intitulava expressamente de “Comunidade Evangélica Alemã.”* FISCHER, Martim. IN: HEIM, Alexandre. *Comunidade Evangélica de Ijuí. 85 anos (1895-1980)*. p. 05. BRANDT (2009) realiza leitura sobre as aproximações e afastamento da Escola em relação à Comunidade Evangélica. O ponto principal de sua discussão incide sob a crise e impasses criados no ensino a partir das orientações do período *estadonovista*. Conforme a autora, data dessa época a tutela da comunidade sobre a Escola, como alternativa à continuidade de suas atividades educacionais. Ver *O Estado Novo e sua Ingerência na Escola: Criatividade e Submissão para a sobrevivência*. In: BRANDT, Monica. *CEAP – Colégio Evangélico Augusto Pestana. Trajetórias e Lições de Superação de uma Escola: de sua criação (1899) até o fim do Estado Novo (1945.)* 2009. p. 63 e ss.

<sup>89</sup> Por volta da década de 1970.

município as igrejas. Na época, paróquia era uma só. (...) E [o presidente da comunidade era também] presidente do conselho do colégio.

Tive acesso a depoimentos, inclusive de membros da comunidade que haviam estudado em outras escolas, igualmente comunitárias e também controladas ou subsidiadas por representações da Igreja local. Uma realidade presente não só de Ijuí, mas que devia também ser a de muitos outros centros populacionais que contavam com expressiva população de descendentes de imigrantes alemães, ou que as escolas fossem viabilizadas por alguma parceria entre a comunidade religiosa e a escola.<sup>90</sup> Se pode perceber que muitas vezes os alunos, ou seus pais, possuíam alguma relação com Igreja. Conforme depoimento:

Fiz o meu primário em Panambi.<sup>91</sup> Os finados meus pais, [desejavam] para [a gente] aprender um escolar um pouco melhor... Ele me matriculou na cidade de Panambi. Quando... onde é que ele morava, tinha só a distância de 2 quilômetros pra escola primária. Mas ele era um pouco envolvido na vida social, na Igreja, na escola. Naquele tempo, a nossa educação era controlada através da Igreja que vinha da Alemanha, era tudo colégio particular, não era, não tinha... (subentende-se 'educação pública').<sup>92</sup>

Aquela outra indistinção, a que me referi anteriormente, entre as esferas da vida religiosa e da vida laica, constitui um elemento interessantíssimo de observação, pois sempre me indaguei e imaginei estas esferas como espaços excludentes, muito embora não constituíssem temas inconciliáveis entre si. Embora algumas eminentes personalidades da Comunidade Evangélica de Ijuí, a CEI, também tivessem acesso às dependências da Escola, observei que nem todos os membros da comunidade escolar comungavam do mesmo credo religioso e pode-se mesmo dizer que havia até mesmo certa tolerância de credos e discursos religiosos, que por vezes se faziam presentes, porém em menor medida. Tal me é dado crer não só pelas manifestações e espaços abertos para diálogo com outras correntes religiosas, mas também pela disposição de algumas personalidades ligadas à direção e administração da

<sup>90</sup> O site da Igreja Evangélica de Congregação Luterana no Brasil oferece uma listagem com as escolas pertencentes à rede sinodal de educação no link [http://www.ieclb.org.br/formacao\\_centros\\_de\\_formacao.htm](http://www.ieclb.org.br/formacao_centros_de_formacao.htm) Último acesso em 07 de março de 2012.

<sup>91</sup> Naquele tempo a localidade chamava-se *Neue Württemberg*, designação que foi modificada para Panambi após a Segunda Guerra, conforme me informou meu interlocutor.

<sup>92</sup> Entrevista realizada com personalidade ligada a escola, em Ijuí, outubro de 2011.

Escola.<sup>93</sup> Atualmente o CEAP se apresenta como uma escola dinâmica e moderna que não estabelece distinções de credos e crenças, muito embora haja espaços bastante delimitados reservados a manifestações que podem ser caracterizadas como teuto-evangélicas e outras.

Quando principiei minha pesquisa junto à escola, começando por coletar dados a respeito da história da escola e a partir do momento em que houve a necessidade de tomar conhecimento da história destas instituições, e por extensão da história da cidade e da região, pois sendo natural de outro município, do norte do Rio Grande do Sul, não possuía conhecimentos específicos suficientes para uma contextualização histórica local, deparei-me com certas ocorrências entre as notícias relacionadas à história da escola, as quais não se podia atribuir ao mero acaso, mas acreditava formar parte de um discurso homogêneo e recorrente inclusive em publicação veiculadas pela própria escola, que produzia discursos sobre sua própria história. Estes, já pela sua antiguidade adquiriam o estatuto de oficialidade e estavam por assim dizer já cristalizados e constituídos como a história oficial.

Por tratar-se de uma pesquisa de inspiração antropológica, penso que o auxílio de um diário de campo, além de instrumento útil para o estabelecimento de alguns fatos e data basilares para os acontecimentos que se seguem, auxiliam sobremaneira na tentativa de fazer um inventário de práticas e crenças do grupo cultural pesquisado no intuito de compreender o universo cultural, ora estudado, em sua dimensão holística ou, em termos maussianos, como um *fato social total*.<sup>94</sup> Quanto aos documentos escritos, produzidos ora por membros da comunidade escolar, ora por agentes externos, podem ser compreendidos igualmente em sua acepção ideológica, ou que constituem não só a expressão pura e simples de eventos ocorridos em um tempo e espaço determinados, mas formam parte de um universo socialmente compartilhado de uma memória coletiva, portadores, portanto, de uma certa subjetividade dos

---

<sup>93</sup> “Embora a entidade mantenedora pertença à Igreja Evangélica, os funcionários do CEAP fazem questão de frisar que todas as religiões podem ministrar suas aulas no colégio, e que inclusive, metade dos alunos – internos e externos – são de outras religiões.” Notícia veiculada no periódico local Jornal da Manhã, edição de 26 de maio de 1973, nº 09 ano I p. 06

<sup>94</sup> Procura-se abordar o universo da cultura em seus aspectos relacionais e múltiplas relações entre si. Conforme Mauss: “Nos fenômenos sociais “totais”, como nos propusemos chamá-los, exprimem-se, ao mesmo tempo e de uma só vez, toda espécie de instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas políticas e familiares ao mesmo tempo; econômicas – supondo forma particulares de produção e de consumo, ou antes, de prestação e de distribuição, sem contar os fenômenos estéticos nos quais desembocam tais fatos e os fenômenos morfológicos que manifestam essas instituições.” MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Vol. II. 1974 p. 41

sujeitos que não só produzem, mas que compartilham de uma memória socialmente produzida.<sup>95</sup>

Meu primeiro contato junto à história da Escola deu-se através de uma obra de reduzidas dimensões, mas ao mesmo tempo segura em algumas de suas afirmações. Posteriormente pude saber que era considerada a obra mais importante escrita até os dias atuais sobre a história da Escola. Revelou-se, para todos os efeitos, uma obra elucidativa em alguns aspectos e que me havia fomentado a ideia de transformar minhas investigações sobre a história da escola, posteriormente, em tema de uma monografia. O escrito intitulava-se “*Breve histórico do Ginásio Evangélico Augusto Pestana: Da escola da roça ao ginásio moderno*”<sup>96</sup>, escrito e editado a partir de algumas informações junto a documentação escrita e também informações orais coligidas junto aos mais antigos professores e funcionários da instituição, ou mesmo entre aqueles que de alguma forma tinham frequentado as dependências da Escola eventualmente, como era o caso de eminentes personalidades expoentes da sociedade local, ou que conviviam com membros da comunidade e por meio dessa obtinham conhecimento sobre a mesma. O cotejamento da obra contou com a contribuição de alguns dos primeiros alunos e teve sua primeira edição na década de 1950, sendo reeditado posteriormente nos anos 60 com acréscimos de dados anuais referentes aos anos em que foi editada e reeditada, na forma de apêndice. O texto em sua integralidade não foi modificado. Ainda era utilizado, nos dias atuais, por professores, pesquisadores e demais curiosos quando o assunto incidia sobre os tempos mais recuados da história da Escola, ou que não contavam, por sua antiguidade, com outros registros escritos, através dos quais se pudesse esclarecer algumas questões referentes aos primeiros tempos da instituição. Em caráter oficial, a obra oferecia um discurso homogêneo sobre a origem da Escola, vinculando-a à atividade e iniciativa de um determinado grupo cultural, o dos *teutos* de Ijuí.<sup>97</sup>

---

<sup>95</sup> Sobre o conceito de memória social, ver HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2006 p. 69

<sup>96</sup> Elaborado por Henrique Siedenberg e organizado e traduzido por Íris Zwanziger e Ulrich Löw, 1952, 35 p. Foi lançado por ocasião do dia da inauguração de novo prédio da Escola, em 09 de novembro de 1952. Foi reeditado e acrescido um suplemento atualizado, posteriormente, por ocasião do centenário de nascimento patrono da Escola, o engenheiro Augusto Pestana, em 22 de maio de 1968.

<sup>97</sup> O *Breve histórico do Ginásio Evangélico Augusto Pestana: da escola da roça ao ginásio moderno* não faz referência direta à origem étnica dos fundadores do grupo escolar, apenas lhes fornece os nomes. Foram eles Albino Brendler, Carlos Hintz, Julio Otto Geiss, Albino Finster e Luiz Keller. *Breve histórico do Ginásio Evangélico Augusto Pestana: da escola da roça ao ginásio moderno*. Elaborado por Henrique Siedenberg e organizado e traduzido por Íris Zwanziger e Ulrich Löw, 1952 p. 05 e ss. Já conforme Brandt (2009), a fundação da escola alemã esteve diretamente vinculada ao grupo étnico dos alemães. BRANDT, Monica. *CEAP – Colégio*

Em meu entendimento esta obra teve a vantagem de contar com a memória viva daqueles que participaram de alguma forma de seus primeiros tempos e, portanto, podia se constituir como um dado de primeira mão já que muitos dos narradores de tais fatos haviam sido também testemunhas dos mesmos.<sup>98</sup> Tal obra constituiu durante muito tempo não só o mais notável esforço de síntese realizado no sentido de compilar os acontecimentos mais importantes relacionado à história da Escola, mas também o único. Detalhe digno de nota foi que o texto de base que deu origem ao texto final tinha sido redigido no idioma alemão e só posteriormente vertido para o português. Este dado é particularmente relevante tendo-se em conta que a partir do *Estado Novo*, em fins da década de 1930, e pouco após a Segunda Guerra Mundial, com a nova orientação no ensino, proibiu-se publicações em língua alemã, bem como o uso, em ambientes públicos, do mesmo idioma. No entanto, pode-se presumir que em ambientes privados ou como forma de rememoração de acontecimentos mais antigos, continuasse em pleno uso, a despeito de sua proibição. O uso diacrítico de um determinado idioma pode ser indício do sentimento de exclusividade de um determinado grupo de características étnicas, frente à sua aculturação em um ambiente urbano que se estava transformando rapidamente. A perda de referenciais identitários constitui, muitas vezes, senão o impulso decisivo, fator determinante na orientação de investigação e procura de origens, o que em muitos casos se dá de forma anacrônica. Tal tendência torna-se bastante evidente no presente caso, uma vez que a memória adquire uma dinâmica própria de produção e reprodução, onde o grupo social é sempre tomado como referência que legitima e referenda a história verdadeira para aquele grupo, conforme nos explica HALBWACHS, a história social.

---

*Evangélico Augusto Pestana. Trajetórias e Lições de Superação de uma Escola: de sua criação (1899) até o fim do Estado Novo (1945). 2009 p. 41. Penso que a ausência dessa referência na primeira obra se deve a que tal constatação devia ser evidente. Albin Brendler era colono de origem alemã de segunda geração e foi também destacado membro da Comunidade Evangélica. Sobre a vida de Albin Brendler ver BRENDLER, Albino. Relatos do Sr. Albino Brendler sobre a Comunidade Evangélica de Ijuí, sobre a Escola Particular Evangélica de Ijuí, atual "CEAP" e alguns fatos da evolução histórica de Ijuí antigo. Tradução de Erica Ziegler. Ijuí. [194- - 1950].*

<sup>98</sup> Conforme CARRETERO (2007), as manipulações de uma história supostamente oficial implicariam na existência de um objeto neutro do conhecimento, que poderia ser usado em direção a uma finalidade. Entretanto, tal aspiração de neutralidade não resiste ao confronto de uma *história* com diferentes memórias. CARRETERO, Mario. *Documentos de identidad: la construcción de la memoria histórica em um mundo global*. 2007 p. 178

## **2.2. Breve resumo sobre os principais acontecimentos relacionados aos primeiros tempos do Colégio Evangélico Augusto Pestana – CEAP**

Conforme documentação analisada ao longo deste estudo, não se pode afirmar com exatidão a data precisa de fundação do estabelecimento que mais tarde tornou-se conhecido como *Colégio Evangélico Augusto Pestana*. Tendo em vista de que se tratava de um estabelecimento de ensino de proporções reduzidas, haja vista os modestos recursos de que dispunham os primeiros moradores da colônia, não se tem notícia da data exata da edificação do primeiro prédio, levantamento de recursos para a construção, ou alguma solenidade que envolvesse a inauguração, ou que a mesma tenha sido noticiada em algum veículo de imprensa, que à época inexistiam localmente. Acerca dos primeiros tempos da comunidade escolar, se pode contar apenas com os acontecimentos estabelecidos pela memória de seus primeiros participantes, já que as atas de registros se perderam ou extraviaram durante o tempo.<sup>99</sup>

Sustenta-se que o Colégio Evangélico Augusto Pestana não constitui o primeiro estabelecimento escolar da colônia, embora a preocupação, por parte de algumas lideranças da comunidade local, conforme BRANDT (2009), se tivesse se manifestado já da parte de alguns moradores da colônia. Alguns obstáculos de ordem prática, porém, se interpunham entre o projeto de construção de uma instituição escolar e sua efetivação prática, tais como a falta de recursos e amparo do poder público local. Obstáculos, todavia, contornáveis e já no ano de 1893, três anos após a fundação oficial da colônia, foi fundada a primeira instituição escolar da colônia, o estabelecimento de ensino conhecido como estabelecimento escolar do professor Roeber.<sup>100</sup> Este último, um imigrante, tendo se dirigido a Ijuí na condição de estrangeiro de origem teuto-russa, portanto, na condição de colono, possuía certa familiaridade com o idioma espanhol e embora não reunisse todas as condições consideradas necessárias, acabou por tornar-se o primeiro professor, já que seu prestígio junto às autoridades granjeou-lhe a

---

<sup>99</sup> Breve histórico do Ginásio Evangélico Augusto Pestana: da escola da roça ao ginásio moderno oferece uma cronologia para os principais acontecimentos relacionados à história da escola. Tem como dois de seus principais acontecimentos a mudança na direção da escola e as mudanças e ampliações dos prédios onde a escola fora alocada sucessivamente. O mesmo dá a fundação da escola para o ano de 1899, mas não fornece mais informações. Breve histórico do Ginásio Evangélico Augusto Pestana: da escola da roça ao ginásio moderno. Elaborado por Henrique Siedenberg e organizado e traduzido por Íris Zwanziger e Ulrich Löw, 1952. p. 05 e ss.

<sup>100</sup> Para Fischer, Robert Roeber era de origem alemã. HEIM, Alexandre. *Comunidade Evangélica de Ijuí. 85 anos (1895-1980)* p. 18.

reputação de renomado intérprete. Em pouco tempo se incumbiu da fundação do primeiro estabelecimento de ensino de que se tem notícia em terras coloniais do noroeste do estado. Conforme esclarece LUCHESE:

“No ano de 1893, 22 famílias estavam radicadas na sede da Colônia, principalmente ao redor da praça. Apesar das dificuldades e precariedades de recursos, no ano de 1894 ocorreu a fundação da primeira escola pública de Ijuí, o atual Colégio Estadual Ruy Barbosa.”<sup>101</sup>

O crescimento, contudo, da população urbana e da condição de relativa prosperidade de alguns habitantes da colônia, que se tinham estabelecido em atividades comerciais, incidiram em um aumento do contingente populacional local, a quem o estabelecimento de ensino, fundado pelo professor Roeber já não podia atender. Se percebe que há uma certa tendência, por parte das fontes consultadas, em atribuir à fundação da Escola como uma necessidade diante da falta de opções disponíveis à época, e não propriamente como necessidade exclusivista de preservação de elementos identitários, da parte de um grupo cultural específico. Tal necessidade veio a manifestar-se somente mais tarde. Conforme fragmento do periódico *O Jornal da Manhã*, os primeiros estabelecimentos de ensino da região eram bastante modestos: “*Já havia uma escola aqui em Ijuí. Era a que hoje se tornou no Grupo Escolar Rui Barbosa. Era pública e funcionava em um casebre*”.<sup>102</sup>

Pode-se concluir que dadas as condições modestas em que vivia a maior parte da população da colônia e de sua origem camponesa, também bastante modesta, não houve, durante muito tempo, a preocupação em estabelecer uma data precisa para a fundação do Colégio Evangélico Augusto Pestana. A mesma observou, durante os seus primeiros anos de atividade, oscilações entre períodos de atividade e inatividade, conforme a viabilidade de disponibilizar professores, tarefas que eram as mais das vezes exercidas por párocos da comunidade evangélica, pregadores itinerantes. O periódico ijuiense *O Jornal da Manhã*, fundado no ano de 1973, fornece informações acerca desses primeiros tempos da comunidade escolar, bem como sobre os limites em se tentar estabelecer uma data precisa para os fatos ocorridos em períodos muitos recuados de tempo:

<sup>101</sup> LUCHESE, Lígia Carlan. *A Presença das Olimpíadas Evangélicas no Contexto do Colégio Evangélico Augusto Pestana (1954-2004)*. p. 14

<sup>102</sup> *Jornal da Manhã*, edição de 26 de maio de 1973, s/d.



“O CEAP, cuja fama como centro educacional há muito ultrapassa as fronteiras regionais e como expressiva força esportiva amadorísticas, foi fundado em 1899. A data exata de seu aparecimento se perde no tempo tanto que o seu aniversário é comemorado junto com o nascimento do patrono (da escola), engenheiro Augusto Pestana, oriundo de Porto Alegre e diretor da então Colônia Ijuí”.<sup>103</sup>

A falta de infraestrutura encontrada pelos colonizadores e primeiros moradores da região, contudo, não constitui obstáculo insuperável à instalação de uma infraestrutura mínima, ou como deve ter ocorrido concomitantemente em muitas colônias de imigrantes, em um primeiro momento tentou-se recriar a pátria de origem no país de chegada, contando com os recursos de que dispunham seus primeiros moradores. Conforme BRANDT:

“Considerando a absoluta falta de estrutura encontrada pelos colonizadores que, pioneiramente, ocuparam as terras da nova colônia e que requereu que esses dessem conta de forma autônoma das condições mínimas de sobrevivência, não é de estranhar-se que os núcleos das várias correntes migratórias aqui radicados o fizessem por conta própria e dentro de seus conhecimentos e de sua cultura, transplantados de seus países de origem.”<sup>104</sup>

Não deve surpreender, portanto, que mais tarde tais estabelecimentos, dentre eles escolas e templos religiosos, já que se tratava de espaços de sociabilidade disponibilizados por imigrantes de origem estrangeira, fossem vistos como ‘quistos étnicos’, cuja função seria promover e perpetuar valores de suas comunidades de origem. No caso dos alemães, colocava-se a preservação do *Deutschum* como uma atitude suspeita às autoridades brasileiras. Mas durante os primeiros anos da colônia, essa preocupação inexistiu tanto por parte das autoridades quanto por parte dos colonos.

Entretanto, a afinidade que ora se coloca entre o estabelecimento escolar e a comunidade evangélica é antes de ordem prática que teórica, já que muitos dos primeiros professores da *Escola Alemã*, como era então denominada à época, também foram párocos da

<sup>103</sup> Jornal da Manhã, edição de 26 de maio de 1973, s/d

<sup>104</sup> BRANDT, Monica. *Instantâneos de uma Escola Alemã no Panorama de uma Colonização Multiétnica: O CEAP em Ijuí*. 2005 p. 06 e ss.

Igreja local. Quando não o foram, mantinham uma estreita observância e colaboração com o grupo escolar, que adquiriam ora maior, ora menor relevância, conforme as necessidades e os contextos que se apresentavam.<sup>105</sup> São comuns, durante essas primeiras décadas de atividade, festas promovidas em benefício ora da Igreja, ora em benefício da Escola, com o propósito de arrecadar fundos para suas despesas e necessidades.

Demonstrou-se como o atual Colégio Evangélico Augusto Pestana foi criado por iniciativa de um grupo de imigrantes ou teuto-descendentes a partir das condições as mais modestas, tendo alcançado, com o decorrer do tempo, um lugar de referência, ao menos no que diz respeito ao grupo cultural supracitado, no esteio da crescente prosperidade pela qual experimentara a colônia após os primeiros anos do século XX, com a emancipação de Ijuí à categoria de cidade e com a abertura da estrada de ferro. Pode citar-se como acontecimento importante desse período, a construção do templo da Comunidade Evangélica de Ijuí, no ano de 1914,<sup>106</sup> evento que reuniu além de autoridades religiosas em nível regional, também representantes ligados ao Sínodo rio-grandense, além de representante do governo alemão, reafirmando os laços de pertencimento a uma comunidade de origem.<sup>107</sup> À parte, fica demonstrado como a escola estava desde a sua origem ligada à Igreja luterana, em sua representação local, proximidade que com o tempo ensejou uma identidade entre as duas instituições, que tenderam, conforme BRANDT (2009), a seguir caminhos próprios até a emergência do *Estado Novo*, período no qual a escola precisou adaptar-se às novas orientações para o ensino.<sup>108</sup>

---

<sup>105</sup> MELLO (2007) analisa as relações de poder que se estabeleciam entre a Igreja Luterana da linha 08 e seus membros. O autor observa que são criados mecanismos de fiscalização e controle para uma maior vigilância sobre os membros da comunidade. Mesmo que houvesse espaços independentes, a Igreja reservava-se o controle sobre os mecanismos de fiscalização, como a cobrança de taxas para a escola local. Na prática, a Igreja acabava por concentrar o controle das demais associações. MELLO, *Gilvan Oliveira. Congregação Evangélica Luterana "São Paulo" Linha 08 Oeste. Ijuí – RS: Relações de poder na comunidade 1898 – 1926.* 2007

<sup>106</sup> Conforme Fischer, no dia 08 de maio processou-se a entrega das chaves da Igreja da Cruz à Comunidade Evangélica de Ijuí. IN: HEIM, *Alexandre. Comunidade Evangélica de Ijuí. 85 anos (1895-1980).* p. 25

<sup>107</sup> “Uma reportagem jornalística cita, além do Sr. Dr. Wilhelm Rotermund, Presidente do Sínodo, e do Representante do Conselho Superior das Igrejas Evangélicas-Berlim, Pior Lic. Martin Braunschweig, que assim visitou Ijuí pela 3ª vez, entre outros os Pastores do Sínodo, Srs. Pechmann, Sudhaus, Kolfhaus e Koppelman. Também o representante do Governo Alemão em Porto Alegre, Cônsul Imperial Barão Von Stein, tinha aportado a Ijuí a fim de participar dos festejos, fazendo-se presente como convidado de honra na inauguração da Igreja da Cruz.” Fischer IN: HEIM, *Alexandre. Comunidade Evangélica de Ijuí. 85 anos (1895-1980).* p. 25

<sup>108</sup> Conforme BRANDT (2009) a escola fora dirigida até 1938 por educadores alemães e seus professores eram, em sua maioria, teuto-brasileiros, sem formação pedagógica específica. Segundo a autora: “*Em seu momento de maior crise, por ocasião da implementação do decreto de nacionalização do Ensino, a Escola vincula-se à comunidade Evangélica Ijuí, que assume o papel de sua mantenedora. A partir daí passa a denominar-se Escola*

### 2.3. O CEAP como realidade multicultural

Procurou-se demonstrar como o Colégio Evangélico Augusto Pestana esteve vinculado, desde os seus primeiros tempos de atividades a dois processos que foram determinantes para a sua caracterização como instituição comunitária e estreitamente ligada a um segmento ético em específico. Foram eles: a particularidade do processo de colonização local, que mais tarde resultaria na formação, ao menos em nível discursivo de uma sociedade caracterizada pela presença de culturas diversificadas e de caráter multiétnico;<sup>109</sup> e pela presença da Igreja Evangélica, através da Comunidade Evangélica da Ijuí, que durante o período de crise da Escola teve papel determinante na continuidade das atividades educacionais do estabelecimento em vista das normas advindas do período de repressão ideológica a partir do Estado Novo, quando muitos estabelecimentos de ensino comunitários tiveram suas atividades suspensas ou tiveram que passar por uma reformulação em seus estatutos e quadro de funcionários. Embora a cooperação entre a Escola e a Comunidade Evangélica fosse frequente, não foi essa a razão do estabelecimento ter finalmente passado à tutela da comunidade, mas antes o seu caráter flexível em adaptar-se às novas circunstâncias e diálogo junto a autoridades locais que permitiu-lhe a continuidade de suas atividades. Foram as suas origens como estabelecimento de ensino destinado a filhos de imigrantes alemães que lhe emprestou um caráter exclusivista, rótulo mais tarde novamente flexibilizado pela escola para adaptar-se aos novos tempos.

Como conclusão provisória pode-se afirmar que foi seu caráter de maleabilidade e adaptabilidade, em contraposição a uma postura intransigente, que permitiu ao estabelecimento escolar sua viabilidade e sobrevivência em seus primeiros anos de funcionamento. A estreita relação entre os primeiros párocos da Igreja Evangélica, alemães ou filhos de alemães, que muitas vezes realizavam tarefas direta ou indiretamente junto a escola

---

*Sinodal que, repentinamente, vê-se diante da necessidade de troca de direção e de muitos de seus professores, sendo conduzida, emergencialmente, por uma ex-professora da Instituição, formada em curso normal (preenchendo, portanto, a primeira das novas exigências), Sra. Amália Lange Löw, que atuou na função nos anos de 1938 a 1939.” BRANDT, Monica. CEAP – Colégio Evangélico Augusto Pestana. Trajetórias e Lições de Superação de uma Escola: de sua criação (1899) até o fim do Estado Novo (1945). p. 58*

<sup>109</sup> Conforme consta no site do poder executivo, a cidade se apresenta como de formação multiétnica: “Ijuí é conhecido por reunir variados grupos étnicos, sendo daí conhecido como “Terra das Culturas Diversificadas”. Pode-se citar os seguintes: afro-brasileiros, índios, portugueses, franceses, italianos, alemães, poloneses, austríacos, letos, holandeses, suecos, espanhóis, japoneses, russos, árabes, libaneses, lituanos, ucranianos dentre outros.” Em <http://www.ijui.rs.gov.br/prefeitura/index/2>. Último acesso em 07 de março de 2012.

deve-se mais à ausência de recursos humanos com formação específica na área da educação do que propriamente uma postura de exclusivismo étnico ou religioso.

O argumento de exclusivismo linguístico pode conduzir a conclusões igualmente enganosas, pois verifica-se uma diferenciação não só entre culturas falantes do mesmo idioma, mas igualmente entre membros do mesmo segmento étnico, como os *teuto-alemães* ou *teuto-evangélicos*, como a literatura passou a denominá-los. Além destes, propriamente, também se pode verificar a presença de teuto-poloneses, teuto-russos e outros segmentos culturais cujo idioma, fator determinante nessas culturas, mas não o único, constituía muitas vezes o único vínculo identitário. Conforme MELLO (2007) até mesmo entre os denominados *teuto-alemães* se tinham estabelecido diferenças rigorosas, como a cisão entre adeptos da Igreja Confessional Luterana e o denominado Sínodo Missouri.<sup>110</sup> Não se pode, portanto, considerar *os alemães* de Ijuí como um grupo culturalmente homogêneo, embora frente aos demais grupos étnicos tendessem a identifica-se entre si.

Pode-se observar que o CEAP do presente se apresenta de maneira diversa em relação ao passado. A Escola pode ser caracterizada, hoje, por um duplo movimento: uma preocupação em relação a uma origem específica, portanto em busca de uma identidade que pode ser reconstituída através da memória de seus antepassados e da viabilidade de lugares de memória; e como uma escola adaptada ao mundo hodierno, que oferece excelência de ensino e se abre ao novo, ao moderno. O CEAP, ao mesmo tempo em que sua história confunde-se com a história do município de Ijuí apresenta-se como um espaço aberto ao multiculturalismo, na acolhida e diálogos com outras culturas e com as diversas contribuições que podem advir deste processo. Ao mesmo tempo, porém, em que tal abertura leva a um diálogo com a alteridade, ocorre igualmente um processo inverso, caracterizado pela perda de referenciais identitários tradicionais e, conseqüentemente, essas questões perpassam valores que afetam principalmente as gerações mais antigas.

A busca pelas origens remotas do Colégio Evangélico Augusto Pestana, mais do que uma finalidade em si mesma, ajuda a compreender o CEAP de hoje. As rápidas transformações advindas da sociedade de massificação midiática e do consumo provocou uma mudança não somente na forma como as pessoas se relacionavam com o seu entorno, mas também como se relacionavam entre si, e isso trouxe mudanças fundamentais em seus modos de vida e em suas

---

<sup>110</sup> Ver Mello, Gilvan Oliveira. Congregação Evangélica Luterana “São Paulo” Linha 08 Oeste Ijuí – RS: Relações de poder na comunidade 1898 – 1926. 2007

formas de sociabilidade. Procuo demonstrar como criação do Museu Escolar do CEAP esteve diretamente vinculado a este duplo movimento, que compreende a perda de referenciais e uma reiterada busca por suas origens. Como na prática este espaço se constitui como um lugar que empresta a instituição um caráter específico, em outras palavras, uma determinada identidade.

## CAPÍTULO III

### O Museu Escolar do CEAP: ecos de um passado [*nem tão*] distante

Pretende-se analisar a fundação da instituição do Museu Escolar do Colégio Evangélico Augusto Pestana desde sua fundação, em meados dos anos 70, até os dias atuais, procurando perceber como tal instituição foi viabilizada a partir da iniciativa de um grupo de professores, pais e ex-alunos da escola, cujo propósito principal foi a criação de um espaço de cultura com a finalidade de preservar a história da escola. A partir da caracterização do tipo de material encontrado nas dependências do museu e do tipo de público que frequenta esta instituição, pode-se perceber como tal espaço serve, hoje, a propósitos que excedem os objetivos pelos quais foi constituído. O museu teve, ao longo de sua existência, dinamizado as suas atividades culturais e pedagógicas e apresenta-se, afinal, como um espaço de referência e identidade compartilhada não somente em um nível discursivo, mas que encontra uma contrapartida na prática quotidiana enquanto instituição de referência cultural. Para propósitos de investigação, empreende-se a análise dos documentos, que se encontram disponíveis no museu, como fichas de consulta e empréstimo, lista de presenças, atas e relatórios anuais de atividades que se encontram alocados nesta instituição, bem como inventário de doações e materiais tombados e catalogados, a fim de traçar um perfil da mesma. Procurou-se confrontar, igualmente, os dados documentais encontrados com relatos orais, de eventuais frequentadores do museu, e procurar perceber em suas falas quais os seus objetivos e que lugar reservam em seu imaginário à função dessa instituição.

#### 3.1. Primeiras aproximações junto ao objeto de estudo

Algumas pesquisas se originam, em maior ou menor medida, ou possui alguma relação de certa forma afetiva com certas experiências de caráter mais íntimo, com alguma experiência por que passa o pesquisador ao longo de sua vida. Isto é, que de alguma forma

modifica-lhe o quotidiano ou de algum modo chama a sua atenção para algo que não que se lhe apresenta em algum plano imediatamente em evidência.<sup>111</sup> Quando se leva a efeito um projeto de desenvolvimento de uma etnografia deve ter-se em conta, como elemento indispensável ao exercício do olhar antropológico, aquilo que o antropólogo François Laplantine denomina como o *caráter inexplicável da ciência*, ou de outra maneira, suas *motivações extracientíficas*.

Minha inserção ao campo de estudos partiu primeiramente de experiência de campo e em momento posterior à teoria, se bem que nessa época nada levava a crer que uma atividade primeiramente ocupacional e, posteriormente, empregatícia pudesse fornecer elementos suficientes e finalmente levar a efeito um estudo etnográfico, como se passará a ver, com algumas particularidades. Cumpre reconhecer, antes de mais, que dentre os propósitos elencados aqui, não se pretende fazer uma representação sobre a história oficial, ou corroborar algum ponto de vista político, outrossim confrontar diversos pontos de vista em apoio de uma estrutura argumentativa com uma determinada finalidade.<sup>112</sup>

Após curto período de trabalho voluntário nas dependências do Museu Escolar do CEAP, fui finalmente admitido como funcionário em caráter permanente, à época,<sup>113</sup> para oferecer um suporte técnico e teórico. Afinal, contava naquele tempo com uma formação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e parcial em História, o que já me capacitava, em parte, para os serviços de auxiliar no museu, espaço que se estava disponibilizando novamente pela direção da Escola. A responsável pela instituição, após assumir inteiramente as atividades do museu, após a aposentadoria do museólogo responsável pela instituição, o professor Rolf Steinmetz, por fim acabou se incumbindo de todas as atividades promovidas pelo museu escolar, e que constituíam desde a requisição de compra de material necessário quanto às atividades de exposição, oficinas, palestras e

---

<sup>111</sup> Acerca das motivações do antropólogo: “Assim uma verdadeira antropologia científica deve sempre colocar o problema das motivações extracientíficas do observador e da natureza da interação do jogo. Pois a antropologia é também a ciência dos observadores capazes de observarem a si próprios, e visando a que uma situação (sempre particular) se torne o mais consciente possível. Isso é realmente o mínimo que se possa exigir do antropólogo.” LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. 2000 p. 170

<sup>112</sup> Conforme BEATTIE (1971), a antropologia é, antes de mais, uma ciência experimental. Acerca das idéias pré-concebidas que se possa ter, expressa-se o autor: “No início de uma investigação de campo a adequação de qualquer corpo de teoria particular, estrutura explanatória ou série de questões (...), é obrigada a ser um assunto de acertar ou errar, sujeito à contínua revisão, modificação e reformulação.” BEATTIE, John. *Introdução à antropologia social*. 1971 p.51

<sup>113</sup> Em meados do primeiro semestre do ano de 2007. Desenvolvi primeiramente trabalho voluntário e posteriormente fui admitido como funcionário da instituição em caráter permanente.

estabelecimento de contato com outras instituições ou junto a órgãos governamentais. Concomitante aos seus outros compromissos internos, a funcionária responsável também lecionava na escola, ocupando-se de cadeiras de língua e literatura portuguesas, além de outros compromissos externos, junto a outras instituições, restando-lhe, por isso, pouco tempo para dedicar-se às atividades propriamente relacionadas ao museu, principalmente as mais práticas, como a catalogação, tombamento e acondicionamento de materiais, o que acabava por consumir-nos sempre a maior parte do tempo em que trabalhávamos no museu. Embora o trabalho a princípio pudesse parecer um pouco repetitivo, monótono, em contrapartida sentia-me completamente à vontade e, posso mesmo confessar, passado já algum tempo, ter acabado por me afeiçoar a um universo cultural bastante diferente daquele a que estava costumeiramente habituado, uma vez que tanto a religião luterana como a língua alemã – que ainda é ministrada na escola com segundo idioma – me eram completamente desconhecidos. Além disso, por essa época passei a compreender melhor a história do Rio Grande do Sul, já que tinha muito pouco conhecimento sobre o processo de imigração no noroeste do estado, bem como sobre as atividades econômicas desenvolvidas nessa região administrativa do estado. Para todos os efeitos avalio, afinal, muito tempo depois, meu trabalho no museu como uma experiência enriquecedora em vários sentidos.

Aceito o desafio, procurei colaborar da melhor forma possível, mesmo sem avaliar corretamente as implicações em que tais compromissos viriam primeiramente a incidir. A quantidade de trabalho revelou-se bastante superior e mesmo acima de minhas expectativas, por motivos que posteriormente passei a compreender melhor. Mesmo na época em que era administrado integralmente pelo professor Rolf Steinmetz, a quantidade de material que chegava ao museu da parte de inúmeros colaboradores, muitos deles habitantes mais antigos da cidade, ligados alguns deles à administração local, ou simplesmente da parte de pessoas que estavam se iam tornando avançadas pela idade e se estavam desfazendo de objetos antigos era bastante expressiva. Pude observar que estes últimos doavam frequentemente pertences os mais diversos, dirigindo-se para o museu escolar do CEAP, tivessem ou não alguma relação com a escola. Não deixa de ter pertinência o comentário de que muitos destes objetos não possuíam nenhuma relação com a história da Escola, ou do ensino em geral, tratando-se de objetos de uso do cotidiano, não sendo propriamente objetos *escolares*. Pode-se concluir que muitos destes doadores tinham estabelecidos laços mais próximos e se sentiam mais a vontade frequentando as dependências do Museu do CEAP, ainda que os



pudessem doar para outras instituições, ou simplesmente desfazer-se dos mesmos objetos. Um museu é, portanto, antes de tudo um lugar de vínculos afetivos.

Deve-se registrar que em seus últimos tempos de atividade, o professor Rolf Steinmetz havia se dedicado a duas atividades concomitantes, uma no museu escolar do CEAP, que constituía seu principal projeto após sua vinda de um curso de museologia, que realizara na Alemanha, e outra atividade junto ao Museu da Comunidade Evangélica, o *museu Albin Brendler*, onde prestava trabalho voluntário, isto é, não remunerado. Rolf era ligado tanto à Escola como à Comunidade, um aspecto bastante comum entre os fundadores do museu escolar. Após o seu desligamento de ambas as instituições, o acervo pertencente ao Museu da Comunidade Evangélica foi incorporado ao museu do CEAP, medida tomada, de acordo com informação a que tive acesso, sem que tivesse sido discutida mais amplamente, motivo de ainda certo desconforto entre membros da comunidade evangélica e da escola, ainda presentes na fala de algum de meus interlocutores. Ao fim, acabava-se tornando muito difícil estabelecer com rigor o que se tratava de assunto relacionado ao museu da comunidade e do museu da escola, sem que se recorresse a protocolos de doação e tombamentos. Ainda assim, se podia observar a presença de material doado ao museu da escola que não possuía, aparentemente, relação com a história do ensino ou da escola.

Assim, logo após as minhas primeiras aproximações junto ao museu escolar, deparei-me com uma abundância expressiva de materiais, inclusive trabalhos escolares, que restavam armazenados nas dependências do museu, de forma que quem adentrasse ao recinto podia ter a impressão de que não havia precisamente uma definição que viesse a caracterizar a política de conservação permanente do Museu. Tal foi pelo menos a minha primeira impressão. Havia ao lado de maquetes de sistemas planetários, livros didáticos, religiosos, objetos antigos, como máquinas de escrever, retroprojetores, troféus, uniformes, enfim, parecia que qualquer objeto que aparentasse possuir alguma relação com a escola pudesse ser encontrado naquele espaço. Além disso, encontrei em minhas tarefas quotidianas, outra dificuldade adicional. Embora o tema '*museu*' estivesse frequentemente envolvido e fosse parte de discussões acadêmicas ao tempo de minha graduação, a falta de exercício na catalogação e organização do material disponível em museus, experiência prática no manuseio destes materiais, revelou-se, em um primeiro momento, um obstáculo bastante considerável, o qual, com o decorrer do tempo, pude contornar em parte, já que a instituição a que estava vinculado financiava alguns cursos de aperfeiçoamento a que pude frequentar junto ao Museu Antropológico Diretor

Pestana, instituição mantida pela fundação universidade local (FIDENE). O que me possibilitou, por conseguinte, a me habituar às discussões e tomar conhecimento das últimas tendências e debates envolvendo instituições de museus e técnicas de conservação, preservação e legislação referente a museus.

Acresce, todavia, que embora as dificuldades iniciais fossem enormes, o trabalho mostrou-se compensador em alguns aspectos e, se bem que por vezes não me sentisse muito à vontade trabalhando sozinho nas dependências do museu, foi um trabalho que não se mostrou desprovido de suas peculiaridades. A comunidade escolar recebeu-me muito bem, embora fosse um desconhecido na cidade e não partilhasse de alguns dos valores caros à comunidade evangélica, já que não frequentava o templo religioso.<sup>114</sup> Alguns membros da Escola são também membros ativos da comunidade evangélica e pode-se perceber uma nítida distinção entre os membros da comunidade e os não-membros. Pude também encontrar, muitas vezes, material de divulgação da Igreja evangélica nas dependências da Escola, livros de leitura, lembretes ou publicações destinadas a membros da Igreja. Esforcei-me por adentrar naquele universo cultural tão diverso, mas ao mesmo tempo tão instigante.

A prática do trabalho desenvolvido no museu, aliada à reflexão sobre o trabalho desenvolvido nessa instituição de cultura me conduziu à reflexão sobre o próprio trabalho do antropólogo, pois deparei-me, antes de mais, com um tipo de realidade bastante diferente da qual estava habituado, uma realidade que produziu-me uma espécie de *estranhamento*. O museu mostrou-se um lugar de onde poderiam ser inferidos assuntos relacionado a biografias dos membros da comunidade escolar, já que muitos deles eram frequentadores das dependências do museu, que realizavam pesquisas nas dependências do mesmo ou apenas o frequentavam eventualmente. Com o tempo passei a conhecer as personagens ligadas a escola, alguns dos quais tinham tomado parte na realização da fundação do museu escolar e do qual eram colaboradores bastante assíduos ou ocasionais. Foram estes principalmente que me forneceram as informações mais detalhadas sobre o processo que levou à fundação do museu, bem como este tinha sido gerido ao longo de seus anos de atividade.

---

<sup>114</sup> “Tal interação na realização de uma etnografia envolve, em regra, aquilo que os antropólogos chamam de “observação participante”, o que significa dizer que o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação”. OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do Antropólogo*. 2000. p. 23

No museu pude realizar uma aproximação entre o trabalho do arquivista de documentos e do antropólogo. Roberto Cardoso de Oliveira (2000) em *Olhar, ouvir, escrever*, define algumas etapas que o etnógrafo deve perceber, em sua incursão a campo. A observação consistiria na primeira e indispensável etapa, enquanto o escrever consistiria em um segundo momento.<sup>115</sup> Embora meus primeiros esforços se tivessem concentrado no que consistia e quais as implicações trazidas pela presença do museu escolar do CEAP na vida dos membros da comunidade escolar, não se deveria perder de vista uma visão mais integral e holística da cultura, a fim de que pudesse se compreender algumas informações que não poderiam ser fornecidas apenas por uma pesquisa *in loco* realizada junto ao material físico disponível nas dependências do museu escolar e tão pouco pelas falas de meus interlocutores.<sup>116</sup> Mas uma pesquisa que se apoiasse tanto em documentos como relatos orais poderiam fornecer elementos mais seguros de afirmação de algumas hipóteses. Porém é somente no ato de escrever que algumas dessas reflexões se tornam efetivamente mais claras e, caso as pudesse apresentar aos meus próprios interlocutores, eles mesmos seriam capazes de reconhecer algumas das relações que pude estabelecer, não evidentes à primeira vista, e que eles mesmos julgaram várias vezes desprovidas de interesse de pesquisa, conforme confessaram mais tarde, mas que afinal forneceram elementos importantes para a análise final acerca da finalidade a que se podia acreditar destinar-se o Museu Escolar do CEAP, qual seja, a de lugar da memória e referência para o grupo cultural escolar, com conotações étnicas.

### **3.2. O Museu Escolar do CEAP: uma mentalidade preservacionista em formação**

Quando se está a referir que a fundação de um museu, no presente caso o Museu Escolar do Colégio Evangélico Augusto Pestana, fundado no ano de 1973 e pertencente a uma escola mais que centenária, fundada por imigrantes ou descendentes de imigrantes que se apresentam como teuto-evangélicos, de Ijuí, rapidamente se faz referência a que esse museu represente e seja depositário de uma história de mais de cento e dez anos de existência e que represente, ademais, através de seu acervo permanente, um ponto de convergência e de referência sobre estudos a respeito da história da escola. A história, entretanto, sem sempre se

---

<sup>115</sup> Idem Ibid. p. 25

<sup>116</sup> Idem Ibid. p. 29

apresenta de forma linear e, em pesquisas realizadas em periódicos locais, os quais se referem à história da escola, pude perceber que de acordo com a época em que o jornal fora editado, era dado ora um tratamento mais pormenorizado a determinados caracteres a respeito da história da escola ora a outro.

Em uma abordagem documental, alguns elementos, atualmente presentes no Museu Escolar do CEAP, levam também à convicção de que há uma convergência de evidências que conduz a crer que há a afirmação de uma suposta *identidade teuto-evangélica* que vai além dos limites estreitamente referentes à elaboração de uma história da escola. Além do que se propõe em nível intencional, a existência de um museu escolar estabelece *vínculos identitários* com um determinado segmento da sociedade local, os membros da comunidade evangélico-luterana congregacional de Ijuí, que está de alguma maneira ligada à escola, uma vez que a Comunidade Evangélica de Ijuí é, de fato, a entidade mantenedora da mesma. Tal discurso em torno de preservação da história da escola, no sentido de conferir a ela um aspecto de *identidade*<sup>117</sup> fica bastante evidenciado na fala de um de meus interlocutores, que participara das tratativas e do ato de fundação do museu Escolar do CEAP. Sobre as razões da criação do museu expressou-se:

Mas o *museu* realmente é uma instituição do CEAP. A necessidade é que na época não havia mais nada que representasse a vida do colégio. De certa forma, da comunidade (evangélica) até tem. Isso aí depois nos anos 70, 76 (...). Então, na época não havia nada que preservasse a *identidade* do colégio e da comunidade. Porque na época da Guerra<sup>118</sup> foi tudo queimado (...), desapareceram documentos, sei lá, não tinha mais.<sup>119</sup>

Digno de nota foi que meu informante utilizou-se propositalmente do termo ‘identidade’, para expressar-se acerca dos propósitos envolvidos na criação de um museu

---

<sup>117</sup> MARTINS (2007) expressa-se da seguinte forma acerca dos processos de identidade e memória: “Conforme Pesavento (1993), a criação de uma identidade, através de um passado histórico, tem como base a questão da memória que seleciona, inventa, cria, manipula, recorta o passado segundo interesses de um grupo ou pessoa.” MARTINS, Lucciane Guedes da Luz. *Caudilhos no Rio Grande do Sul: uma revisita à memória dessa época polêmica da história riograndense*. In: SOARES, André L. R. (org.). Educação patrimonial: teoria e prática. 2007

<sup>118</sup> Referência à Segunda Guerra Mundial, conflito ocorrido entre 1939 a 1945, que envolveu, dentre outros países, Brasil e Alemanha.

<sup>119</sup> Entrevista realizada no dia 02 de setembro de 2012

escolar. Outro de meus interlocutores, que realizara pesquisa acerca da história da escola junto ao material encontrado nas dependências do *Museu* reafirma o mesmo tipo de informação, qual seja, de que o museu visava a servir como um espaço de fonte de pesquisa, embora chamasse a atenção para uma lacuna e algumas limitações impostas durante o período *estadonovista*:

Foi graças ao material que eu consegui reunir aqui dentro do museu que eu consegui o resgate dessa história e ainda mais considerando-se que o período que eu abordei foi um período do qual se tinha muito pouco registro em função da Segunda Guerra e do período então da nacionalização do ensino, em que as instituições e as pessoas de origem alemã tiveram que dar sumiço ao seu material e a tudo o que houvesse em língua alemã sob pena de sérias represálias.<sup>120</sup>

Pude perceber, em minhas investigações iniciais, e como funcionário dessa instituição, que o espaço privilegiado e que era destinado à preservação da memória da Escola e que implicava, portanto, em um investimento simbólico nesses aspectos de etnicidade era, de fato, o seu Museu Escolar. Durante a maior parte do expediente escolar, pouca referência se fazia à história da escola, com exceção de algumas datas comemorativas, ou publicações da própria escola. O Museu Escolar pode, assim, ser compreendido como um campo de ação onde se realizam embates simbólicos, dentro do próprio grupo pesquisado, sobre o que constituía, afinal, efetivamente a memória da escola e que tipo de memória se desejava preservar.<sup>121</sup> Processo, acredito, que vem sendo reelaborado e continua em andamento.

Utilizo neste estudo o conceito de *memória coletiva*, elaborado por Maurice Halbwachs (2006), para quem a memória, embora pareça ser um fenômeno de natureza individual, constitui um tipo de construção eminente social e coletiva.<sup>122</sup> Isto é particularmente válido para o grupo sobre o qual incidem minhas pesquisas de campo, uma

---

<sup>120</sup> Entrevista realizada dia 06 de outubro de 2010.

<sup>121</sup> Sobre o conceito de memória e poder, ver CHAGAS, Mario de Souza. *Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade*. 2006 p. 31

<sup>122</sup> As condições necessárias para a formação de uma memória social parecem corresponder à realidade que ora está exposta. Assim se expressão o autor: “*Isto realmente pressupõe uma dupla condição: por um lado, que minhas lembranças, tais como eram antes que eu entrasse nesses grupos, não fossem igualmente esclarecidas em todos os seus aspectos como se até agora não as houvéssemos percebido e compreendido inteiramente – e, por outro lado, que as lembranças desses grupos não deixem de estar relacionadas de alguma forma aos acontecimentos que constituem meu passado.*” HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2006 p. 95

vez que o mesmo é caracterizado por seu número reduzido, frequentemente se conhecem pessoalmente uns aos outros, além de compartilharem alguns valores comuns, como é o caso de uma entrevistada,<sup>123</sup> que já havia sido aluna, professora, funcionária da escola, além de membro da comunidade evangélico-luterana e ser casada há vários anos com também membro da mesma associação. Conforme explicita o autor de *A Memória Coletiva*, a constituição de uma memória coletiva se forma e se dá mediante a interação entre membros de um determinado grupo. O autor também enfatiza a importância dos contextos sociais em que tais atores estão inseridos, que formam por assim dizer o substrato de uma memória social, compartilhada.<sup>124</sup>

Minhas pesquisas se basearam primeiramente no levantamento de fontes escritas, que fizessem alguma referência em relação à história da escola e da fundação do museu escolar. Importa perceber como, junto à documentação disponível nas dependências do Museu Escolar do CEAP, se existiam – e em caso positivo, quais sejam – os vestígios materiais que apontam para uma afinidade entre discurso de afirmação de uma determinada etnicidade e quais as memórias que eram acionadas para legitimar tal discurso de pertencimento. Os relatórios das atividades desenvolvidas pela instituição MECEAP, Museu Escolar do CEAP, bem como os registros de materiais de consulta e empréstimo, podem dar uma idéia da finalidade dessa instituição junto ao público que ela tem acesso.

As intenções dos idealizadores dessa instituição, que estão registradas de forma parcial e presentes na carta de fundação do Museu<sup>125</sup>, parecem não evidenciar nenhuma postura de exclusivismo étnico ou cultural. Cumpre registrar, no entanto, que tal intenção, até mesmo em nível explícito, se manifestava na fala de alguns de meus interlocutores. Conforme intenciono demonstrar, esta associação entre *identidade* e *museu* se dá através da presença de diversos discursos de pertencimento a um determinado segmento étnico, os *teuto-evangélicos* de Ijuí, e que podem ser percebidos nos documentos históricos disponíveis nessa instituição, bem como

---

<sup>123</sup> Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2010, nas dependências do Colégio Evangélico Augusto Pestana, de Ijuí, junto a eminente personalidade ligada à escola, já aposentada, mas que continua desenvolvendo atividades sócio-culturais ligadas à Escola, e que concordou em dar um depoimento sobre a importância do Museu Escolar, seja para a comunidade escolar, seja para a comunidade evangélica, da qual também faz parte.

<sup>124</sup> “*De bom grado diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes.*” HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. 2006. p. 69

<sup>125</sup> Conforme Carta de Fundação do Museu Escolar do CEAP, em anexo.

no perfil do público que frequenta este espaço e nas falas daquelas pessoas mais diretamente envolvidas em sua idealização e fundação.

A história do Museu Escolar do Colégio Evangélico Augusto Pestana e a forma como foi concebido pode esclarecer algumas questões acerca de sua função. O MECEAP foi idealizado e concretizado a partir de uma sugestão da parte da Associação de Pais, Professores e amigos do CEAP, a APPA, uma instituição autônoma e de caráter jurídico<sup>126</sup> e de um conjunto de personalidades ligadas à administração escolar. O mesmo foi criado no ano de 1973 e inaugurado em 19 de outubro do mesmo ano, durante comemorações envolvendo a inauguração dos novos pavilhões da escola. De forma geral, a ideia da criação de um museu era essencialmente mais antiga, conforme confidenciou-me um de meus informantes. Portanto, à época de sua fundação, já havia a formulação de uma ideia geral em torno da viabilização de um museu, presumivelmente em torno de um grupo de professores mais antigos, ou engajados nas atividades escolares. Consta que alguns de seus fundadores eram também membros da comunidade evangélica. De sua fundação até recentemente, no ano de 1999, as atividades museológicas estiveram ligadas, de uma forma ou outra, tendo à frente a figura do professor Rolf Frederico Steinmetz, seu coordenador. Alguns dados referentes à biografia e trajetória de vida do professor Rolf Steinmetz, figura central na administração do Museu Escolar do CEAP durante muitos anos, pode fornecer subsídios e elementos para uma explicação sobre algumas tendências, que vieram a se manifestar posteriormente, sobre caráter *étnico* da instituição que até o momento se estava a referir.

Rolf Frederico Steinmetz nasceu em Ijuí, no ano de 1935<sup>127</sup>, filho de dois imigrantes alemães, Frederico e Frida, que emigraram da Alemanha em 1924 e se estabeleceram na cidade de Ijuí, exercendo atividades urbanas tais como a de estofador e chapeleira, respectivamente. Tais como outros imigrantes na mesma condição, no período anterior à nacionalização do ensino, tinha como língua materna o alemão, que aprendera no ambiente familiar. Ainda na escola, tomou conhecimento da língua portuguesa, que desconhecia completamente, conforme ele mesmo reconheceu, anos depois. Esta realidade incidiu sobre a vida de Rolf, bem como se pode suspeitar haver muitos outros alunos, como ele na condição de *teuto-descendente*, que desconheciam o idioma português antes de entrar para a escola,

---

<sup>126</sup> Ver também Notícia veiculada no *Jornal da manhã*, periódico local na edição do dia 22 de maio de 2001, n. 40, ano 12.

<sup>127</sup> Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana. – ÁGORA, 4ª edição/99 nº 06 ano II p. 03

muitas delas comunitárias e administradas por professores *alemães*. Conforme expressou-se um de meus interlocutores acerca do ensino naquele tempo, a língua portuguesa se não desconhecida, era bem pouco praticada:

Nossa aula, [naquela época] era tudo em alemão, a leitura, o livro pra ler, livro alemão, a matemática era alemão, a canção ou a hora de cantar era em alemão, a história (...) isso era explicado em alemão. (...) A matéria, aquele tempo, talvez era menos matéria do que tem hoje, mas nós tinha cinco tempos de estudo, parece que tinha 45, 50 minutos [cada]. Um estudo era em português, nós também tinha que escrever [em] português. Mas isso foi antes da guerra, nada era proibido.<sup>128</sup>

Rolf Steinmetz residiu durante toda sua infância na cidade de Ijuí. Em 1965 concluiu o curso de licenciatura em Filosofia pela FAFI (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) fundada pouco tempo antes, por missionários capuchinhos<sup>129</sup> e, em 1967, formou-se também no curso de Pedagogia. Naquele mesmo ano, foi convidado pelo professor Arno Sommer, então diretor do Colégio Evangélico Augusto Pestana, a lecionar no mesmo, pois além da falta de docentes, fazia-se necessário renovar o quadro de professores da instituição. À época era difícil conseguir professores, uma vez que os cursos de graduação do interior ainda eram bastante incipientes e a demanda, em decorrência de uma população que se urbanizava a cada dia, se tornava a cada dia maior.

Foi, contudo, nas dependências da recém formada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a FAFI, onde em contato com outro imigrante de origem alemã, Martim Fischer, que deu-se uma mudança bastante significativa em sua carreira. Um dos projetos culturais idealizados por Martim Fischer, envolvendo personalidades ligadas a intelectualidade local e trabalhos desenvolvidos junto à comunidade ijuiense, foi um dos intentos desenvolvidos pela FIDENE, fundação e entidade mantenedora da universidade local. Tal esforço resultou na

<sup>128</sup> Entrevista realizada em outubro de 2011.

<sup>129</sup> “*Instalada em 1957, a FAFI nasceu da convergência fecunda de duas vertentes de interesses e preocupações: de um lado, a Ordem dos Frades Menores Franciscanos (Capuchinhos) do Rio Grande do Sul, que buscava uma formação mais comprometida de seus membros com as aspirações da população diante dos tempos novos, a par de uma qualificação e habilitação legal de seus quadros, ou de seus egressos, para o trabalho pedagógico e a atuação no ensino secundário; de outro lado, as necessidades e os anseios da comunidade de Ijuí e da região no sentido de que se implantasse o ensino superior, que possibilitaria a qualificação de recursos humanos para as múltiplas atividades do seu desenvolvimento.*” BRUM, Argemiro J. *Universidade regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul: UNIJUI: uma experiência de universidade comunitária: sua história, suas idéias*. 1998. p. 40



fundação de um museu, antropológico, na cidade, no ano de 1961. Conforme depoimento de um entrevistado, foi o contato com Fischer que proporcionou a Rolf sua primeira experiência de trabalho em um museu, que mais tarde resultaria na fundação de outros dois:

O Rolf fez faculdade na FAFI (Faculdade de Artes e Filosofia, que mais originou a Unijui). Na época do frei Matias. Era o Mario Osorio Marques. Depois ele [frei Matias] casou e saiu da ordem, mas foi ele um dos que fundou a FAFI. O Rolf estudou na FAFI, e foi aí que ele conheceu aquele que foi um dos fundados do museu Antropológico [Martim Fischer]. Foi o Fischer que arrumou aquela bolsa pra ele na Alemanha. Ele passou dois anos Alemanha estudando e voltou museólogo. Ele trabalhou um tempo no museu da FIDENE (Museu Antropológico Diretor Pestana). Depois com aquele monte de mudanças, não sei o que aconteceu. Ele trabalhou lá por intermédio do Fischer, depois que o Fischer saiu acho que ele saiu também.<sup>130</sup>

O tempo de sua formação complementar e permanência na Alemanha ocorreu entre os anos 1969 a 1970. Antes disso, o professor Rolf completou um curso de pós-graduação em Arqueologia Brasileira, na cidade de São Leopoldo e, posteriormente, por intermédio de Martim Fischer transferiu-se para a Universidade Maximilian, de München, onde frequentou as cadeiras de Antropologia Cultural, Etnologia e Prática de Museus. De volta ao Brasil, retornou à cidade de Ijuí e passou a lecionar no *CEAP* as disciplinas de História, EMOCI, OSPB, religião e língua alemã. Em 1973, à frente de um grupo de professores, pais e amigos do *CEAP*, foi um dos idealizadores, fundador e diretor do *Museu Escolar do CEAP*.

Como se chegou finalmente a elaborar a perspectiva de uma identidade *teuto- evangélica* para o Colégio Evangélico Augusto Pestana foi caminho que durante seus mais de cem anos de história oscilou, conforme se verificou, entre algumas tendências, vigentes durante determinado tempo, até finalmente apresentar-se, cotidianamente com atual denominação de escola *evangélica*, embora a instituição se apresente hodiernamente como uma escola aberta ao multiculturalismo. Sua identidade, conforme se pode constatar em discursos de suas lideranças, é assunto que não se encontra definitivamente encerrado, mas vem sendo constantemente atualizado e revisto principalmente em torno de um grupo, que se incumbem de divulgar essa especificidade e disputa, entre si, os despojos simbólicos desse

---

<sup>130</sup> Entrevista realizada em outubro de 2011.

embate ideológico. Afinal, o antagonismo entre dois movimentos, um de natureza modernizador e multicultural, e outro de tendência mais conservador em torno de uma suposta origem comum estão constantemente sobrepondo-se um ao outro, apresentando-se ora mais em evidência sua abertura, ora sua origem, conforme as circunstâncias e necessidades que se colocam aos administradores da escola.

Fazer recuar os registros da história da instituição até tempos muito recuados seria percorrer caminho pouco proveitoso para os propósitos deste trabalho, além de ser empreendimento que pela própria dificuldade de obtenção de fontes escritas seria impossível. Assim, por exemplo, torna-se difícil ter acesso a documentos em determinados períodos da história da Escola, como a falta de registros escritos preservados sobre a mesma durante o período *estadonovista*, em decorrência da campanha de nacionalização do ensino, onde os estabelecimentos de ensino privados tiveram de adaptar-se ao modelo imposto pelo estado e pelas normas da nacionalização do ensino, com a ulterior proibição de professores de origem estrangeira de lecionar, o que dificulta ainda mais uma análise mais detalhada sobre o assunto. Entretanto, e este é ponto de inflexão que ora se propõe, a história da escola auxilia, mas não fornece totalmente as bases de afirmação de uma identidade étnica, mas antes esta se manifesta e corresponde a uma necessidades do presente.<sup>131</sup>

Desde o início torna-se problemático abordar o tema de um ponto de visto étnico, uma vez que essas categorias não são homogêneas nem acompanham os desenvolvimentos dos estados nacionais, embora o nacionalismo seja um fenômeno datável dos últimos dois séculos.<sup>132</sup> A identidade não é um conceito estático, mas é sempre situacional em relação a determinados grupos que se apropriam de sinais diacríticos exteriores que lhes permitem estabelecer uma distinção entre um universo restrito por um *nós* em relação a um *os outros*. Portanto, trata-se de uma categoria relacional e maleável que se adapta aos contextos em que ela é colocada. A problematização do conceito de estado nacional, tal como se pode

---

<sup>131</sup> Conforme crê MENESES (2005): “Relíquia, semióforo, objetos históricos: seus compromissos são essencialmente com o presente, pois é nos presente que eles são produzidos ou reproduzidos como categoria de objeto e é às necessidades do presente que eles respondem.” MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A exposição museológica e o conhecimento histórico IN: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves e VIDAL, Diana Gonçalves (org). *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Belo Horizonte. Argvumentvm. CNPQ, 2005 p. 26

<sup>132</sup> “Qualquer que seja o significado “próprio e original” (ou qualquer outro) do termo “nação”, ele ainda é claramente diferente de seu significado moderno. Podemos, portanto, sem ir mais além no assunto, aceitar que, em seu sentido moderno e basicamente político, o conceito de nação é historicamente muito recente.” HOBBSAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. 2008 p. 30

depreender da leitura da obra de HOBBSAWN (2008) fornece algumas perspectivas para a compreensão do conceito de *etnicidade e identidade nacional*. O autor inventaria e sugere que o desenvolvimento do conceito de *estado-nação* surgiu e se disseminou tardiamente na história, tendo sua primeira aparição significativa não antes do século XVIII, com a emergência de um conceito político de nação. Pensador de influência marxista, sugere como segundo estágio de construção do conceito e sua posterior disseminação concomitante ao desenvolvimento das forças capitalistas e econômicas e, finalmente, compreendendo o terceiro e último estágio, o da emergência do nacionalismo propriamente dito após o movimento de independência de ex-colônias.

Este estudo se propõe, portanto, investigar se há, no presente caso, um reiterado investimento simbólico em estabelecer laços de identidade cultural com as comunidades de origem, estejam elas em relação ao país de origem, Alemanha, ou nos estabelecimentos de colonos mais antigos. Algumas manifestações, como competições esportivas, artísticas e culturais entre as escolas da rede sinodal de ensino são exemplos bastante candentes e expressivos desse tipo de investimento simbólico.<sup>133</sup> Nesse caso, porém, se analisa os mecanismos e vínculos identitários através de uma instituição cultural específica, cuja manifestação material mais elaborada se consistiu na viabilização do *Museu Escolar do CEAP*, um espaço reservado à contemplação e a preservação de uma memória socialmente construída, ou seja, de um tipo bastante específico e particular, já que faz referência constantemente a um passado de imigração alemã, e a um pioneirismo *teuto-evangélico* na região.

O Museu do CEAP de certa forma constitui aquilo que BANN (1994) denomina como *museu histórico*. Os museus históricos não constituem uma forma inocente e neutra de visualizar a história através da contemplação do passado, e os objetos não são preservados de sua destruição apenas pelo seu valor intrínseco de época, de raridade, mas constituem parte de

---

<sup>133</sup> LUCCHES (2004) analisa a participação do Colégio Evangélico Augusto Pestana no contexto das Olimpíadas Evangélicas (ONASE). A primeira edição da Olimpíada Nacional das Escolas Evangélicas ocorreu no ano de 1954, na cidade de São Leopoldo/RS, com a participação de algumas escolas filiadas à Rede Sinodal de Ensino. Esclarece a autora que todos os colégios da Rede Sinodal estão ligados à Igreja Evangélica Confissão Luterana do Brasil – IECLB, que possui atualmente um departamento de educação sediado na cidade de São Leopoldo, de onde provêm orientações pedagógicas e administrativa para as escolas da Rede. Um dos projetos desenvolvidos por este departamento foi a criação das Olimpíadas Nacionais das Escolas Evangélicas, com o objetivo, esclarece a autora, de promover a integração das escolas da Rede. A partir do ano de 1984, os jogos passaram a ser denominados como *Olimpíada Evangélica Nacional*, e integrar as escolas sediadas nos estados do sul do país (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná). LUCCHES, Lígia Carlan. *A Presença das Olimpíadas Evangélicas no contexto do Colégio Evangélico Augusto Pestana (1954-2004)*. 2004 p. 21 e ss.

embates simbólicos sobre o que se deseja preservar e por quê. De acordo com o autor, o investimento em preservar o passado do esquecimento também levou à emergência de uma mentalidade preservacionista, a uma tendência em viabilizar museus. ANDERSON (2005) demonstra que foi através da criação de instrumentos de controle como o *censo*, o *mapa* e o *museu*, denominados pelo autor como instâncias de instituições de poder, que se conseguiu moldar os imaginários dentro da gramática política e ideológica desde o século XIX. Os museus e a imaginação musealizadora são, no entendimento desse autor, aspectos profundamente políticos desse processo e seu entendimento perpassa a busca do impulso arqueológico que tornou possível, no século XIX, estes museus.<sup>134</sup>

Desde minhas primeiras incursões ao campo onde realizei o estudo, um dos aspectos mais interessantes e mais imediatamente perceptível era de que não havia precisamente um discurso único em torno da utilidade ou autenticidade sobre o que podia caracterizar o museu escolar. Esta confusão devia-se a que muitos dos professores e funcionários não conheciam pormenorizadamente o museu, ou sabiam vagamente de sua existência, mas nunca o tinham frequentado. Surpreendi-me, também, muitas vezes quando em conversas com habitantes da cidade, muitos afirmaram desconhecer sua existência, ou sabiam que havia, mas ignoravam sua finalidade ou que o mesmo era aberto ao público. Em contrapartida, durante o tempo em que estive vinculado a esta instituição, observei que muitos pesquisadores não tinham nenhuma relação com a escola, embora frequentassem o museu ou nele fizessem suas pesquisas.

O primeiro documento que analisei, que fazia referência no tocante aos propósitos e objetivos do museu é sua ata de fundação, emoldurada em quadro e colocada à parede, logo na entrada da instituição.<sup>135</sup> De acordo com a ata, o museu foi fundado no ano de 1973, embora a ata só tenha sido protocolada no ano de 1986, treze anos após a fundação do museu e já com alguns signatários faltantes. Deve-se salientar que muitas destas personalidades, que

---

<sup>134</sup> Sobre a questão do patrimônio local, expressa-se POSSAMAI: “(...) hoje é preocupação de um número expressivo de países em todo o mundo, reunindo profissionais de diversas áreas, que compartilham os postulados técnicos e teóricos relacionados a essas tarefas. As discussões sobre o patrimônio abrangem um grande número de aspectos, que vão desde a identificação de um número cada vez mais abrangente de bens culturais – incluindo não apenas monumentos, mas também os bens natural e etnológico – até o gerenciamento e sustentabilidade dos patrimônios junto às comunidades locais.” POSSAMAI, Zita Rosane. O Patrimônio em construção e o conhecimento histórico. IN: Ciências & Letras. N.27 Porto 2000 p. 16 Conforme CHOAY (2001), a aparição do museu moderno pode ser datada, em sua acepção atual começa a aparecer durante a última década do século XVIII. CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. 2001 p. 62

<sup>135</sup> Conforme consta no documento em anexo.

estiveram presentes no ato de fundação, à época já eram pessoas idosas, muitos deles vindo a falecer pouco depois, razão pela qual seu nome figurava na ata, embora não sua assinatura. Minhas expectativas incidiam em que com o decorrer do tempo, me iria familiarizando com o ambiente e que, portanto, em pouco tempo teria acesso a outros tipos de documentação, além de conversas com personagens que de alguma forma estavam vinculadas à instituição. Comparativamente tive acesso a um caso particular, que veio a corroborar algumas impressões, porém em sentido contrário.

A notícia do Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann, localizado na cidade de Panambi, auxiliou-me a repensar algumas impressões, ainda que de maneira primária e aproximada acerca de uma suposição em que me havia baseado, qual seja, a de que o museu escolar assumira o posto de um espaço que representava *uma* determinada história da escola em relação a um grupo étnico específico. A valorização de uma história passada perpassava a valorização de um passado que podia ser caracterizá-lo como de caráter identitário, em outras palavras, emprestava à mesma instituição um caráter de especificidade étnica. O Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann, da cidade de Panambi, teve origem semelhante ao Museu Escolar do CEAP. Sua origem esteve igualmente ligada a uma escola evangélica, o Colégio Evangélico de Panambi (CEP). Pode-se supor, com base em dados fornecidos pela página da instituição, na internet, que uma parte expressiva do seu acervo deve estar vinculada à memória dos *teutos* de Panambi, uma vez que essa cidade foi desde os seus primeiros tempos uma colônia quase exclusiva de alemães.<sup>136</sup> Ao contrário do Museu do CEAP, localizado em um universo caracterizado pelo multiculturalismo, onde se percebe a influência de outros grupos culturais e das transformações advindas de uma sociedade dinâmica, o Museu e Arquivo Histórico de Panambi está inserido em uma realidade um pouco diversa. Pode-se afirmar que ainda hoje a cidade de Panambi se apresenta como uma cidade alemã, ao menos em nível discursivo de representação. Logo, não haveria razões para criar um espaço de exclusivismo étnico uma vez que, ao contrário de Ijuí, esse

---

<sup>136</sup> “Organizado em 1968 no Colégio Evangélico Panambi (CEP), o Museu e Arquivo Histórico de Panambi (MAHP) tornou-se uma instituição municipal em 8 de novembro de 1989. Inicialmente localizado em espaços pertencentes ao CEP e a Comunidade Evangélica (IECLB), em 1990 foi transferido para o antigo casarão da Rua General Osório, conhecido como “castelinho”, e em 1995 foi instalado no Parque Municipal, junto ao ginásio de esportes. Desde a inauguração em 1968 até 1997 o MAHP esteve sob a responsabilidade do Sr. Eugen Leitzke. Em quatro décadas de existência, inúmeros objetos e documentos foram acrescentados ao acervo, entre os quais se destacam: uma réplica da Catedral de Ulm (Alemanha); um grupo de urnas funerárias indígenas; os documentos da Empresa que promoveu a colonização de Panambi; uma coleção de borboletas com cerca de 1500 exemplares; os livros da extinta Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber.” Disponível em : <http://www.blogger.com/profile/18337182012688440159>

multiculturalismo não se faz presente, ou pelo menos não se fazem investimentos simbólicos para representá-lo como uma realidade multicultural. O Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann percorreu, portanto, um caminho inverso ao museu do CEAP, de instituição privada tornou-se órgão público, que representa uma realidade particular com conotações de universalismo. O Museu escolar do CEAP, ao contrário, partiu de doações e coleções particulares, e embora recebesse contribuições de figuras públicas da administração municipal, tornou-se um espaço privado e em certa medida como um contraponto particularizado de uma realidade que se propõe como universalista.<sup>137</sup>

Outros fatores externos ao quadro ora analisado, do contexto específico da colonização peculiar de Ijuí, também corroboram o discurso de que houve a formação de especificidades étnicas na formação do caráter multicultural da cidade. Há, inclusive, um reiterado investimento simbólico por parte da mídia local, e das esferas administrativas municipais em promover a região e denominá-la como a *Terra das culturas diversificadas*, evento que alcança o seu ponto máximo de exposição durante a chamada festa das etnias, que ocorre durante a EXPOIJUI/FENADI, que ocorre anualmente durante o mês de outubro de cada ano, feira de caráter comercial, mas à qual foram mais tarde incorporados eventos de cunho artístico e cultural.<sup>138</sup> Além de seu caráter de feira agropecuária, onde são movimentados recursos na comercialização de produtos agrícolas, um dos atrativos da feira são as casas típicas, uma para cada etnia que representa um dos grupos étnicos presentes nos primeiros tempos da colonização de Ijuí, incluindo atualmente também as etnias *gaúcha* e, mais recentemente a etnia *afro*, que durante muito tempo esteve ausente da historiografia sobre a formação do noroeste colonial.<sup>139</sup>

---

<sup>137</sup> O Museu Antropológico Diretor Pestana, MADP, pertencente à FIDENE, è época em que foi idealizado tinha por propósito reunir todos os vestígios materiais da presença do homem na região. Conforme expressou-se meu interlocutor: “A *idéia da criação do museu se relacionava a figura do doutor Martim Fischer. (...) Há um opúsculo, provavelmente não existe mais. Mas que nele tinha uma menção do Museu Joaquim Nabuco, do Recife, que por sua vez se inspirava no museu do homem (musée de l’homme) de Paris. A antropologia compreende o estudo do homem em seus aspectos físicos e culturais, mais culturais que físicos, mas sem esquecer os aspectos físicos.*” Entrevista realizada no dia 02 de setembro de 2011. Ver também *Conferência sobre o Museu Antropológico de Ijuí*, proferida pelo Dr. Martim Fischer no dia 15 de junho de 1961 e reproduzidos em *Museu Antropológico Diretor Pestana: 40 anos de história*. 2002 p. 31 e ss.

<sup>138</sup> “Em 1987, concomitantemente com a III EXPO-IJUÍ – Terceira Exposição –Feira Industrial, Comercial, Agropecuária e de Artesanato de Ijuí, realizou-se a I FENADI – Festa Nacional das Culturas diversificadas que visou motivar e organizar os grupos étnicos que formam a comunidade de Ijuí a fim de resgatar, incentivar e dinamizar as manifestações artístico-culturais e tradições dos diferentes grupos étnicos e sua integração.” Ijuí. Terra das Culturas diversificadas. A história das Etnias. Ijuí. 1991. s/d p. 03 e ss.

<sup>139</sup> Conforme DARONCO (2006), a historiografia oficial durante muito tempo omitiu o calou-se diante da presença de elementos de origem afro e escravidão no noroeste colonial.

São feitas algumas críticas, por parte de intelectuais e lideranças locais, à festa das etnias no sentido de que a mesma possui propósitos e finalidades somente comerciais e pecuniários, já que as casas típicas além de receber recursos oriundos do poder público, por meio da UETI (União das Etnias de Ijuí), voltam-se para a venda de alimentos e bebidas, o que em grande parte custeia as denominadas *casas típicas*. Entretanto, embora haja estudos sobre aspectos culinários, de arquitetura e formação de grupos de danças típicas, não se pode fazer recuar tais manifestações a hábitos dos primeiros imigrantes locais sem que se incorra em uma análise histórica anacrônica, uma vez que tais imigrantes tiveram que se adaptar à cultura local e aos recursos que o entorno lhes oferecia, sem contar as inúmeras dificuldades por qual passaram, outro aspecto bastante presente na historiografia sobre os primeiros tempos de colonização e muitas vezes negligenciado. Há de se reconhecer, contudo, que o tema do multiculturalismo e da etnicidade repercutiram na comunidade local e da mesma forma que se pode colocar críticas à forma como o tema tem sido conduzido, indubitavelmente possui o mérito de colocar o assunto sob discussão, inclusive acadêmica.

Tive a oportunidade, em conversas com alguns indivíduos que puderam oferecer uma versão um pouco diferente sobre o assunto, de perceber como tais discussões se estão colocando, inclusive em seus aspectos críticos. Afirmam, alguns dentre estes, que não existe somente uma *terra de culturas diversificadas*, referindo-se ao processo de assimilação cultural ocorrido após a colonização de Ijuí, mas *uma* cultura diversificada, que formou-se a partir da convivência entre as diversas culturas no contexto local, plasmando elementos emergentes a partir de um processo de assimilação de elementos nacionais com suas tradições de origem, formando uma cultura peculiar e diferente da quaisquer outras que pudessem ser encontradas em outras regiões de mesmo tipo de colonização. Conforme explicou-me um de meus interlocutores:

Você já deve ter ouvido a expressão *Ijuí, a terra das culturas diversificadas*, em cada EXPOIJUI, etc... O Mario Osório<sup>140</sup> tem um livrinho, mais ou menos com esse título. Mas o próprio Mario Osório acabou evoluindo, e tem outro livro *Ijuí, uma cultura diversificada*.<sup>141</sup> Quer dizer, eram culturas diversificadas no começo, lá com os italianos, os alemães, os poloneses, os russos, os austríacos, os franceses, etc. que estão aí... Eram culturas

<sup>140</sup> Missionário franciscano capuchinho, um dos idealizadores e fundador da FAFI, instituição que deu origem à Unijui. Escreveu algumas obras que deram origem às interpretações de Ijuí como *terra das culturas diversificadas*. A atual biblioteca central da Unijui leva o seu nome.

<sup>141</sup> Referência a MARQUES, Mario Osório. *Ijuí (RS): uma cultura diversificada*. 2002.

diversificadas, mas o processo histórico de integração levou a que todo mundo fosse se tornando cada vez mais brasileiro, de geração em geração. Então, é *uma* cultura diversificada, e não *culturas diversificadas*. A origem é de culturas diversificadas, mas o processo de integração fez com que a integração cultural também acontecesse. Claro que cada descendência tem os seus costumes, os alemães gostam de tomar chopp, os italianos gostam de tomar vinho, comer polenta (...). É uma cultura diversificada, pelo seu processo de formação.<sup>142</sup>

À parte, conforme exposto, pode-se concluir como o processo de colonização do noroeste do Rio Grande do Sul, em particular da cidade de Ijuí, criou as condições favoráveis para o surgimento de museus étnicos na região. Passa-se, agora, a examinar como isso se deu em um caso em particular.

### **3.3. O(s) museu(s) de etnicidade: um estudo de caso.**

Durante a realização de alguns cursos, a que pude frequentar junto ao Museu Antropológico Diretor Pestana, MADP, pude constatar que a maior parte do público frequentador desses eventos era composta por representantes dos museus da região, muitos dos quais mantidos pelos poderes públicos municipais, ou mesmo por particulares e instituições privadas, e podiam ser caracterizados como de caráter étnico ou museus de imigração.<sup>143</sup> Conforme CUNHA (1986), O próprio conceito de identidade étnica é de tal modo polissêmico que alguns autores afirmam que há não somente uma, mas várias maneiras de identificação étnica que vão desde a percepção da identidade dentro de um grupo, ou o modo como os indivíduos são percebidos externamente até mesmo o uso de sinais diacríticos, como o uso de um determinado idioma, exclusivo desse grupo. Como, porém, a região de era colonização relativamente recente, ainda era possível encontrar material abundante e suficiente para promover os chamados *museus do imigrante* na região circunvizinha.

---

<sup>142</sup> Entrevista realizada em 02 de setembro de 2011.

<sup>143</sup> Os museus da região noroeste do estado estão sob a jurisdição da 4ª região museológica do Estado, cuja sediada atualmente na cidade de Ijuí.



Alguns movimentos de afirmação de identidade têm por característica a afirmação de determinadas características e a negação de outras. Tais movimentos são caracterizados por seu caráter tradicional e exclusivo, não raro remetendo-se a uma suposta origem cujos motivos perdem-se no tempo histórico, podendo muitas vezes ser até mesmo inventada com propósitos políticos, conforme assevera HOBBSAWN (1984), dentre outros. Forma parte do que o autor denomina como *tradição inventada*, uma vez que esta tradição é revivida e elaborada de forma dinâmica e criativa, muitas vezes sem solução de continuidade, assimilando e mesclando elementos exógenos e estranhos ao grupo, mas que desempenham uma função social importante, qual seja, a de manter a homogeneidade e coesão desse mesmo grupo frente a suas perdas culturais.<sup>144</sup> Os estudos empreendidos no sentido de fazer o inventário de práticas culturais de comunidades caracterizadas pela preservação desses aspectos tradicionais, tais como soem ser comunidades que descendem de imigrantes, ou que a exemplo destes estabelecem algum tipo de continuidade em relação a um passado, podem muitas vezes incorrer na constatação de que tais práticas muitas vezes são não somente os resquícios de práticas trazidas por imigrantes europeus e preservadas por seus descendentes, mas são muitas vezes anacrônicas e adaptadas de modo arbitrário a determinados grupos e contextos culturais com propósitos, conforme demonstrara HOBBSAWN (1984), manifestamente políticos.<sup>145</sup>

Algumas práticas são bastante ilustrativas dessa falta de continuidade em relação às culturas de origem e de recepção, como o uso de brasões de família, confeccionados por empresas especializadas no ramo genealógico, do uso diacrítico de idiomas formais nacionais formais<sup>146</sup>, ao invés dos dialetos regionais trazidos pelos primeiros imigrantes, e uso de

---

<sup>144</sup> Sobre o conceito de perdas culturais, ver HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 2001. p. 07 e ss.

<sup>145</sup> O autor também se utiliza do termo 'tradições inventadas'. "Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado." HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 1984 p. 09

<sup>146</sup> O professor Arno Sommer, em suas memórias, empreende interessante relato sobre os dialetos falados, derivados do alemão, que eram praticados em sua região, no município de Nova Teutônia, próximo ao município de Estrela. O autor relata a influência entre os dialetos entre si e as influências da língua portuguesa na formação de uma espécie de língua geral local, falados até mesmo por cidadãos de origem lusa. SOMMER, Arno. *Reminiscências da Colônia Teutônia – Estrela. Décadas 20 e 30*. 1984 p. 35 e ss. O mesmo empreendeu, ainda em sua juventude, uma viagem de estudos à Alemanha, onde através de observações de costumes e práticas

roupas e danças típicas, promovidas em festas regionais e que emprestam a estes eventos folclóricos um caráter tradicional. Em uma das residências a que tive acesso durante a realização de minhas entrevistas havia, em lugar de destaque, isto é, onde se podia observar claramente, um brasão familiar com o sobrenome da família de seu possuidor.

O *Museu Escolar do CEAP*, entretanto, revelou-se um lugar muito mais interessante de observação e pesquisa, e comparativamente às minhas idéias iniciais de tentar estabelecer uma cronologia para as mudanças ocorridas na percepção que os *teuto-evangélicos* do CEAP tinham de si mesmo, e perceptíveis através de documentos, embora não tenham sido de todo abandonadas, foram relegadas a um segundo plano de pesquisa. O trabalho de pesquisa passou a incidir não mais sobre investigações acerca dos discursos de legitimação de uma determinada história da escola. Com o passar do tempo, se tornava o plano principal de investigação a própria fundação do museu escolar do CEAP, que poderia vir a lançar alguns esclarecimentos sobre a questão das origens do CEAP. Afinal, o museu se apresentava e constituía como um lugar de preservação de um determinado tipo de memória. O museu escolar foi viabilizado a partir de um esforço conjunto da comunidade, se apresentava como uma instituição sem fins lucrativos e que seria inteiramente financiado e sustentado pela escola.

Por se ter constituído como uma obra coletiva, a investigação dos objetos encontrados no museu podem fornecer indícios do tipo de investimento ideológico que se queira atribuir ao museu. Segundo POSSAMAI (2000), são os agentes sociais que escolhem, dentro do universo cultural disponível, os objetos que irão constituir o seu patrimônio. A investigação perpassava, necessariamente, a da natureza destes objetos. Conforme a autora:

Sendo a cultura um universo da escolha, não é demais ressaltar que as operações relacionadas ao patrimônio cultural implicam, antes de qualquer coisa, uma seleção dos elementos culturais que serão alvo das práticas de preservação. Considerando a proposição de Argan de que “as obras de arte são coisas às quais está relacionado um valor”, vê-se que é justamente na atribuição de um valor que se situa o ponto nodal da noção de patrimônio. É na atribuição de determinados valores – nacional, histórico, artístico, arquitetônico, paisagístico, afetivo, entre outros – que se opera a definição do que será considerado patrimônio, portanto digno preservação, e o que será relegado ao esquecimento. Neste sentido, sendo escolha, o patrimônio pode

---

locais estabeleceu comparações bastante interessantes entre os alemães do Brasil e da Alemanha. IN: SOMMER, Arno. *A Caminhada de um professor*. 1986 p. 37 e ss.

ser visto como representação social, relação estabelecida entre um objeto material ou imagem presente e algo ausente (...).<sup>147</sup>

Um de meus interesses principais era investigar a questão das origens a partir da percepção que as gerações passadas de alunos e estudantes, que estiveram presentes ou passaram a acompanhar o desenvolvimento da Escola, possuíam sobre a função desempenhada pelo Museu Escolar do CEAP, desde sua fundação até os dias atuais, tanto no que diz respeito à comunidade escolar de um modo particular, quanto no que se refere à comunidade ijuiense de uma forma mais abrangente, já que a rigor o Museu é aberto ao público. Um inventário sobre o perfil deste público frequentador poderia fornecer estatísticas reveladoras sobre o tipo de material pesquisado que se pode encontrar, intenção dos pesquisadores, bem como o tipo de material recebido em doação, quem o doou e com que finalidade o fez.

Tomando-se por base os três últimos anos de atividades desenvolvidas no museu, tendo figurado à frente dos trabalhos o personagem do professor Rolf Steinmetz junto à instituição, pode-se perceber, através das fichas de consulta e empréstimos, quais os interesses do público frequentador do museu, bem como a função desempenhada pelo mesmo como instituição cultural de referência dentro da escola.<sup>148</sup>

Para o ano de 1997 foram registradas 11 (onze) fichas de consulta a documentos locais e 09 (nove) fichas de empréstimo de materiais.

As fichas de consulta trazem as seguintes datas: 09 de janeiro, 12, 17 e 31 de março, 01 e 28 de abril, 26 de junho, 01 de julho e 04 de novembro. Quanto ao perfil do público consulente, 09 (nove) deles eram membros da comunidade externa e 02 (dois) eram professores ativos da escola. Destes, embora um deles fosse professor em atividade, identificou-se como público *privado*, bem como o tema de sua consulta provavelmente era de caráter privado. Não foi possível identificar qual teria sido o tema de sua pesquisa. Entretanto,

---

<sup>147</sup> POSSAMAI, Zita Rosane. O Patrimônio em construção e o conhecimento histórico. IN: Ciências & Letras. N. 27 2000 p. 17

<sup>148</sup> Empreendeu-se a consulta somente dos três últimos anos, pois estes representam um período de consolidação da instituição, ao contrário dos primeiros anos, onde as atividades ainda eram bastante incipientes. Também os últimos anos de atividades são os que se encontram mais próximos temporalmente, e dos quais se poderia ter eventualmente contato com o público frequentador do mesmo.

é preciso problematizar o caráter exterior aparente dos nove consulentes identificados como *externos*. Destes, 05 (cinco) eram membros da comunidade externa sem qualquer vínculo com a comunidade escolar, enquanto 02 (dois) eram pais de alunos *ativos*, isto é, regularmente matriculados e outros 02 (dois) eram ex-alunos da Escola. O assunto sobre o qual incidiam suas pesquisas consistia em: 10 (dez), ou seja, a quase totalidade das consultas foram pesquisas junto a periódicos locais e apenas 01 (um) incidia em um fragmento de texto em língua alemã (*Der Fischzug am Uruguay*), trazido no jornal *Die Serra Post*, suplemento em língua alemã do periódico de circulação local *O Correio Serrano*, com data de 21 de outubro de 1960. Assim, não se pode vincular nenhum dos temas como sendo diretamente relacionados à escola, embora parte do público esteja de uma forma ou de outra vinculado à comunidade escolar.

Já as 09 (nove) fichas de consulta trazem as seguintes datas de materiais retirados para empréstimo: 09 de janeiro, 10 de março, 15 de maio, 19 e 30 de agosto, 09 de setembro, 02 de outubro e 03 de novembro. Quanto ao público, percebe-se ampla maioria composta por consulentes que se encontram vinculados à instituição, perfazendo 04 (quatro) professores, 03 (três) funcionários e 01 (um) aluno, enquanto da parte da comunidade externa há o registro de apenas 01 (um) consulente. Pode-se concluir com bases nessas estatísticas que a maior parte do material retirado como empréstimo está relacionado ao processo de *ensino-aprendizagem*, ou administrativo da própria escola, já que a grande maioria, quase totalidade, é composta de sujeitos que frequentam as dependências da escola. Quanto ao tipo de material consultado, 03 (três) eram periódicos locais, 01 (um) trazia como tema o *Lar da Menina*, projeto desenvolvido em parceria entre a escola e comunidade evangélica, e os demais, 05 (cinco), são assuntos diretamente relacionados à Escola, compreendendo fotos, mostra de trabalhos científicos de alunos e livro didático em língua alemã.

Para o ano de 1998 foram registradas 09 (nove) fichas de consulta a materiais locais e 29 (vinte e nove) fichas de empréstimo de materiais.

As fichas de consulta trazem as seguintes datas: 18 e 20 de abril, 15 de maio, 22 de junho, 02 e 20 de julho, 13, 14 e 19 de agosto. Quanto ao público consulente, 04 (quatro) eram membros da comunidade externa, 04 (quatro) eram professores e 01 (um) era funcionário da escola. O assunto sobre o qual incidiam suas pesquisas consistia: 05 (cinco),

pesquisas junto a periódicos locais; 03 (três) eram assuntos relacionados à história da escola, como livros de registro de formatura e matrículas e 01 (um), sob o título de *Feira de Ciências*, não pôde ser identificado a que objetivo estava vinculado. A julgar que este último se constituiu como consulta realizada por professor *ativo*, se pode concluir que o assunto estava direta ou indiretamente relacionado com o processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, do total de 09 (nove), 05 (cinco) podem ser classificados como assuntos não relacionados à escola e 04 (quatro), de assuntos a ela direta ou indiretamente relacionados, em uma proporção de quase metade das pesquisas realizadas junto ao *Museu Escolar*.

As 29 (vinte e nove) fichas de consulta trazem as seguintes datas de materiais retirados para empréstimos: 19 e 27 de janeiro, 02, 05, 10, 17, 18 e 19 de março, 13 e 25 de maio, 08, 22, 25, 26 e 29 de junho, 30 de julho, 21, 25 e 29 de agosto, 02 e 15 de setembro, 23 de outubro, 18 e 20 de novembro e 08 de dezembro. Quanto ao perfil do público, percebe-se a seguinte distribuição: 14 (catorze) dos consulentes eram professores ativos da Escola, 04 (quatro) eram funcionários e 01 (um), era aluno da escola, perfazendo o total de 19 consulentes diretamente ligados à escola. Aproximadamente 1/3 dos consulentes era composta de personalidades ligadas à comunidade externa, dos quais 03 (três) eram respectivamente: mãe de aluno, ex-professor ou ex-aluno e 01 (um) era secretário geral da CEI (Comunidade Evangélica de Ijuí). Apenas 06 (seis) não podem ser enquadrados rigorosamente como membros da comunidade escolar, embora se possa fazer, mediante o levantamento do tipo de material consultado, uma aproximação com interesses ligados à escola.

Quanto aos temas de pesquisa, 10 (dez) dizem respeito a assuntos não relacionados diretamente à história da escola, dos quais 07 (sete) incidem sobre pesquisas realizadas junto a periódicos locais, e 03 (três) sobre assuntos que não dizem respeito diretamente à história da escola, como *exposição sobre o dia da imprensa*, homenagem ao jornalista Ulrich Löw, que fora proprietário do periódico *O Correio Serrano* e também ex-aluno da Escola, tendo sido um dos pioneiros da imprensa em Ijuí e na região, *moeda brasileira* e *federação mundial luterana*. Aproximadamente dois terços do material de pesquisa incidem diretamente sobre assuntos relacionados à história da escola, incluindo uma ampla variedade de fotos da fachada da escola, antigas e atuais, correspondência em alemão, um volume de *O Arauto*, publicação vinculada pela escola, do ano de 1997, editado pelo grêmio estudantil Monteiro Lobato, além

de fotos de datas comemorativas, como formaturas, livros de registro de matrículas e chamada e, por fim, livros didáticos.

Para o ano de 1999 foram registradas 05 (cinco) fichas de consulta a materiais locais e 12 (doze) fichas de empréstimo de materiais.

As fichas de consulta trazem as seguintes datas: 20 de abril, 15 de julho, 02 de agosto, 04 de outubro e 09 de novembro. Quanto ao público consulente, 03 (três) eram membros da comunidade externa, 01 (um) era professor e 01 (um) era aluno da escola. O assunto sobre o qual incidiam suas pesquisas consistia eram: 04 (quatro), pesquisas junto a periódicos locais e apenas 01 (um) consulente procurou fotos relacionadas à história da escola. Dos quatro periódicos consultados, pelo menos um deles pode ser classificado como tema relacionado à história da escola, já que a notícia se referia ao grupo de teatro *Perdidos no Palco*, representante da escola junto a eventos de teatro promovidos pela Rede Sinodal de Ensino. Assim, apenas 02 (dois) dos 05 materiais de consulta, referiam-se direta ou indiretamente à história da escola, e 03 (três) eram assuntos não relacionados à instituição.

As 12 (doze) fichas de consulta trazem as seguintes datas de materiais retirados para empréstimo: 25 de fevereiro, 12 de março, 08 de abril, 13, 20, 25 e 29 de maio, 24 de junho, 27 e 28 de setembro, 16 de outubro e 17 de novembro. Quanto ao público, percebe-se uma ampla maioria composta por professores, 08 (oito) consulentes, o que reforça o estereótipo do museu como instituição de caráter científico-cultural auxiliando no aprendizado, já que se deve pressupor que esse material tenha sido empregado no processo de ensino-aprendizagem; 02 (dois) eram alunos da escola, e outros 02 (dois) eram membros da comunidade externa. Quanto ao material pesquisado, porém, dada a variedade do mesmo, torna-se difícil enquadrá-lo em uma categoria de análise mais geral. No entanto, se pode contar entre os mesmos: 02 (dois) consultas a periódicos locais; 01 (um) *Comitê pela Vida*, atividade beneficente desenvolvida em parceria entre a escola e a comunidade evangélica de Ijuí; 02 (dois) esporte; 01 (um) teatro; 01 (um) fotos (não identificado o objetivo da pesquisa) e os demais, 05 (cinco), materiais que faziam direta ou indiretamente referência às atividades desenvolvidas pela escola.

De onde se pode concluir, provisoriamente, que é em direção ao Museu Escolar, que muitos dos ex-alunos se dirigem quando buscam rememorar certos acontecimentos de seu

passado escolar, bem como uma forma de expressar seu sentimento de pertencimento a uma comunidade em particular, da qual o Museu Escolar do CEAP constitui como uma espécie de materialização de um plano simbólico. Ainda que haja um contingente significativo de pesquisadores, curiosos ou personagens não ligadas diretamente à Escola, a grande maioria ou é composta por professores, alunos e funcionários da própria escola, além de ex-alunos, como também se observa a presença de membros da comunidade evangélica, a CEI, já que após o encerramento das atividades do museu da comunidade evangélica, muito material disponível naquela instituição foi realocado no Museu Escolar do CEAP, que não sofreu nenhuma modificação em seu estatuto ou sua nomenclatura. São dignos de nota alguns testemunhos acerca da percepção que esses ex-alunos possuem acerca da função do Museu Escolar do CEAP.

A pesquisa encetada junto às fichas de consulta e empréstimo junto ao Museu Escolar do CEAP, como se pode perceber, não pode ser enquadrada em quadro geral e rigoroso de análise estatístico. Ao contrário, percebe-se que há uma ampla variedade do público que frequenta esta instituição, bem como é variado o seu interesse. Frequentemente se depara com a seguinte situação: membros ligados a comunidade escolar e consulta em materiais que não possuem relação com a mesma, e não membros da comunidade, mas que buscam referências acerca da escola. Alguns dos materiais pesquisados não trazem nenhuma referência direta, o que permite apenas uma aproximação em relação aos seus objetivos. Os dados, fornecidos pelas mesmas fichas, podem se mostrar não evidentes no sentido em que pode-se observar a presença de um público majoritariamente composto por não membros da comunidade e pesquisas a arquivos da comunidade, o que leva à convicção de que os mesmos participam ao menos em um plano simbólico da mesma comunidade, embora se declarem como não membros. A falta, porém, de acesso direto a estas pessoas não permite conclusões senão aproximadas acerca dos seus propósitos. Já as entrevistas junto a membros da comunidade se revelaram mais esclarecedora em vários aspectos.

Alguns elementos presentes no acervo material do Museu Escolar do CEAP conduzem à convicção de que há uma convergência de elementos materializados nos objetos encontrados no *Museu* e da parte do perfil do público que o frequenta, que sugere a afirmação de uma suposta identidade *teuto-evangélica* que vai além dos limites estreitamente referentes à esfera da história da escola, tal como ela pode ser percebida em alguns periódicos locais e

discursos acerca da história da mesma. Mas a história da Escola serve apenas como pano de fundo, e fornece um suporte material consistente para os membros da comunidade escolar, que a ele fazem referência para justificar um discurso sobre *etnicidade* no presente tomando como base fatos ocorridos no passado. As datas e fatos que são utilizados como referências em suas pesquisas são como momentos legitimadores de uma memória social compartilhada ou são utilizados com propósitos de rememorar algum acontecimento, do qual pelo realce que se dá ao tratamento do tema, se o atualiza no presente e se lhe empresta uma nova significação. Trata-se, portanto, de objetos ressignificados ou ressemantizados. Assim, a afinidade entre membros da comunidade escolar está constantemente sendo reavaliada na prática da convivência entre si e na busca de espaços de legitimidade.

Levando-se em conta o lapso de tempo entre a fundação do *Museu Escolar*, no mês de outubro de 1973, data simbólica do evento, ocasião em que também se comemora o aniversário da escola, e os dias atuais, foi preciso dirigir-se aos funcionários mais antigos, ativos ou não, estes últimos dentre os quais se pode encontrar ex-professores, ex-alunos, ou apenas frequentadores ocasionais das dependências escolares para obter-se informações sobre o processo de que levou a fundação do Museu bem como a motivação de seus idealizadores. Deparei-me, contudo, com certa reticência da parte de algumas dessas personagens mais antigas, quando expliquei os propósitos de minha pesquisa, de que se tratava de uma investigação com finalidades científicas. Era comum ouvir de meus informantes expressões como “*Isso foi há muito tempo*”, ou “*Por que tu quer saber esse tipo de coisa?*” o que leva a crer que o *Museu* ocupa um lugar no plano simbólico dessa comunidade, no imaginário coletivo no tempo presente e que possui uma determinada finalidade para o público que o frequenta. Não existe, na maior parte dos casos, uma teorização sobre a finalidade do mesmo, ou que seus frequentadores tenham claro quais as suas funções, a de que se trata, efetivamente, de um espaço já sedimentado e assimilado à vida cultural destas pessoas. Muitos caracterizaram suas próprias observações como desprovidas de interesse para uma pesquisa e se mostraram surpresos quando questionados sobre o assunto. Cumpre destacar que o *Museu*, não constitui para a maior parte do público que o frequenta um espaço de interação teórico, mas essencialmente prático.

Tratando-se da natureza de sua constituição, em determinado momento revelou-se difícil ter acesso a esse tipo de *memória*, ainda mais que o evento em questão ocorrera há



muitos anos. De alguns informantes, alguns aos quais apresentei a ata de fundação do *Museu* e observei que suas assinaturas constavam na ata, obtive como resposta que isso tinha ocorrido faz muito tempo e, portanto, não saberiam especificar de modo pormenorizado como participaram ou se envolveram na fundação do *Museu Escolar*. De outros obtive respostas que se tratava de uma iniciativa de caráter coletivo: “*Ah, isso foi uma coisa que surgiu de um grupo de professores (...)*”. Outros, que não haviam participado ativamente das discussões e, portanto, não se sentiam seguros para fornecer informações sobre os acontecimentos ocorridos em questão. Outros, por fim, que não gostariam de dar opinião sobre o assunto, pois sempre haveria alguém para dar uma opinião ligeiramente diferente sobre os fatos, o que acabaria por fim produzindo a impressão de que os membros da comunidade em geral se conhecem e preferem não confrontar entre si versões sobre o mesmo assunto, conforme me confidenciou um de meus interlocutores, que não gostaria de dar depoimento sobre o assunto.<sup>149</sup> Acerca da memória destes grupos, se pode afirmar que o museu constitui um espaço razoavelmente homogêneo já que as possibilidades de conflito tendem a ser minimizadas, ao menos em nível discursivo.

Muitas das informações orais, às quais procurei acrescentar à pesquisa documental, foram buscadas em testemunhos e relatos, principalmente junto a personagens mais antigas, ligados ora à escola, ora à comunidade evangélica, ora às duas instituições simultaneamente. Em meu entendimento, os mais significativos testemunhos a partir dos quais se poderia adquirir uma opinião sobre o objeto de estudo pesquisado, no tocante aos acontecimentos mais antigos incidiam sobre informantes mais experientes, muitos dos quais mostraram-se, todavia, pessoas difíceis de se contatar. Em determinados momentos da pesquisa, deparei-me com duas posturas antagônicas: enquanto em conversas informais, de corredores, ou na hora do café, inquirindo meus informantes se podia ouvir detalhes que se mostravam reveladores de alguns fatos, outros momentos houve quando não foi possível obter nenhum tipo de informação. Meus interlocutores mostravam-se surpresos, ora porque pensavam que o que diziam era desprovido de interesse, ora porque não queriam se indispor, pelo conteúdo dos seus depoimentos, com pessoas conhecidas, o que de certa maneira compreende-se, já que se trata de uma comunidade de dimensões e populações reduzidas, além de que essas pessoas

---

<sup>149</sup> Muitos, creio, fizeram a opção por não fornecer testemunhos diante da possibilidade de terem suas versões confrontadas com outras, o que sugere em nível efetivo a existência de uma ‘memória enquadrada’. Acerca do conceito de ‘memória enquadrada’, ver POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. 2011 p. 09 e ss.

frequentam, além da escola, outros espaços de sociabilidade.<sup>150</sup> Procurei interpretar o seu silêncio e suas reticências e, muitas vezes, recorri a dados de memória, confrontando-os com dados coligidos junto à documentação escrita ou outros depoimentos mais formais a fim de se identificar as regularidades e ocorrências mais comuns bem como os pontos de vista contrários.

Doravante, passei a investigar não somente os conteúdos dos depoimentos orais, privilegiadamente daquelas pessoas que assinaram tardiamente a carta da fundação do Museu Escolar, mas também de todos os membros das comunidades evangélica e escolar, que me pudessem fornecer informações sobre o museu, ou que tivessem convivido, no passado, com o professor Rolf Steinmetz, um de seus idealizadores e durante muito tempo diretor do *Museu escolar*. No início do ano de 2011, o professor Rolf veio a falecer em decorrência de complicações no seu estado de saúde.<sup>151</sup> Muitas pessoas podiam não lembrar-se, eventualmente, das circunstâncias e do teor das discussões à época em que foi fundado o museu escolar, mas era raríssimo que não tivessem alguma lembrança pessoal do professor Rolf e de seu trabalho, pioneiro, a frente da instituição. Para muitos de meus informantes, o Museu continuava a ser um ponto de convergência e de significado, muitos deles afirmando que a referida instituição era o que lhes preservava a *memória* e a *identidade*.

### 3.4. Acerca dos objetos ou a *memória em construção*

Alguns objetos materiais são portadores de uma história em particular. Figurativamente eles contam uma história, que poderia ser reconstituída hipoteticamente até suas origens, caso os seus portadores estivessem presentes para deles dar testemunho. Outros adquirem um significado particular e pelo seu próprio estatuto de antiguidade tornam-se objetos portadores de uma *aura*, uma significação que muitas vezes transcende o grupo ao

---

<sup>150</sup> P. Thompson (1998) recomenda certa reserva e discrição ao se tratar com assuntos potencialmente polêmicos. Dado que muitas vezes a única possibilidade de inquirir meus interlocutores era meu local de trabalho, percebi certas reticências de sua parte. THOMPSON, Paul. A Vos do passado. História oral. 1998 p. 273

<sup>151</sup> O professor Rolf Steinmetz faleceu no ano de 2011, em decorrência de complicações no seu estado de saúde, na cidade de Brasília, onde habitava há vários anos.

qual pertence e dada a sua importância tornam-se icônicos. Para que um museu tenha vida, razão de ser, é preciso que corresponda, em alguma medida, a uma necessidade, real ou imaginária para aqueles que os idealizam ou criam, ou simplesmente que frequentam suas dependências. Conforme POSSAMAI (2000), a questão do patrimônio constitui e pode ser pensada como um campo.

Pensar o patrimônio a partir do conceito “campo” implica identificar um conjunto de códigos mais ou menos estabelecidos entre diferentes atores que, ao instituírem a noção de patrimônio, fazem uma seleção das estruturas materiais do passado a serem preservadas. O campo tem a autoridade da fala, ou dito de outra forma, tem exclusivamente autoridade para definir o que é de interesse para uma dada comunidade manter como sua memória, Estruturas materiais uma vez instituídas como patrimônio, passam a dispor do estatuto de inviolabilidade, adquirindo muitas vezes caráter de verdade a ser reproduzida para toda a sociedade, podendo ser comparáveis a objetos sagrados.

Alguns objetos, por sua constituição material, nada possuem em sua natureza que possa sugerir um investimento em resguardá-lo da destruição e do esquecimento. Para que os objetos depositados em um museu adquiram significado é preciso que mantenham alguma relação com as pessoas dos seus portadores, ou junto ao público ao qual se destina. A fim de que se possa ter uma idéia aproximada acerca do tipo de materiais que podem ser encontrados nas dependências do Museu Escolar, se vai utilizar de alguns exemplos, através dos quais se vai procurar estabelecer uma relação entre sua origem, os motivos pelos quais foram doados e, finalmente, sua relação com a comunidade *teuto-evangélica*, a que até o momento se estava a referir, uma vez que muitos dos materiais não possuem relação com ambientes ou histórias escolares. Os protocolos de tombamento de materiais recebidos pelo Museu Escolar do CEAP para o ano de 1989, podem ser citados a guisa de exemplo. Optei por esse período de tempo, pois embora não seja o ano de maior movimentação em relação a aquisição de materiais, a lista de itens encontra-se suficientemente detalhada e pode dar uma idéia sobre o tipo de material recebido pelo museu.

Para o ano de 1989 há uma listagem com 15 guias de doações de materiais envolvendo os materiais os mais diversos. A política de aquisição de material do Museu Escolar do CEAP

tendia, por definição dos administradores da Escola, a seguir uma certa orientação, conforme missiva encaminhada à comunidade escolar no ano de 1973.

“Estimados alunos, ex-alunos, pais, professores, ex-professores e amigos do CEAP. O Colégio Evangélico Augusto Pestana – Escola de 1º e 2º Graus, completará, em outubro próximo, oitenta anos de existência! – Seis anos atrás, por ocasião da inauguração da última etapa de construção do prédio do Colégio, ou 19.10.1973, foi criado e instalado o Museu Escolar “CEAP”. Em março de 1977, recebendo acomodação melhor, instalou-se definitivamente. Este ano, estão se ampliando as instalações e o acervo do mesmo. O presente Museu Escolar, engajado como um dos Departamentos do Colégio, quer, com sua estruturação geral, dar uma visão cronológico-científica da evolução do CEAP. – E é neste particular que tomamos a liberdade de solicitar a colaboração de todos em angariar material para o museu. (segue em anexo lista de sugestões).

Um museu escolar não é apenas uma “instituição depósito”, de documentos e objetos antigos. Ele quer, acima de tudo, ser uma sala didática viva, provando através de seu acervo cultural sua finalidade científica.”<sup>152</sup>

Na circular de março de 1979 constam 23 itens de sugestão para doação e compreende materiais que vão desde ‘material fotográfico sobre o colégio’ a ‘trabalhos literários ou outros, realizados em concursos, maratonas, etc... realizados e promovidos pelo colégio’. Portanto, ainda em seus primeiros tempos o Museu ateu-se, no que diz respeito aos seus propósitos, às orientações contidas em sua carta de fundação. Na missiva circular de 1979 se solicitava à comunidade escolar a doações de itens conforme um padrão pré-estabelecido, qual seja, a de que os materiais doados possuíssem alguma relação com a escola, fossem eles de finalidade didática ou não. Ocorre, contudo, que a prática cotidiana demonstra como houve uma relativa transigência e liberdade de ação por parte de doadores e frequentadores do museu, os quais nem sempre respeitaram estreitamente estas orientações. Assim como houve, da parte, da direção da Coordenação do Museu Escolar, liberdade de ação no sentido de agregar ao patrimônio material do Museu Escola, materiais que não diziam respeito somente à escola, mas a tudo o que fosse pertinente, tivesse alguma razão para ser depositado, ou possuísse alguma relação com os seus possuidores, desde que eles possuíssem algum vínculo com a escola. A investigação da natureza desse material, ou de seus possuidores, fornecem

---

<sup>152</sup> Conforme missiva encaminhado pelo diretor da Escola à comunidade escolar em 29 de março de 1979.

alguns indícios da política seguida pelo museu, ou dessa finalidade maior a que ele na prática se destinava.

Para o ano de 1989, foram recebidos um total de 15 materiais doados diretamente ao Museu. A política de aquisição de material para este período restringiu-se à categoria de: *recebimento de doações e aquisições*, esta última compreendendo exemplares de ‘jornais locais’. Não houve nenhum registro de permuta ou compra de material para este período, o que podia vir ocorrer eventualmente.

Deste montante, foram registrados 12 (doze) doadores, distribuídos na seguinte ordem: 4 (quatro) eram membros da escola, 6 (seis) da cidade de Ijuí e 2 (dois) membros externos, ou seja, originários de outras cidades e regiões. Levando em conta que apenas 1/3 do público doador era membro ativo da escola, tal postura sugere a existência de uma comunidade mais abrangente, que abarca não só ex-alunos, mas compreende também pessoas que estavam ligadas ao museu, ou dele tomavam conhecimento por outros meios. Dos membros externos, 1 (um) era proveniente da cidade de Panambi/RS, e outro do Rio de Janeiro/RJ. Porém, investigando-se a origem e histórico do material recebido, pode-se perceber que apenas a 2 (dois) doadores externos não se podem estabelecer relações de proximidade com a escola, uma vez que da parte dos doadores de Ijuí, seus materiais ou foram usados com alguma finalidade na própria escola, tendo os seus proprietários alguma relação de continuidade ou como membros escolares, ou através de contatos com membros da comunidade escolar. De rigor, apenas os materiais doados pelos dois membros ‘externos’ não podem ser caracterizados como escolares. Do primeiro, a descrição consta como *literatura de cunho artístico, cultural, antropológico e arqueológico*. O segundo consta de *fotos doadas pelo consulado alemão de Panambi*, o que sugere uma afinidade, em um plano teórico, com uma comunidade alemã de origem ou de interesse.

Em particular, o objeto mais curioso de observação certamente compreende as fotos, doadas pelo consulado alemão de Panambi, as quais se pode concluir não haver outra razão de ser senão na existência de uma afinidade entre uma comunidade identitária que vai além dos limites da escola. Tais contatos com uma comunidade *teuto* de origem são, senão frequentes, práticas que são bem documentadas, como por ocasião de visitas de agentes consulares de representações da Alemanha ou da Igreja Luterana em sua representação nacional ou

transnacional. Práticas de intercâmbio com uma comunidade cultural mais abrangente vão além de contatos esporádicos e viagens ao país de origem, como o fizeram muitos *teutos* de Ijuí, dentre eles, como visto, o professor Rolf, que resolvera aplicar seus conhecimentos de museologia adquirido em terras alemãs no Brasil. De todas as aproximações possíveis que se possa fazer entre a Comunidade Evangélica de Ijuí, o Colégio Evangélico Augusto Pestana e Entidades oriundas da Alemanha, uma parceria que produziu resultados expressivos, e que acabou culminando na reforma do prédio que ensejou e viabilizou a edificação do museu escolar, foram os recursos oriundos do projeto *Brot für die Welt* (pão para o mundo), viabilizado por uma organização sediada na Alemanha, conforme explicou-me um membro dessa tríplice relação que compreende comunidade de origem, escola e igreja.<sup>153</sup>

“(...) entrou o tal, esse o tal de projeto-mundo, *Brot für die Welt*, pão [para] o mundo, foi feito um projeto e ali então um grupo de professores e outros mais entendidos trabalharam no projeto, (...) veio uma oferta da Alemanha. (...) Então passou o mês de março. Aí veio da Alemanha uma carta (...), o que eles queriam por escrito. Eles me fizeram a pergunta, se a Igreja Evangélica de Ijuí, queria ou ia aceitar a doação do ‘pão [para] o mundo’, se eles iam aceitar receber... Pra ser legal, tinha que não se perguntar à diretoria [da Igreja] e sim tinha que se perguntar à comunidade, porque a carta fala na comunidade e não na diretoria (...). E a pergunta era simples, a Alemanha [através do projeto] ‘o pão [para] o mundo’ oferece o valor indicado, e avaliado no orçamento que foi feito, que a comunidade vai construir, de acordo com a planta. (...) Muito bem, foi unanimidade, [entre] eles... Foi aceite, foi reconhecido mais uma vez a ata da assembleia e ali então foi definitivamente formada a comissão de construção, que eram cinco pessoas. (...) E assim nós fizemos a inauguração desse projeto, foi no dia 19 de outubro, 19 de outubro de 1973, [que] é o dia do aniversário de Ijuí.

Pode-se encerrar com base nestas demonstrações de espírito comunitário as orientações que nortearam minhas reflexões até aqui. Penso que o Museu Escolar, através de seu patrimônio, constitui não só um lugar de memória materializada em objetos, mas, como crê ARÉVALO (2004), como uma construção ao mesmo tempo ideológica, social e cultural.<sup>154</sup>

---

<sup>153</sup> Entrevista realizada em outubro de 2011.

<sup>154</sup> ARÉVALO, Javier Marcos. *La tradición, el patrimonio y la identidad*. 2004 p. 930

## CAPÍTULO IV

### Epílogo: em torno da memória

Os estudos que se podem empreender em torno da memória podem ser encetados a partir de duas perspectivas diferentes, em meu entendimento complementares, e que abarcam dois processos que se sobrepõem: um processo que se relaciona à dinâmica de evocação da memória e seu conteúdo explícito. A fim de que se possa ter uma idéia aproximada da complementaridade desses dois processos, aparentemente opostos, se vai utilizar de uma obra em particular que pelo seu conteúdo elucidativo, em muitos pontos, se refere a uma regularidade de pontos de vista comuns, ou valorização das mesmas perspectivas, que podem ser compreendidas a partir de um ponto de vista social. Seria interessante perceber como algumas regularidades, presentes em relatos sobre a imigração, ou memórias de descendentes de imigrantes, podem ser de tal forma aproximadas que se pode supor a existência um processo de memória que passo a denominá-lo *social*.

#### 4.1. Arno Sommer

*Sobreviverá a Escola Comunitária?* Com esta indagação encerra o professor Arno Sommer, que fora durante muitos anos diretor do Colégio Evangélico Augusto Pestana, a redação de suas *memórias*. Embora este não seja o tema central de sua obra, a sua profissão necessariamente requeria a reflexão sobre o caráter da escola comunitária, compreendida aqui como escolas viabilizadas por imigrantes ou seus descendentes. O autor lança os seguintes questionamentos: *1. Por que a escola comunitária, de tantos méritos e de colaboração valiosa e espontânea das comunidades, diminui em número nos últimos anos? 2. E se continuar a tendência do desaparecimento gradual, estará a sua sobrevivência*

*irremediavelmente ameaçada?*<sup>155</sup> O contexto em que escreveu suas obras ajuda a elucidar algumas dessas questões.

O professor Arno Sommer nasceu na localidade de Picada Berlim, próxima ao município de Estrela, Rio Grande do Sul. Filho de descendentes de imigrantes alemães, passou a maior parte de sua infância e juventude no interior do município, de onde saiu mais tarde primeiramente para dar prosseguimento aos seus estudos e posteriormente seguir alguma profissão. Ao fim de sua vida, deixou-nos testemunhos singulares de sua vida através da redação de duas obras: *A Caminhada de um professor* e *Reminiscências da Colônia Teutônia – Estrela. Décadas 20 e 30*. Sua infância deve ter transcorrido, por analogia, como a de muitos outros *teuto-descendentes* que viviam naquela região sob as mesmas condições. A relevância da sua obra consiste antes em seu caráter exemplar, uma vez que pelo seu registro escrito foi conservada de sua eventual perda. A análise de sua obra reside em que os elementos que estão presentes em ambas podem ser aproximados dos conceitos arrolados durante a redação destas páginas, e que os mecanismos de memória presentes nas obras de SOMMER formam parte do que se pode denominar concomitantemente como *memória social*, ou *memória coletiva*. Tendo em vista os conceitos de memória social, elaborados por HALBWACH (2006), pode-se compreender como os elementos envolvidos em suas *memórias* formam parte de um movimento identitário, de caráter ideológico resultante de um processo de inserção social e produto de uma adequação a determinados caracteres presente em obras congêneres, envolvendo imigrantes ou *teuto-descendentes*.

As elaborações de memórias de um passado colonial têm se caracterizado pela personificação do imigrante como figura central da história e produtor de um discurso sobre si mesmo e sobre seu modo de vida, tendências que foram, durante muito tempo, ignoradas ou marginalizadas pela historiografia oficial, pautada em registros oficiais e documentos escritos. Tais relatos, porém, apresentam muitas vezes dificuldades de análise, dado o seu caráter ideológico, que se revela em produzir uma história corroborativa e pela presença de certos estereótipos em muitos destes relatos, os quais se manifestam também em particular na obra de SOMMER.

---

<sup>155</sup> SOMMER, Arno. *Reminiscências da Colônia Teutônia – Estrela. Décadas 20 e 30*. 1984 p. 10



Temática recorrente e preocupação, tanto por parte de historiadores, antropólogos, filósofos e psicólogos tem sido os estudos sobre a *memória*, aqui compreendida como fenômeno social. Conforme esclarece KESSEL, o conceito de memória e a maneira como ela opera vem sendo objeto de estudos de filósofos e cientistas há séculos. Este conceito, ora se modifica em adequação a funções sociais, ora à sua utilização e importância em diferentes sociedades humanas. Em cada época, procurou-se fornecer explicações para o processo da memória utilizando-se de figuras metafóricas compreensíveis, constituídas em torno de conhecimentos que caracterizavam o momento histórico.<sup>156</sup> Decisivo e importante impulso sobre o estudo da memória, compreendido como fenômeno social e dinâmico, teve ensejo a partir da obra sociológica de HALBWACHS.<sup>157</sup>

A bibliografia sobre o tema da imigração estrangeira no sul do Brasil, de forma geral, se expressa através de dois pontos principais: a preocupação, da parte primeiramente do governo imperial e posteriormente do Republicano em substituir paulatinamente a mão de obra cativa por trabalhadores livres e por outro em povoar as terras escassamente ocupadas do Sul do Brasil e, assim, garantir a soberania e integralidade do território nacional. Conforme esclarece FERNANDES (2009), o processo de colonização a partir do movimento de imigração estrangeira no Brasil principia em meados do século XIX. Após a independência do Brasil, constitui-se em torno de um grupo de intelectuais e políticos a ideia de substituir os trabalhadores compulsórios por trabalhadores livres, devido em parte a pressões internacionais para que se pusesse fim ao tráfico negreiro.<sup>158</sup> O ideário progressista,

---

<sup>156</sup> KESSEL, Zilda. *Memória e memória coletiva*. p. 01

<sup>157</sup> “Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (1990) contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina 'comunidade afetiva'. E dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o outro tem um papel fundamental.” KESSEL, Zilda. *Memória e memória coletiva*. p. 03

<sup>158</sup> “Durante o século XIX, o governo brasileiro estava enfrentando fortes pressões para acabar definitivamente com o tráfico e a escravidão negra. Assim, foram promovidos grandes fluxos migratórios ocorridos entre 1830 e 1930, sendo esses efetivados pela política do regime imperial e do governo republicano respectivamente, com o objetivo de inserir mão de obra de baixo custo e que pudesse substituir os trabalhadores compulsórios.” FERNANDES, Priscila M. *Cotidiano, Etnicidade e Sociabilidade de Imigrantes Japoneses e Descendentes em Londrina*. 2009. p. 4624

introduzido no Brasil a partir da difusão da filosofia positivista, associado às teses antropológicas racialistas vigentes à época, que propugnavam a superioridade da raça branca europeia, que havia obtido progressos materiais e em vários campos do conhecimento científicos, fez com que houvesse uma predileção e fossem criadas políticas de incentivo e fomento à imigração europeia para o Brasil, principalmente da parte daqueles países que tinham verificado alguma espécie de resultados expressivos na ciência. Segundo FERNANDES (2009), os imigrantes desejados eram aqueles que reproduziriam o Velho Mundo no Novo.<sup>159</sup> A colonização no Rio Grande do Sul, no início do século XIX, uma empresa gerida em parte pelo governo central e pelo governo provincial, em parte realizada através da presença de capitais privados, caracterizou-se pela constituição de pequenas propriedades rurais, ou minifúndios, já que o Rio Grande do Sul encontrava-se à margem do principal produto de exportação à época, o café e sua inserção dava-se através de um processo de complementação econômica.<sup>160</sup> Na região Sul, todavia, os imigrantes desenvolveram explorações relativamente independentes da economia central, dedicando-se quase exclusivamente à produção agrícola em pequenas propriedades. Esses novos núcleos de povoamento visavam o preenchimento de vazios demográficos em regiões de fronteira, garantindo assim a integridade do território, bem como o suprimento de bens alimentares para o mercado interno.<sup>161</sup>

A difícil compreensão do fenômeno da memória como uma manifestação de natureza coletiva provém de que em uma cultura caracterizada pelo individualismo, como é a cultura ocidental, os sujeitos tendem a assumir a uma postura individualista e exclusivista em relação às suas memórias, mesmo quando evidentemente assumem papéis eminentemente sociais. Ademais, os grupos étnicos raramente são entidades herméticas e fechadas, de tal forma que não recebam influências e inferências de parte de outros grupos sociais, ou frente a situações em que precisam negociar sua convivência com outras culturas, mesmo quando investem em minimizar essas tendências e influências. Ao empreender-se a análise acerca das memórias do professor Arno Sommer, pode-se perceber a alternância a temas recorrentes na bibliografia sobre o empreendimento da imigração estrangeira alemã no Sul do Brasil que antes

---

<sup>159</sup> FERNANDES, Priscila M. *Cotidiano, Etnicidade e Sociabilidade de Imigrantes Japoneses e Descendentes em Londrina*. 2009 p. 4624

<sup>160</sup> MAGALHÃES, Marionilde de Brepohl. *Pangermanismo e Nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil*. 1998 p. 19 e ss.

<sup>161</sup> Idem *ibid.*

confirmam a tese de que os indivíduos participam, em certa medida, de uma consciência mais ampla, de caráter coletivo. São eles principalmente a crença na capacidade empreendedora dos trabalhadores estrangeiros frente aos locais, mesmo quando isso é relativizado, ou atenuado pela influência de fatores externos, como a natureza do clima e as experiências de socializações na primeira infância. Procuo perceber quais são os temas recorrentes nas memórias de um descendente teuto-brasileiro e investigar quais são as implicações práticas, ou o lugar que tais temas ocupam no sistema simbólico de valores do grupo, tendo em vista os conceitos de memória como um elemento de construção social. A *Escola Comunitária* pode ser compreendida como um elemento ao mesmo tempo estruturante e estruturado, já que ela ao mesmo tempo reproduz valores e posturas, além de constituir muitas vezes os primeiros mecanismos de socialização e o lugar onde se agregam os valores necessários para a vida adulta.<sup>162</sup>

A. Sommer era descendente de imigrantes alemães, conforme se denominava, provenientes da região da Westfália. Conforme podemos perceber no relato do próprio autor, a região onde residiu seus primeiros anos era povoada majoritariamente por imigrantes oriundos dessa região da Alemanha e se constituía inicialmente em uma colônia exclusiva, conforme o próprio autor atestou posteriormente em suas *memórias*.<sup>163</sup> Diante de uma postura de exclusivismo étnico, conforme fica manifestado, a presença de imigrantes de uma mesma região e que falam um mesmo idioma, a situação de isolamento de muitas colônias no interior e, por fim, a falta de comunicabilidade e precariedade dos meios de transportes se difundiu, mais tarde, que tais comunidades seriam um entrave à integração nacional, ou constituiriam ‘quistos étnicos e raciais’. À parte propósitos políticos e ideológicos que orientam muitas vezes comunidade de descendentes de imigrantes a se constituírem e compreenderem como grupos étnicos diferenciados, é preciso ressaltar, conforme SEYFERTH (1997), que muitas vezes tais identidades, em sua forma original, assumiam a única forma possível, que era uma reprodução *in loco* das condições de seus países originais.<sup>164</sup>

---

<sup>162</sup> As teorias sobre a o processo de educação como elemento libertário são recentes. Pode-se concordar conforme propõe Durkheim (1978) que a educação tem por finalidade a reprodução de condições de existência. DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. 1978 p. 86

<sup>163</sup> “As localidades que compõe a localidade eram todas povoadas por westfalianos ou descendentes dos mesmos.” SOMMER, Arno. *Reminiscências da Colônia Teutônia – Estrela. Décadas 20 e 30*. 1984 p. 23

<sup>164</sup> SEYFERTH, Giralda. *A assimilação dos imigrantes como questão nacional*. 1997 p. 103

Outro aspecto importante no estudo de sociedades que se denominam como *étnicas* diz respeito a associações comunitárias, ou formações de *microssociedades*, com propósitos de preservação de aspectos que uma determinada cultura compreende como essencial para a sobrevivência do grupo enquanto segmento cultural diferenciado.<sup>165</sup> A partir das memórias de SOMMER pode-se perceber a recorrência de certos motivos que são comuns ao grupo dos *teutos*, e que servem como pontos de referência na evocação da memória do grupo. Tais associações podem ser compreendidas como constituintes dos pontos de referência básicos desse grupo e que no caso analisado perpassam basicamente três instituições: a escola, a Igreja e o uso de uma língua comum. Tais instituições, embora distintas entre si, no fundo possuem uma profunda implicação, já que não são independentes umas das outras. A *Escola*, além de um espaço de sociabilidade, também se constitui um espaço onde predominam posturas de reprodução de um universo de valores dos adultos e serve, muitas vezes, como um mecanismo de reprodução de uma sociedade em menor escala. É indicativo o papel desempenhado pela *Escola Comunitária* nas comunidades de origem alemãs, às quais o autor das memórias teve alguma forma de contato. Relatando, posteriormente, sua experiência de docente na cidade Santa Cruz, o mesmo relata:

O educandário, à minha chegada com a denominação Colégio Sinodal, fora fundado já em 1870, quando a localidade, onde se erguia a cidade de Santa Cruz, contava apenas poucas casas. Entre os primeiros habitantes se encontravam homens de visão e imbuídos de idealismo, que não permitiriam crescessem seus filhos como analfabetos. Com sacrifícios de toda ordem construíram uma escolinha rústica e contrataram um professor, sem contarem com auxílio oficial.<sup>166</sup>

A campanha de nacionalização do ensino, encetada mais tarde durante o período do Estado Novo, tinha posto a descoberto a incapacidade do estado brasileiro, à época, em suprir as comunidades de imigrantes no que respeita à instrução básica, de modo que tais

---

<sup>165</sup> Conforme FAUSTO *apud* Fernandes (2000): “Um aspecto que poderá ser avaliado é o que Boris Fausto (1998) denomina de *microssociedades*, que seriam os laços entre os grupos étnicos que se davam por meio de organizações criadas por eles próprios, se situando entre as esferas públicas e privadas. Seriam os clubes comunitários, teatros, associações de socorro mútuo, sindicatos, templos religiosos, escolas entre outros.” FERNANDES, Priscila M. Cotidiano, *Etnicidade e Sociabilidade de Imigrantes Japoneses e Descendentes em Londrina*. 2009. p. 4626

<sup>166</sup> SOMMER, Arno. *A Caminhada de um professor*. 1986 p. 50

comunidades foram induzidas a formar suas escolas comunitárias com os recursos de que dispunham, o que por outro lado acabou por reproduzir, em esfera local, o ensino sob forma a que este encontraram ou puderam viabilizar. SOMMER (1986) denuncia esse estado de abandono a que foram precipitadas muitas comunidades de imigrantes.

Se uns não dominavam o vernáculo como é desejável, a culpa não é unicamente deles, como já foi exaustivamente comprovado, mas dos governos, principalmente que, desde o início da imigração, não se importaram devidamente pela alfabetização dos filhos e netos de imigrantes. Estes, então, horrorizados com a idéia de seus filhos permanecerem analfabetos, instituíram escolas por conta própria, com professores de seu círculo.<sup>167</sup>

Os propósitos das formações dessas primeiras associações, ou *Escolas Comunitárias*, nem sempre se colocam imediatamente em evidência. Algumas tendências são recorrentes, como o pioneirismo da parte de algumas personalidades, a necessidade de instrução elementar e o falta de infraestrutura diante da qual essas primeiras comunidades de imigrantes tiveram que se defrontar. Onde se observa a emergência de uma busca pela tradição e origens, como estratégia de resistência à massificação cultural e à aculturação, é mais que necessário discutir quais são os espaços reservados à manifestação de identidade *étnico-culturais*, bem como deslindar, quando possível, a evolução e compreensão desses espaços ao longo do tempo. De modo análogo, em sua análise sobre a fundação da *Escola Alemã*, em Ijuí, BRANDT (2009), ex-professora desse estabelecimento, conclui sobre as mesmas premissas.<sup>168</sup>

O autor finaliza suas *reminiscências* apontando uma preocupação de sua parte e que consiste essencialmente no futuro das escolas comunitárias. Viabilizadas inicialmente como a única forma de permitir o acesso às primeiras letras em comunidades onde o acesso não podia ser generalizado, uma vez que tais escolas eram suficientemente dotadas de um aparelho mais fortemente exclusivo, qual seja, o de sua cultura particularizada e, por fim, como esfera de sociabilidade e integração social, se pode afirmar que os primeiros empreendimentos escolares cumpriram a função para a qual foram destinados e estariam em vias de extinguirem

---

<sup>167</sup> SOMMER, Arno. A Caminhada de um professor. 1986 p. 42-43

<sup>168</sup> BRANDT, Mônica. CEAP – Colégio Evangélico Augusto Pestana, trajetória e lições de superação de uma escola: de sua criação (1899) até o fim do estado Novo (1945). 2009 p. 41

como associações comunitárias, seja pela assimilação da função educacional ao Estado, seja pela administração particular.

A sobrevivência de instituições comunitárias coloca questões, porém, mais profundas daquelas que emergem a partir da preocupação do professor Arno Sommer, no que respeita às suas atividades como docente dessa modalidade de instituições. Uma suposta crise identitária desses estabelecimentos escolares, à época em que o autor as descreveu, é não somente possível, mas encontra-se razoavelmente presente nas falas de meus interlocutores, que se identificam ora como *alemães*, ora como *brasileiros*, ou teuto-brasileiros, conforme as circunstâncias e seus objetivos. Mas sob tais condições emergem igualmente soluções, provavelmente não definitivas, mas tentativas no sentido de fugir a essa incomensurabilidade do tempo e perecimento e esquecimento das coisas. Essa problemática diz respeito não somente à viabilidade das escolas comunitárias enquanto empreendimento coletivo, mas também ao direito de acesso dessas coletividades a uma determinada forma de expressão e identidade cultural.<sup>169</sup> Um museu comunitário possivelmente seja uma solução adequada para tais conflitos. Assim, pode-se crer que os empreendimentos e o espírito comunitários não somente não se irão extinguir, conforme acreditava SOMMER, mas virão a ser ponto crescentemente importante e significativo na vida dessas comunidades.

---

<sup>169</sup> A solução proposta pelo autor é menos interessante sob o ponto de vista da sobrevivência das escolas comunitárias, que justificaria uma intervenção estatal, isto é, estatizar as escolas comunitárias, mas que também se percorresse o sentido inverso, garantindo, através do investimento público ou privado às comunidades o acesso à cultura. SOMMER, Arno. *A Caminhada de um professor*. 1986 p. 70

## Considerações finais

Objetivei fazer a demonstração, ao longo deste estudo, de que modo e sob quais circunstâncias surgiu o Colégio Evangélico Augusto Pestana nos primeiros tempos da colônia Ijuí a partir da iniciativa de um grupo de imigrantes alemães, ou descendentes de imigrantes, no final do século dezenove, procurando perceber as especificidades do contexto local, que tornaram possível a viabilidade de uma *escola alemã*. Conclui-se que o contexto em qual estavam inseridos estes imigrantes em grande medida determinou as características desta instituição de ensino com conotações culturais étnicas, em um primeiro momento, e posteriormente como realidade multicultural.

Ao empreender a análise dos diversos discursos presentes na formação e história do Colégio Evangélico Augusto Pestana, através de documentos e falas de meus interlocutores, pude perceber que o estabelecimento de ensino esteve vinculado, desde seus primeiros tempos de atividade, como *Escola Alemã*, às particularidades do processo de colonização local. Este processo, caracterizado como multiétnico por diversos autores teve a emergência e relativa visibilidade do contingente *teuto*, que havia assumido um papel de relativo destaque, econômico e cultural, na sociedade local. Este contingente deu origem à *Escola Alemã*, atualmente Colégio Evangélico Augusto Pestana, de Ijuí, tendo sobrevivido como estabelecimento comunitário até o advento do Estado Novo e a consequente repressão ideológica que sobreveio dos mecanismos repressores do Estado, particularmente no campo da educação. Após o período de nacionalização do ensino, em fins da década de 1930, início de 1940, através de um processo de maleabilidade e flexibilidade, ao invés de seu caráter restritivo, somado ao processo de assimilação de imigrantes de segunda ou terceira geração ao contexto local, foi que o Colégio Evangélico Augusto Pestana viabilizou a si mesmo, e tornou a sua história pessoal um reflexo da história do município, apresentando-se hoje em dia como um estabelecimento de ensino aberto ao multiculturalismo.

Conforme o demonstrou BRANDT (2009), foi através do diálogo junto a autoridades locais e sua posterior vinculação com a Comunidade Evangélica de Ijuí que lhe permitiu a continuidade de suas atividades educacionais sob novas condições, uma vez que a Escola teria que se adequar às novas diretrizes de ensino. O sentido dessa argumentação, constituída *a posteriori*, foi justificar-se diante da ameaça de fechamento do estabelecimento, já que o Estado não intervinha em instituições religiosas. Hoje, entretanto, não se percebe a dissociabilidade entre as duas instituições, permanecendo a escola em uma relação de complementaridade junto à Comunidade Evangélica, e a mesma em relação à escola. Hoje ambas as entidades mantêm projetos paralelos e há mesmo uma tal identidade de interesses que por vezes torna-se difícil compreender estes dois contextos como espaços diferenciados. O dístico dessa relação pode ser representado na fusão entre o Museu Escolar do CEAP e o Museu Abin Brendler, que vieram a se tornar apenas uma instituição.

Enfim, tentou-se compreender a fundação do Museu Escolar do CEAP, em 1973, como o resultado de um processo contínuo, da parte de membros da comunidade escolar e evangélica, no intuito de um resgate de uma suposta identidade teuto-evangélica, que se estava perder, a partir da reconstituição de uma memória coletiva, socialmente compartilhada.



## Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a expansão do Nacionalismo. Tradução Catarina Mira. Lisboa. Edições 70. 2005

ARÉVALO, Javier Marcos. La tradición, el patrimonio y la identidad. UEx. Disponível em [www.dip-badajoz.es/publicaciones/reex/.../estudios\\_02\\_rcex\\_3\\_2004.pdf](http://www.dip-badajoz.es/publicaciones/reex/.../estudios_02_rcex_3_2004.pdf). Acesso em 10 de setembro de 2011

BANN, Stephen. As invenções da História. Ensaios sobre a representação do passado. São Paulo. Editora da Universidade estadual Paulista (Unesp). 1994.

BEATTIE, John. O que os antropólogos estudam: a necessidade de teoria IN. Introdução à antropologia social. São Paulo. Ed. USP. 1971

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 7ª Ed. Petrópolis. Vozes. 1985

BINDÉ, Ademar Campos. Os alemães. Ijuí. s/d.

BONALUME NETO, Ricardo. A nossa segunda guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945. Rio de Janeiro. Expressão e Cultura. 1995

BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo. Companhia das Letras. 1992

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 13ªed. São Paulo. Companhia das Letras. 2006

BRANDT, Monica. CEAP – Colégio Evangélico Augusto Pestana. Trajetórias e Lições de Superação de uma Escola: de sua criação (1899) até o fim do Estado Novo (1945). Ijuí. Ed. Unijuí. 2009.

BRANDT, Monica. Instantâneos de uma Escola Alemã no Panorama de uma Colonização Multiétnica: O CEAP em Ijuí. Ijuí. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 2005

Breve histórico do Ginásio Evangélico Augusto Pestana: da escola da roça ao ginásio moderno. Elaborado por Henrique Siedenberg e organizado e traduzido por Íris Zwanziger e Ulrich Löw, 1952.

- BRUM, Argemiro J. Universidade regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul: UNIUI: uma experiência de universidade comunitária: sua história, suas idéias. 2ª Ed. rev. e at. Ijuí. Ed. Unijui. 1998
- CANABARRO, Ivo dos Santos. Dimensões da Cultura fotográfica no sul do Brasil. Ijuí. E. Unijuí. 2011
- CARRETERO, Mario. Documentos de identidad: la construcción de la memoria histórica em um mundo global. 1ªed. Buenos Aires. Paidós. 2007.
- CHAGAS, Mario de Souza. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó. Argos. 2006
- CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo. Estação Liberdade. Editora Unesp. 2001
- CUNHA, Manoela Carneiro da. Parecer sobre os critérios de identidade étnica. Antropologia no Brasil. Mito, história e etnicidade. São Paulo. Brasiliense. 1986
- DAMATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução à antropologia social. Rocco. Rio de Janeiro. 1993.
- DARONCO, Leandro Jorge. À sombra da Cruz. Trabalho e resistência servil no noroeste do Rio Grande do Sul – segundo os processos criminais (1840-1888). Passo Fundo. Ed. Universidade de Passo Fundo. 2006
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. IN: LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (org.) Reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo. Ceru. 1999 p. 35 – 45
- DURKHEIM, Émile. Educação e Sociologia. São Paulo. Melhoramentos. 1978
- FAUSTO, Bóris. História do Brasil. São Paulo. EDUSP. 1995.
- FERNANDES, Priscila M. Cotidiano, Etnicidade e Sociabilidade de Imigrantes Japoneses e Descendentes em Londrina. 2009. Disponível em <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/420.pdf> Acesso em 21 de fevereiro de 2012
- FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves e VIDAL, Diana Gonçalves (org). Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte. Argvumentvm. CNPQ, 2005
- FISCHER, Luís A. & GERTZ, René (org.) Nós, os teuro-gaúchos. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS. 1996
- FISCHER, Martim. Augusto Pestana. O homem e sua obra. Museu Antropológico Diretor Pestana. Ijuí. 1968

- FREIRE, Beatriz Muniz. O Encontro Museu/Escola. O que se diz e o que se faz. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1992
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas, Rio de Janeiro, Zahar. 1978
- GERTZ, René. O fascismo no sul do Brasil. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1987
- GERTZ, René. O perigo alemão. Porto Alegre. Ed. Da Universidade. UFRGS. 1991
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como categoria de pensamento. IN. ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (org.) Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. 2ª Ed. Rio de Janeiro. 2009.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo. Centauro. 2006
- HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro. OP&A. 2001.
- HEIM, Alexandre. Comunidade Evangélica de Ijuí. 85 anos (1895-1980). Gráfica Michaelсен. s/d
- HOBBSAWN, Eric. Nações e Nacionalismo desde 1780. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 5ª ed. 2008
- HOBBSAWN, Eric & RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Paz e Terra. São Paulo. 1984
- IJUÍ. Terra das Culturas diversificadas. A história das Etnias. Ijuí. 1991. s/d
- KESSEL, Zilda. Memória e memória coletiva. s/d. Disponível em: [http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda\\_kessel\\_memoria\\_e\\_memoria\\_coletiva.pdf](http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf) Acesso em 10 de setembro de 2011
- LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo. Brasiliense. 2000
- LAZZAROTTO, Danilo. História da Ijuí. Ijuí. Ed. Unijuí. 2002.
- LUCCHESI, Lígia Carlan. A Presença das Olimpíadas Evangélicas no contexto do Colégio Evangélico Augusto Pestana (1954-2004). Ijuí. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 2004
- MAGALHÃES, Marionilde de Brepohl. Pangermanismo e Nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil. FAPESP. Editora da Unicamp. 1998
- MARQUES, Mario Osório. Ijuí (RS): uma cultura diversificada. Ijuí. Ed. Unijui. 2002.
- MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. Textos 3. São Paulo. Alfa-Ômega. s/d.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Vol. II. São Paulo. EPU. 1974

MELLO, Gilvan Oliveira. Congregação Evangélica Luterana “São Paulo” Linha 08 Oeste. Ijuí – RS: Relações de poder na comunidade 1898 – 1926. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí. 2007

Museu Antropológico Diretor Pestana: 40 anos de história. Ijuí. Editora da Unijui. 2002

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo. Editora UNESP. São Paulo. 2000

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. Disponível em [www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf) Acesso em 08 de jun. de 2011

POSSAMAI, Zita Rosane. O Patrimônio em construção e o conhecimento histórico. IN. Ciências & Letras. N.27 Porto Alegre. Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras, jan./jun. 2000

RAMOS, Francisco Régis Lopes. A danação do objeto: o museu no ensino de história. Chapecó. Argos. 2004

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo. Companhia das Letras, 2006

SAHLINS, Marshall. Ilhas da História. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1994

SEYFERTH, Giralda. A invenção da Raça e o Poder Discricionário dos Estereótipos. In. Anuário Antropológico. In: Anuário antropológico 93. RJ, Tempo Brasileiro, 1995. p.175-203.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. Mana [online]. 1997, vol.3, n.1, pp. 95-131. ISSN 0104-9313. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131997000100004>. Acesso em 08 de jun. de 2011

SOARES, André L. R. (org.). Educação patrimonial: teoria e prática. Santa Maria. Ed. Da UFSM, 2007

SOMMER, Arno. A Caminhada de um professor. São Leopoldo. Rotermond S.A. 1986

SOMMER, Arno. Reminiscências da Colônia Teutônia – Estrela. Décadas 20 e 30. São Leopoldo. Rotermond S.A. 1984

TEDESCO, João Carlos e ZANINI, Maria Catarina C (org.). Migrantes ao Sul do Brasil. Ed. da UFSM. Santa Maria. 2010

THOMPSON, Paul. A Vos do passado. História oral. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1998

### **Periódicos pesquisados**

Jornal da Manhã, edição de 26 de maio de 1973, nº 09, ano I

Jornal da manhã, edição de 22 de maio de 2001, nº 40, ano 12.

Correio Serrano, edição de 19 de outubro de 1973 s/d

Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana - ÁGORA, edição do 2º semestre/1998  
nº 02 ano II

Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana - ÁGORA, edição de 1º trimestre/1999  
nº 03 ano II

Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana - ÁGORA, na edição de março/2001  
nº12 ano IV

Informativo do Colégio Evangélico Augusto Pestana. – ÁGORA, 4º edição/1999 nº 06 ano II

## Lista de Anexos